

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**PORTFÓLIO ACADÊMICO
NINHO DA SERRA: PATRIMÔNIO HISTÓRICO AIURUOCANO REUTILIZADO
COMO Pousada GASTRONÔMICA E CULTURAL**

JOANNA BEATRIZ SILVA RAMOS

**LAVRAS-MG
2025**

JOANNA BEATRIZ SILVA RAMOS

**NINHO DA SERRA: PATRIMÔNIO HISTÓRICO AIURUOCANO REUTILIZADO
COMO POUSADA GASTRONÔMICA E CULTURAL**

Portfólio Acadêmico apresentado ao Centro Universitário de Lavras, como parte das exigências da disciplina Habilidade Vocacionais, curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo.

ORIENTADORA

Prof^ª. Janaína Faleiro Lucas Mesquita

LAVRAS-MG
2025

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento
Técnico da Biblioteca Central do UNILAVRAS

R175n Ramos, Joanna Beatriz Silva.
Ninho da Serra: Patrimônio Histórico Aiuruocano reutilizado
como pousada gastronômica e cultural / Joanna Beatriz Silva
Ramos. – Lavras: Unilavras. 2025.

111f.: il.

Portfólio acadêmico (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)
– Unilavras, Lavras, 2025.

Orientador: Prof^a. Janaína Faleiro Lucas Mesquita.

1. Gastrobar. 2. Patrimônio. 3. Pousada. 4. Retrofit.
I. Mesquita, Janaína Faleiro Lucas. (Orient.). II. Título.

JOANNA BEATRIZ SILVA RAMOS

**NINHO DA SERRA: PATRIMÔNIO HISTÓRICO AIURUOCANO REUTILIZADO
COMO Pousada GASTRONÔMICA E CULTURAL**

Portfólio Acadêmico apresentado ao Centro Universitário de Lavras, como parte das exigências da disciplina Habilidades Vocacionais, curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em 24/11/2025

ORIENTADORA
Prof^a. Janaína Faleiro Lucas Mesquita

LAVRAS-MG
2025

Dedico este portfólio à memória daquelas que partiram, mas deixaram em mim marcas profundas de amor, inspiração e coragem. Darci, Lúcia e Oranides, que este trabalho seja uma forma de honrar tudo que me ensinaram e o quanto contribuíram para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com todo meu amor, à minha mãe, Angelina. Que com sacrifício, fé e dedicação incansável, sempre acreditou no meu potencial e me ensinou o verdadeiro valor da perseverança. Nos momentos em que pensei em desistir, foi a sua força que me sustentou. Cada conquista minha também é sua.

Ao meu namorado, Mateus, que tornou essa caminhada mais leve e possível. Você foi meu alento nos dias difíceis, sou imensamente grata por cada palavra de incentivo e por sua presença constante.

À minha família, meu alicerce e porto seguro, que me apoiou de tantas formas ao longo deste percurso. A todos que estenderam a mão quando precisei, meu sincero agradecimento.

Aos que já partiram, mas permanecem vivos em minha memória e coração, deixo minha eterna gratidão. Suas lições, gestos de amor e exemplos continuam a me guiar. Este trabalho também é dedicado à doce lembrança de vocês.

Ao Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS), por ter sido palco de uma das etapas mais enriquecedoras da minha trajetória. Agradeço pelo ambiente acolhedor e pelo corpo docente comprometido, que tanto contribuiu para minha formação. Em especial, à minha orientadora Janaína, por sua paciência, sabedoria e dedicação. Seu apoio foi essencial para que este projeto se tornasse realidade.

Aos amigos de longa data que, direta ou indiretamente, contribuíram com palavras e apoio durante todo o processo, deixo minha gratidão. E aos colegas de curso, que compartilharam comigo os desafios e conquistas dessa jornada. Ana Clara, Gabriela, Laila, Mariana e Vitória, obrigada pela parceria, pelos conselhos e pelos sorrisos nos momentos difíceis.

Aos queridos conterrâneos aiuruocanos, verdadeiros guardiões da nossa história, minha homenagem e reconhecimento. Foi a memória coletiva, a cultura viva e o carinho de vocês por nossa terra que inspiraram este trabalho.

E, acima de tudo, agradeço a Deus, fonte de toda força, sabedoria e esperança. Em cada passo dessa caminhada, senti Sua presença me sustentando, guiando e renovando. Foi pela graça de Maria que encontrei coragem para seguir adiante e superar os momentos de incerteza. A Ele, toda honra e gratidão.

“De um traço nasce a arquitetura. E quando ele é bonito e cria surpresa, ela pode atingir, sendo bem conduzida, o nível superior de uma obra de arte.”

Oscar Niemeyer

(1993)

RESUMO

Este projeto tem como objetivo a revitalização do antigo Colégio Santa Edwiges, localizado em Aiuruoca, Minas Gerais. A fim de reinseri-lo na dinâmica urbana como uma pousada integrada a espaços destinados a atividades culturais e gastronômicas. A proposta visa não apenas conservar um edifício de valor histórico, mas também impulsionar o turismo, fortalecer a economia local e reforçar os vínculos da comunidade com sua identidade cultural. Inserida na Serra da Mantiqueira, a cidade se destaca pelo seu potencial ambiental, sendo parte do Circuito Turístico Terras Altas da Mantiqueira. Com 17 bens tombados entre patrimônios materiais e imateriais, preserva um rico acervo arquitetônico e tem adotado medidas voltadas à valorização e ao estímulo do turismo cultural e religioso. Neste cenário, a requalificação de imóveis subutilizados representa uma alternativa estratégica para diversificar os atrativos e fomentar o desenvolvimento sustentável da região. O projeto fundamenta-se em bases teóricas relacionadas ao patrimônio cultural, compreendido como elemento central na preservação da memória coletiva e na construção do sentimento de pertencimento. São apresentados os conceitos de intervenções arquitetônicas possíveis, como meio de assegurar a continuidade dessas estruturas no tempo. A educação patrimonial é incorporada como ferramenta essencial para promover a valorização social dos bens históricos. Para nortear as escolhas arquitetônicas, foram selecionados quatro estudos de caso: o Convento das Bernardas, a Pousada Literária de Paraty, o Toro Gastrobar e o Museu de Arte do Rio. Esses exemplos fornecem referências valiosas sobre como aliar preservação patrimonial, inovação, funcionalidade contemporânea e valorização da cultura local, aspectos que conduzem a proposta de retrofit. O Colégio Santa Edwiges está situado em um ponto estratégico da cidade, em uma zona com potencial para uso comercial, qual favorece a implantação de serviços como hospedagem e gastronomia. O entorno é caracterizado por relevo acidentado e a proximidade de outros bens culturais, fatores que influenciam diretamente as decisões projetuais.

Palavras-chave: Aiuruoca/MG; Gastrobar; Patrimônio; Pousada; Retrofit.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: REVISÃO DE LITERATURA	11
1.1 Patrimônio Cultural, sua preservação e conservação	12
1.2 Contexto Histórico de Aiuruoca e seus Patrimônios	18
1.3 Desenvolvimento Local e Infraestrutura	30
1.4 Colégio Santa Edwiges e o Retrofit como Estratégia de Requalificação	36
CAPÍTULO II: ESTUDOS DE CASO	40
2.1 Complexo residencial e turístico: Convento das Bernardas	41
2.2 Pousada Literária de Paraty	52
2.3 Mar Museu de Arte do Rio	57
2.4 Toro Gastrobar	68
CAPÍTULO III: PROBLEMÁTICA	75
CAPÍTULO IV: DIRETRIZES PROJETUAIS	77
4.1 Análise e Diagnóstico do Entorno e Leis Vigentes	77
4.2 Conceituação Projetual	95
4.3 Programa de Necessidades, Setorização e Fluxograma	95
CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Pico do Papagaio em relação à cidade de Aiuruoca	20
Imagem 2 – Paróquia Nossa Senhora da Conceição.....	23
Imagem 3 – Museu Municipal.....	24
Imagem 4 – Praça do Pantheon.....	24
Imagem 5 – Edifício da Antiga Cadeia e Igreja do Rosário	25
Imagem 6 – Fórum da Comarca de Aiuruoca.....	26
Imagem 7 – Edificação à Rua Doutor Antônio Guimarães	26
Imagem 8 – Semana Santa.....	27
Imagem 9 – Aiurufolia	28
Imagem 10 – Colégio Santa Edwiges	29
Imagem 11 – Fachada Escola Paroquial Santa Edwiges.....	36
Imagem 12 – Fachada Colégio Santa Edwiges.....	37
Imagem 13 – Convento após terremoto de 1755	42
Imagem 14 – Convento após Reabilitação.....	44
Imagem 15 – Portal estilo Manuelino	46
Imagem 16 – Fachada Nordeste: Convento das Bernardas	46
Imagem 17 – Fachada Frontal Pousada	53
Imagem 18 – Circulações Pousada.....	54
Imagem 19 – Suíte Pousada	55
Imagem 20 – Área de Lazer Pousada.....	56
Imagem 21 – Restaurante Pousada.....	56
Imagem 22 – Rua Américo Rangel	60
Imagem 23 – Fachada Principal: MAR.....	60
Imagem 24 – MAR: Antes da Intervenção.....	63
Imagem 25 – MAR: Após a Intervenção.....	64
Imagem 26 – Acesso ao Gastrobar	70
Imagem 27 – Entrada Principal	72
Imagem 28 – Interior do Restaurante	72
Imagem 29 – Estrutura em Balanço	73
Imagem 30 – Área de Convivência Externa	73
Imagem 31 – Área Central de Preservação do Patrimônio Histórico	79
Imagem 32 – Aiuruoca no início do séc. XX e em 2022.....	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Terras Altas Mantiqueira e Acessos	21
Figura 2 – Localização dos ambientes	44
Figura 3 – Partido Projetual de Souto de Moura	45
Figura 4 – Intervenção de Souto de Moura	45
Figura 5 – Setorização Primeiro Pavimento: Convento das Bernardas	48
Figura 6 – Setorização Pavimento -1 (subsolo): Convento das Bernardas	48
Figura 7 – Fachada Leste: Convento das Bernardas	48
Figura 8 – Apartamento Tipo A	49
Figura 9 – Apartamento Tipo B	50
Figura 10 – Apartamento Tipo C	50
Figura 11 – Planta Baixa Térreo: Pousada	54
Figura 12 – 3D Ondulações da cobertura	61
Figura 13 – Processo de Execução da Cobertura (Parte 1).....	62
Figura 14 – Processo de Execução da Cobertura (Parte 2).....	63
Figura 15 – Acessos e Acessibilidade: MAR.....	64
Figura 16 – Curso de Visitação: MAR	65
Figura 17 – Pavimento Térreo: MAR.....	66
Figura 18 – 1°, 2° e 3° Pavimento: MAR.....	66
Figura 19 – 4° Pavimento: MAR.....	67
Figura 20 – 5° Pavimento: MAR.....	67
Figura 21 – Planta de Paisagismo	69
Figura 22 – Corte: Toro Gastrobar.....	70
Figura 23 – Fluxograma e Setorização: Toro Gastrobar	71
Figura 24 – Planta Baixa: Toro Gastrobar	71
Figura 25 – Curvas de Nível e Modificações do Terreno.....	92
Figura 26 – Cortes AA, BB e CC.....	93
Figura 27 – Fachada Noroeste	94
Figura 28 – Fachadas Sudoeste e Nordeste.....	94
Figura 29 – Fachada Sudeste	94
Figura 30 – Fachadas Internas (átrio central).....	95
Figura 31 – Partido Arquitetônico.....	96
Figura 32 – Fluxograma e Setorização	99

LISTA DE MAPAS E TABELAS

Mapa 1 – Localização: Aiuruoca – MG.....	21
Mapa 2 – Patrimônios do entorno do Colégio Santa Edwiges	30
Mapa 3 – Turismo Rural.....	33
Mapa 4 – Localização: Convento das Bernardas	43
Mapa 5 – Localização do Museu.....	59
Mapa 6 – Vias Subterrâneas.....	59
Mapa 7 – Localização do Terreno.....	78
Mapa 8 – Morfologia Urbana.....	80
Mapa 9 – Figura e Fundo	81
Mapa 10 – Hierarquia Viária e Expansão Urbana	84
Mapa 11 – Uso e Ocupação do Solo.....	85
Mapa 12 – Zoneamento Urbano.....	87
Mapa 13 – Gabarito das Edificações.....	89
Mapa 14 – Clima, Vegetação e Desníveis	91
Tabela 1 – Horários de Ônibus Intermunicipais.....	83
Tabela 2 – Parâmetros Geométricos das Vias	84
Tabela 3 – Vagas de Estacionamento	87
Tabela 4 – Ocupação e Uso do Solo.....	88
Tabela 5 – Parâmetros Urbanísticos	88
Tabela 6 – Programa De Necessidade E Pré-Dimensionamento	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍGLAS

- CCPAR – Companhia Carioca de Parcerias e Investimentos
CPBA – Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos
FIPE – Fundação Instituto De Pesquisas Econômicas
FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty
IAS – Instituto Água e Saneamento
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEPHA-MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
INDE – Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
NBR – Norma Brasileira Regulamentadora
MAR – Museu de Arte do Rio
MG – Minas Gerais
m² – metros quadrados
RJ – Rio de Janeiro
Rod. – Rodovia
PIB – Produto Interno Bruto
s.d. – Sem Data
SEDESA – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
VLT – Veículo Leve Sobre Trilhos

INTRODUÇÃO

A Serra da Mantiqueira, conhecida por sua paisagem montanhosa, clima ameno e atrativos naturais como cachoeiras, trilhas e mirantes, tem despertado o interesse de visitantes em busca de lazer e reconexão com a natureza (Gomes, 2020). Entre os municípios que compõem essa região está Aiuruoca, no sul de Minas Gerais, cidade que, além de seu potencial ecológico, possui um valioso acervo cultural e arquitetônico, herdado principalmente do período colonial. De acordo com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental (SEDESA), o município recebe anualmente cerca de dez mil turistas (Guia Do Viajante, 2020), número que praticamente triplica durante o tradicional Carnaval Antecipado, evento reconhecido como patrimônio imaterial local (Portal Minas Gerais, 2017).

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de fortalecer a infraestrutura urbana voltada ao turismo, ao mesmo tempo em que se preservam os traços históricos e culturais da cidade. A proposta de revitalização do antigo Colégio Santa Edwiges, edificação situada em região central e atualmente em deterioração (Segredos de Aiuruoca, 2025), surge como uma resposta a esse desafio. O projeto visa reverter o edifício em uma pousada acessível, integrada a um espaço multifuncional voltado para eventos culturais e a valorização do artesanato local. A reintegração do colégio ao cotidiano da cidade representa não apenas a recuperação de um bem material de valor histórico, mas também a criação de um novo ponto de articulação comunitária e econômica.

O problema central que orienta este trabalho reside na inatividade e subutilização de edificações históricas em pequenas cidades do interior mineiro, que, muitas vezes, são deixadas à margem dos processos de planejamento urbano e cultural. Como requalificar uma estrutura patrimonial sem descaracterizá-la, garantindo sua funcionalidade e relevância no contexto atual da cidade?

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa baseia-se nos princípios do retrofit como intervenção da edificação, convertendo-a em uma estrutura funcional e acolhedora para moradores e visitantes. Os objetivos específicos incluem: (I) compreender a importância da preservação do patrimônio cultural e suas diretrizes projetuais; (II) analisar a história de Aiuruoca, especialmente sob a ótica cultural e

urbana; (III) estudar as demandas turísticas atuais da cidade; (IV) investigar o contexto histórico e arquitetônico do Colégio Santa Edwiges; (V) recuperar sua estrutura respeitando os princípios de conservação e reuso; (VI) propor um projeto arquitetônico que atenda tanto às necessidades da população local quanto às expectativas dos turistas.

A relevância do trabalho se sustenta na necessidade de ações que aliem preservação histórica à geração de valor social e econômico. Intervenções como essa permitem não apenas conservar a memória coletiva, mas também promover o desenvolvimento sustentável por meio da valorização da identidade local e da dinamização do turismo.

A metodologia adotada neste portfólio consiste na pesquisa qualitativa e descritiva, com base em revisão bibliográfica sobre patrimônio, reuso e retrofit, além de análise documental, levantamento histórico, observações de campo e estudos de caso de projetos arquitetônicos correlatos, que servirão como referência para o desenvolvimento da proposta.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: o Capítulo 1 aborda os fundamentos teóricos sobre patrimônio cultural, formas de intervenção e a importância da educação patrimonial. O Capítulo 2 apresenta a contextualização histórica e urbana de Aiuruoca, destacando suas potencialidades culturais e turísticas. No Capítulo 3, são discutidos quatro estudos de caso que fundamentam as escolhas projetuais. O Capítulo 4 realiza a análise do terreno e do edifício, além de apresentar o programa de necessidades e a proposta arquitetônica. Por fim, são expostas as considerações finais, ressaltando a importância da revitalização como ferramenta de preservação e transformação urbana.

CAPÍTULO I: REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo, aborda a base teórica que sustenta este portfólio. Inicialmente, introduz a influência conceitual da intervenção de um patrimônio cultural. Posteriormente, são detalhadas as questões relacionadas a salvaguarda dos bens tombados e os métodos disponíveis para a sua conservação (definição dos R's do patrimônio). Após exposto o histórico da cidade de Aiuruoca, as questões referentes a infraestrutura e desenvolvimento local são discutidas, a fim de conhecer as demandas atuais da cidade. Por fim, apresentada a edificação a ser revitalizada e sua relevância, para enfim, definir o melhor método de requalificação para os espaços e seus ocupantes.

1.1 Patrimônio Cultural, sua preservação e conservação

O mundo é incrivelmente diverso em termos de culturas, línguas, tradições e modos de vida. Segundo Castriota (2009, p.42), “o patrimônio cultural de um povo é o maior depositário de sua identidade, daqueles elementos diferenciais que os caracterizam [...]”. O patrimônio cultural simboliza, portanto, uma manifestação concreta dessa diversidade. Preservar elementos que representam os valores e as tradições de um povo significa manter viva sua história e memória coletiva.

Ao reconhecer essa importância, legislações e organismos internacionais passaram a incorporar mecanismos de proteção ao patrimônio. No Brasil, os artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 ampliaram o conceito de patrimônio cultural ao reconhecer tanto os acervos materiais quanto os de natureza imaterial. Em âmbito global, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) atuam na identificação, proteção e conservação do patrimônio cultural e natural de relevância universal, reforçando o compromisso com a valorização da diversidade como um bem comum da humanidade (UNESCO, 2020).

Através da “Convenção Para A Salvaguarda Do Patrimônio Cultural Imaterial”, foi definido com patrimônio intangível, as práticas, expressões, saberes e técnicas, que as comunidades identificam como componentes de sua identidade (UNESCO, 2003). Já o patrimônio material, é um agrupamento de bens tangíveis que são

reconhecidos, devido à sua importância histórica, artística ou científica. Pode-se considerar como patrimônios físicos os: monumentos, que englobam construções arquitetônicas, esculturas, pinturas de grande escala, estruturas arqueológicas e moradias em cavernas; conjuntos de edificações, que se destacam pela sua arquitetura, uniformidade ou integração à paisagem; e sítios, que englobam obras humanas ou interações com o meio ambiente (UNESCO, 1972).

O patrimônio da cidade representa o conjunto de bens tangíveis e intangíveis de um determinado local. No Brasil, a gestão é realizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a fim de proteger e valorizar os pertences culturais do país. (IPHAN, 2020).

Para que um bem imaterial seja protegido, existe um programa direcionado, especificamente, para esses patrimônios formados por itens que tiveram um papel fundamental na construção da sociedade: o registro. Ao serem documentados, são reconhecidos e catalogados em um dos “Livros de Registro”. O qual certifica, juridicamente, a conservação, reconhecimento e apreciação do Patrimônio Cultural do Brasil. (IPHAN, 2014d).

A Carta Magna, estabelece métodos de preservação para acervos materiais como, Inventário e Tombamento. Estes procedimentos, asseguram as construções, cenários e conjuntos urbanos de relevância histórica e cultural, com relação a sua conservação. Além de limitar modificações nas edificações protegidas, garantindo sua integridade e durabilidade para as gerações futuras. (IPHAN, 2014c).

No entanto, observa-se, particularmente em relação aos acervos arquitetônicos, que muitos desses bens, após serem declarados patrimônio, acabam sendo deixados de lado ou esquecidos (Furtado, 2015). A simples menção de valores históricos não é suficiente para a sua salvaguarda. Nesse sentido, pode-se entender o conceito de patrimônio urbano, sendo a incorporação da dimensão social do espaço, como sua materialização de significados socialmente estabelecidos, o desenvolvimento histórico atual e a cultura como uma “coisa viva” em constante transformação (Geraldes, 2004).

A resguarda de um bem cultural ultrapassa a simples manutenção de construções antigas, ele simboliza a vivência de uma comunidade, sendo crucial para o reforço do sentimento de pertencimento. Como afirma Aparecida (2015), a

identidade provoca o que denominamos de sentimento de pertença. Portanto, a identificação em objetos, construções, tradições, conhecimentos e maneiras dos lugares, é o que nos direciona como cidadãos. Ou seja, não é possível quantificar o grau de cultura presente em duas comunidades distintas, uma vez que cada uma foi formada a partir de seu contexto social.

Quando não há esse sentimento de pertença, existem maneiras de fortalecer ou criar este elo na população. Um exemplo disso é a “Educação Patrimonial”, que engloba métodos de ensinamentos formais e informais que incentivam a compreensão e a apreciação do patrimônio cultural. O conhecimento é construído coletivamente, com as comunidades participando ativamente na identificação de suas referências culturais (IPHAN, 2014a). Este vínculo afeta diretamente a coesão social e o conceito do ambiente urbano, promovendo ações e envolvimento na conservação do patrimônio.

Sob essa perspectiva, é importante ressaltar que nem todos os elementos culturais presentes na comunidade local, são efetivamente reconhecidos como patrimônio cultural. Somente aqueles que obtêm valor coletivo. (IPHAN, 2016):

Notem que nem tudo que forma uma cultura é patrimônio cultural. Por exemplo, aspectos como a falta de educação no trânsito ou costume de jogar lixo na rua são, sem dúvida, aspectos culturais, mas definitivamente, não são patrimônios culturais (IPHAN, 2016, p. 7 e 8).

A comunidade, ao se conectar com o ambiente cultural de onde vive, estabelece uma relação emocional e afetiva. E, isso possibilita a percepção das áreas históricas como algo além de um mero agrupamento de monumentos isolados, mas como um conjunto de relações que estão fortemente ligadas a um determinado contexto social (Araripe, 2004).

Nesse sentido, ao entender a relevância de um patrimônio histórico, deve-se analisar o contexto em que o bem material está localizado. Segundo Brandi (1963), em Teoria da Restauração, toda intervenção deve preservar a integridade da obra, assegurando que sua essência histórica seja mantida enquanto se integra a um novo cenário funcional. Além do mais, deve-se manter o equilíbrio entre o antigo e o novo, transformando o patrimônio para que se mantenha relevante sem perder sua autenticidade histórica, como muito bem defendido por Viollet-le-Duc (1863), em *Entretiens sur l'architecture*.

Ainda sobre Viollet-le-Duc (1875), em *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*, outra obra de grande impacto do autor, ele descreve

que a ação sobre o patrimônio histórico deve visar uma "recuperação ideal" que assegure a continuidade do edifício com as demandas da sociedade. Para que a intervenção de um patrimônio material seja possível, torna-se necessário compreender os métodos disponíveis para a sua conservação e as necessidades do local em que está inserido. Para que, além de serem recordados, possam ser preservados.

Sabe-se que o patrimônio é algo global, podendo também ser encarado como um fato social abrangente, visto que é o palco onde se revelam várias dimensões, tais como a simbólica, política e econômica (Veloso, 2006). Portanto, é de suma importância ter em vista os órgãos encarregados de supervisionar e proteger esses bens.

O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), tem a função de garantir a pesquisa, tombamento, restauração e educação patrimonial. Além de fornecer suporte técnico e financeiro aos municípios, intermediando com entidades federais e sociedade civil para assegurar a preservação da cultura de Minas Gerais (IEPHA, 2016).

Já preservação municipal é realizada através dos conselhos de patrimônio, formados por membros da comunidade e regidos por um "Regimento Interno". Esses conselhos trabalham na supervisão e promoção do patrimônio histórico-cultural local, tendo a possibilidade de recorrer ao poder legislativo municipal para tomar decisões relacionadas ao assunto (IPHAN, 2023).

Conforme já referido, o patrimônio cultural de uma comunidade é formado por uma variedade de bens culturais. A presença física das edificações que formam os espaços urbanos, desempenha um papel social relevante. Apenas por estarem expostos, eles atuam como suporte para memórias coletivas (Lemos, 2017). Desta forma, é preciso consultar a população a nível municipal, para entender se há, de fato, a necessidade da intervenção do bem tombado. Pois, apenas o sentimento de pertença e a experiência dos residentes em relação ao seu patrimônio, garantem a preservação do bem, como afirma Pelegrini (2008).

A salvaguarda de acervos segue duas ideias de preservação: a conservação preventiva e a intervenção curativa (Carvalho e Silva, 2006). A partir do momento em que a obra de uma edificação é concluída, seu processo de deterioração começa.

Antes de qualquer ação, é essencial mencionar que a manutenção contínua de uma bem material, é o principal recurso para a sua preservação (CPBA, 1997). Assim, pode-se concluir que a preservação é advinda da conservação preventiva, ou seja, trabalhos renovados e interruptos para manter o patrimônio em boas condições.

A intervenção, se define por qualquer mudança no aspecto físico, nas condições de visibilidade e na atmosfera de um bem arquitetônico tombado ou de sua área circundante (Jusbrasil, 2010). Começa a partir da necessidade de estabilizar ou reparar danos já existentes, através de ações diretas. Segundo Fioranni (2007), existem duas categorias de degradação: a de superfície e a de estrutura. A primeira ocorre nas superfícies, sendo frequentemente perceptível por serem provenientes dos materiais. E a segunda é causada pela estrutura, como mudanças, problemas nas fundações, colapso, entre outros problemas.

Devido à circunstância, existe um acordo para executar intervenções em patrimônios edificados, com o objetivo de valorizar as cidades e preservar a memória (Castilho, 2008). Os métodos de recuperação e proteção dos edifícios históricos, denominados r's do patrimônio, ajudam a entender qual instrumento será empregado, conforme o interesse pretendido. São eles: *reforma*, *restauração*, *reparação*, *retrofit* (ou *reconversão*), *reconstrução*, *revitalização* e *requalificação*.

A *reforma* é definida pela adesão da demolição de grande parte da edificação, através do uso de ferramentas e métodos construtivos que não se apegam à originalidade da edificação (Mesquita, 2023). Oposto a restauração, que se baseia em uma profunda investigação e análise histórica do bem cultural e das técnicas que foram aplicadas na origem de sua criação. O restauro “é o processo de recomposição do edifício da maneira como historicamente ele se constitui” (IEPHA/MG, 2009).

Outro instrumento utilizado para recompor danos, é a *reparação*. No entanto, essa operação se limita a substituir ou recuperar instalações, ferragens, metais e reconstruir partes de pisos ou pavimentação (Ministério da Cultura, 2005). Ou seja, correções pontuais de anomalias que ainda não foram alastradas.

A prática do *retrofit* surgiu para atender às rigorosas leis de preservação, possibilitando o uso adequado do patrimônio arquitetônico. É um método que propõe a adaptação da arquitetura existente às necessidades dos atuais usuários. Com o uso de renovações, que incorporadas as tecnologias, prolonga a durabilidade da

edificação, sem comprometer suas características originais e memória histórica. (Guimarães, 2017).

Por outro lado, a *reconstrução* ocorre quando os bens estão em estágio avançado de deterioração ou após um acidente, sendo necessário que todas as atividades de remonta sejam inicialmente substituídas pela anastilose, isso significa, a recomposição de fragmentos existentes, porém desmembrados (IEPHA/MG, 2009). Trata-se de um conjunto de ações para preservar construções, ou partes dela, que estejam destruídas ou em perigo de destruição, mas não em ruínas. Sendo permitida apenas em casos excepcionais e com base em provas históricas incontestáveis (IPHAN, 2005).

A aplicação da *revitalização* envolve a reestruturação estratégica de áreas ricas em patrimônio, isto é, objetos antigos que não sofreram alterações durante a transformação do espaço, com o objetivo de fomentar uma nova dinâmica urbana fundamentada na diversidade econômica e social (Moura et al., 2006). É o método mais comumente empregado, marcado pela recuperação de uma região urbana deteriorada, a fim de dar nova vida ao lugar a ser renovado (Castilho, 2008).

Por fim, a *requalificação*, compreende toda a gama de ações que englobam, desde a restauração, até a conversão da edificação para novos usos. Levando em conta potenciais que evitem a marginalização da construção no cenário urbano atual, a fim de que a identidade local possa ser reconstruída (Sotratti, 2015).

Como defendido por Oliveira (2017), todos os métodos de preservação devem ser levados em consideração no processo de manutenção do edifício histórico, pois nenhum bem tombado pode ser destruído ou descaracterizado para servir a novos propósitos. Além do mais, qualquer dano ou perda, será irrecuperável.

Ao fazer uma alusão com a realidade atual, como defende Froner (2009), “o Estado não é capaz de preservar edifícios históricos sem ocupação, como também não pode ocupar todos os edifícios antigos que existem”. Sendo assim, a recuperação de espaços históricos é uma estratégia de conservação, já que sua utilidade justifica a intervenção e garante sua continuidade.

A ligação emocional da comunidade realça a relevância cultural da edificação e simplifica a incorporação de novas atividades ao ambiente preservado (Oliveira, 2017). Após um bem material tombado ser (re)conhecido pela população e ser

valorizado como patrimônio cultural, é preciso definir um uso funcional e adequado a construção, para evitar que se transforme em um espaço vazio. Como afirma Barthes (1987):

A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala seus habitantes, nós falamos a nossa cidade, a cidade onde nós nos encontramos simplesmente quando a habitamos, a percorremos, a olhamos (Barthes, 1987, p.189).

Ou seja, as necessidades daqueles que vivenciam, genuinamente, o ambiente a ser revitalizado, devem ser consideradas, para que se defina o uso ideal para a comunidade. Desde modo, torna-se pertinente a contextualização da cidade de Aiuruoca-MG, foco deste estudo. Para que, com base em todo o debate realizado até o momento, possam ser compreendidas as relações históricas da cidade e o valor simbólico de seus patrimônios registrados.

1.2 Contexto Histórico de Aiuruoca e seus Patrimônios

Situada no sul de Minas Gerais, a cidade de Aiuruoca é considerada uma das mais antigas do estado, cuja raízes são vinculadas ao período de mineração no Brasil colonial. Segundo a Prefeitura de Aiuruoca (2025), antes mesmo da descoberta do Ribeirão do Carmo, atual Mariana, em 1696 e de Ouro Preto, em 1698, o nome “Juruoca” ressoava como o “voo do papagaio Ajuru” na história do ouro. A terra foi desbravada em 1692, conforme relatado em uma carta ao governador-geral do país, D. João de Lencastre, em 29 de julho de 1694. Assim descreve Bento Pereira de Sousa Coutinho (1694):

[...] toda essa planície com cascalho formado de safiras e de frente aos mesmos Serro da Juruoca para a parte da estrada caminho do oeste pouco mais ou menos esta distancias são muitos montes escalvados pelos campos e muitos rios (Coutinho, 1694).

No entanto, sua fundação como arraial aconteceu em 1706, quando bandeirantes de São Paulo descobriram uma grande quantidade de ouro nos rios e riachos locais, através das explorações no interior de Minas Gerais (Prefeitura de Aiuruoca, 2025). Derby (1901), complementa a história ao dizer: "Foi assim que se chamou um descobrimento ao sul das minas de São João Del Rei, devido a um pedregulho repleto de buracos, onde os papagaios se aninhavam e se reproduziam”.

As nascentes do Rio Grande, em Penedo dos Juruocas, conhecido pelos papagaios de encontro vermelho, inspirou o nome da cidade (IBGE, 2023). Posteriormente, chamada de Ayuruoca, que significa “casa do papagaio do peito roxo” originado do Tupi-Guarani (Prefeitura de Aiuruoca, 2025), família linguística e cultural indígena do Brasil (Thiago Souza, s.d.).

Segundo dados do IBGE (2023), em 1724, Aiuruoca foi estabelecida como distrito de Baependi. Posteriormente, em 1834, tornou-se uma vila independente. Em 1868, foi oficialmente definida como uma cidade e em 1911, contava com seis distritos, que são as atuais cidades de Alagoa, Bocaina de Minas, Carvalhos, Liberdade, Passa Vinte e Serranos. Todos foram desmembrados até 1960 para se tornarem cidades.

O município situa-se em uma região de topografia bastante acidentada a 989 metros do nível do mar, aos pés do Pico do Papagaio (Imagem 1), símbolo-mor da cidade. Esta formação rochosa, com 2.105 m de altitude, faz parte do Parque Estadual da Serra do Papagaio, uma área de 22.917 hectares (Guiame, 2014). Além disso, representa a cadeia montanhosa da Área de Proteção Ambiental (APA) da “Serra da Mantiqueira” (Portal Minas Gerais, 2025), considerada patrimônio natural brasileiro, devido a seu território relevante para a preservação da biodiversidade no mundo (Le Saout et al., 2013). A APA cobre aproximadamente 50% de Aiuruoca, dentro dela, situa-se o Vale do Matutu, a 17 km do centro urbano (Guiame, 2014).

O Parque Estadual da Serra do Papagaio é uma das unidades de conservação mais significativas de Minas Gerais, resguardando ecossistemas cruciais da Mata Atlântica e atuando como um abrigo para uma biodiversidade abundante, incluindo espécies endêmicas e em risco de extinção. A sua localização estratégica possibilita a ligação ecológica com o Parque Nacional do Itatiaia, intensificando a salvaguarda de habitats naturais. (Portal Minas Gerais, 2025).

Aiuruoca possui 650km² de território e população, recenseada em 2022, de 6.233 habitantes (IBGE, 2023). Nos dias de hoje, o município conta com 22 bairros rurais e 3 urbanos, com uma autêntica cultura, evidenciada por suas celebrações tradicionais, culinária, religiosidade e seus habitantes, indivíduos de costumes simples, trabalhadores do campo, fazendeiros e camponeses (Prefeitura de Aiuruoca, 2025).

Dentre as cidades que fazem divisa com o município (Mapa 1), destacam-se Alagoa (30 km), Bocaina de Minas (80 km) e Serranos (18 km), pertencentes as Terras Altas Mantiqueira, um circuito turístico de Minas Gerais, que reúne nove municípios do sul do estado (Circuito Terras Altas Oficial, 2025). Além de Baependi (40 km), famosa pela influência religiosa, que, juntamente a Caxambu (45 km), São Lourenço (70 km) e outras localidades, integra a área turística Circuito das Águas de Minas Gerais, conhecida por seus parques e nascentes de águas minerais (Circuito das Águas, 2024).

Através de dados coletados pelo Google Maps (2025), está distante cerca de 425 km de Belo Horizonte (MG), 290 km da cidade do Rio de Janeiro (RJ) e 365 km da capital de São Paulo (SP). O principal acesso a Aiuruoca é feito pela Rodovia BR-267, sendo a BR-381 (Rodovia Fernão Dias) uma das ligações para quem faz a conexão pelas capitais próximas (Figura 1). Além disso, Aiuruoca encontra-se, relativamente, próxima de cidades mineiras importantes, como Varginha a 150 km, Juiz de Fora a 180 km e Lavras a 215 km. E, a cidades históricas, como São João del Rei a 180 km e Tiradentes a 195 km.

Imagem 1 – Pico do Papagaio em relação à cidade de Aiuruoca



Fonte: Gabriela Mendes (2018).

conhecimento popular e a adequação ao clima e relevo local, mantendo, até os dias atuais, os valores históricos e estéticos significativos.

Dentre os 17 bens culturais tombados, que possuem proteção especial e não podem ser modificados sem autorização prévia (Prefeitura Municipal De Aiuruoca, 2023), os seguintes patrimônios materiais se sobressaem nas proximidades do local proposto para a intervenção:

A Paróquia de Aiuruoca, fundada em 1717 e considerada a Primaz do Sul de Minas, tem suas origens ainda no século XVII, com a construção da primeira capela por volta de 1698 (Jornal da EPTV, 2017). A atual Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (Imagem 2), terceira edificação do local, foi construída em 1902 em estilo neorromânico, com projeto do arquiteto alemão Wilhelm Brozenius (Empreendimentos Solidários, 2022). Localizada em frente à Praça Monsenhor Nágel, foi tombada pelo decreto nº 12/2008 (Prefeitura de Aiuruoca, 2025). Encontra-se a 150m do Colégio Santa Edwiges (Google Maps, 2025) e destaca-se por sua fachada em três planos, torre central com nicho, contendo imagem de bronze da padroeira, e rica ornamentação interna.

O interior preserva retábulos e imagens das igrejas anteriores, com destaque para obras de artistas como Mestre Joaquim José da Natividade (Jornal da EPTV, 2017). Os quatro altares de madeira e os dois de mármore apresentam detalhados arabescos, medalhões e acabamento dourado, integrando elementos históricos e artísticos que refletem a relevância cultural e religiosa do templo (Segredos de Aiuruoca, 2025).

No âmbito religioso, a paróquia ainda possui 2 acervos tombados: Imagem Nosso Senhor dos Passos, decreto nº 044/2009 e Imagem da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, decreto nº 0118/2018 (Prefeitura de Aiuruoca, 2025). E, recentemente, foi registrado pelo decreto nº 111/2024, o Terço de São Gonçalo, mantido pela Família Zeca Bernado, como Patrimônio Cultural e Imaterial de Aiuruoca que representa a preservação de seus saberes, ritos e tradições. (Prefeitura de Aiuruoca, 2025).

Imagem 2 – Paróquia Nossa Senhora da Conceição



Fonte: da autora (2021).

Inaugurado em 15 de agosto de 2009, o Museu Municipal Dr. Júlio Arantes Sanderson de Queiróz (Imagem 3), localizado na Rua Felipe Senador, nº 18, e tombado pelo decreto nº 30/2003 (Prefeitura de Aiuruoca, 2025), é uma importante referência cultural do Sul de Minas. Inspirado nos antigos “Gabinetes de Curiosidades” dos séculos XV e XVI, o museu rompe com a lógica tradicional de organização museológica, promovendo uma experiência sensorial e reflexiva em meio a um acervo diverso, disposto de forma não linear (Guia da Estrada Real, 2025). Suas treze salas abrigam peças de imaginária religiosa, cerâmica, pintura, mobiliário, medalhística, etnografia, têxteis e ciências naturais, além de criações do próprio Dr. Júlio, como o projeto “Pantheon dos Heróis de Curar” (Imagem 4), uma homenagem em placas de aço aos cientistas e médicos que contribuíram para a preservação da vida, em contraste com os heróis de guerra.

Após o falecimento do médico, a gestão deu continuidade ao projeto desenvolvido por ele, entregando aos residentes da Vila Dr. Julinho, bairro mais populoso da cidade, o seu símbolo mais antigo, o Santo Cruzeiro (Prefeitura de Aiuruoca, 2013). Mais que um espaço de preservação, o museu propõe um olhar crítico e humanista sobre a história, a ciência e a arte, sendo também um polo educativo, de valorização da memória local e da vida do saudoso Dr. Júlio (Prefeitura de Aiuruoca, 2025).

Imagem 3 – Museu Municipal



Fonte: Prefeitura de Aiuruoca (2025).

Imagem 4 – Praça do Pantheon



Fonte: da autora (2021).

Nas primeiras décadas do século XX, surgiram construções de influência neoclássica, especialmente visíveis em casarões e prédios públicos, localizados nas imediações da praça central, que, posteriormente, foram consideradas patrimônio material da cidade. São elas: Edifício da Antiga Cadeia de Aiuruoca (Imagem 5), Rua Franklin de Massena, s/n, decreto nº 08/2008; Fórum da Comarca de Aiuruoca (Imagem 6), Rua Felipe Senador, nº 65, decreto nº 07/2008; Edificação à Rua Doutor

Antônio Guimarães (Imagem 7), nº 10, decreto nº 36/2007 (Prefeitura de Aiuruoca, 2025).

Além das Travessas Seá Petrina, s/n, decreto nº 07/2004 e Francisco de Paula e Silva, decreto nº 08/2004 e os Calçamentos de paralelepípedos, ruas: Cel. José Justiniano, Doutor Antônio Guimarães até o número 152, Cel. Oswald, Cônego Abreu, José Benfica, Felipe Senado até o nº 754 e a Praça Monsenhor Nágel. decreto nº 43/2007. O calçamento contempla as ruas da edificação desse projeto.

Já nas zonas ruais, são reconhecidas como patrimônio a Igreja São Sebastião da Campina e acervo religioso, decreto nº 10/2008; Igreja Santana de Guapiara, decreto nº 11/2008; Ruínas da Antiga Casa e Capela da Fazenda Conquista (Pinhal), decreto nº 37/2007 (Prefeitura de Aiuruoca, 2025).

Imagem 5 – Edifício da Antiga Cadeia e Igreja do Rosário



Fonte: Portal Minas Gerais (2025).

Imagem 6 – Fórum da Comarca de Aiuruoca



Fonte: da autora (2021).

Imagem 7 – Edificação à Rua Doutor Antônio Guimarães



Fonte: da autora (2021).

Como patrimônio imaterial, destaca-se a Semana Santa (Imagem 8), decreto nº 43/2011 (Prefeitura de Aiuruoca, (2025), instituída oficialmente em 1718, é uma das mais antigas manifestações religiosas da região (Portal Minas Gerais, 2025). Durante esse período, a cidade se transforma em um cenário vivo das tradições, procissões emocionantes que remetem às festas do período colonial. A programação inclui eventos como a Procissão da Penitência, Cerimônia do Lava-pés, Via-Sacra, Sermão das Sete Palavras e a Procissão da Ressurreição, atraindo fiéis e visitantes que buscam vivenciar a espiritualidade e a cultura locais (Segredos de Aiuruoca, 2025).

Imagem 8 – Semana Santa



Fonte: Paróquia Nossa Senhora da Conceição (2025).

No término dos anos 1930, Aiuruoca, uma cidade com mais de 230 anos, era um importante centro religioso da região. A Congregação Mariana estabeleceu-se na cidade em 1937 e, em 1938, associou-se à Pia União das Filhas de Maria para planejar um retiro espiritual durante o carnaval. As congregações organizaram um abaixo-assinado para assegurar o silêncio do evento, o que levou à interrupção do evento naquele ano. Contudo, a escolha não agradou a todos, fazendo com que a banda local "Jaz Band" sugerisse a antecipação da festa em uma semana. Portanto, o primeiro carnaval antecipado da cidade aconteceu em 1939 (Portal Minas Gerais, 2017).

Com isso, desde 2006, o Carnaval Antecipado de Aiuruoca, foi definido como patrimônio imaterial, pelo decreto^o 53/2006 (Prefeitura de Aiuruoca, 2025). Conhecido como Aiurufolia (Imagem 9), é considerado o primeiro carnaval antecipado do país (Portal Minas Gerais, 2025). Realizado tradicionalmente no final de semana anterior ao oficial, o evento recebe cerca de 25 mil visitantes e transforma a cidade em um palco de alegria, com desfiles de blocos, shows musicais e uma atmosfera festiva que atrai foliões de diversas regiões (Segredos de Aiuruoca, 2025).

Imagem 9 – Aiurufolia



Fonte: Prefeitura de Aiuruoca (2025).

O Município ainda possui 61 bens catalogados e protegidos por lei, que não podem ser modificados sem autorização prévia. São os imateriais: Festa de São Sebastião (Campina); Festa de São José Operário (Pinhal) e Folia de Reis. E os acervos: Arquivo da Paróquia de N. Sra. Da Conceição de Aiuruoca; Arquivo da Casa da Cultura; Arquivo do Fórum da Comarca de Aiuruoca; Cartório de Registro Civil; Cartório de Títulos e Documentos e Protesto; Cartório de Registro de Imóveis; Cartório do 1º Ofício de Aiuruoca; Cartório do 1º Tabelionato de Protesto da Comarca de Aiuruoca e Cartório do 2º Ofício de Notas (Prefeitura de Aiuruoca, 2025).

Já os materiais são: 9 fazendas: Laje, Bananal, São Pedro, Santa Cruz, Capão Redondo, Laranjeiras, Angaí, Varadouro e Velha; 2 Escolas: Conselheiro Fidélis (Centro) e Monsenhor Nágel (Pinhal); 2 Igrejas: Nossa Senhora das Dores (Pedra do Papagaio) e Nossa Senhora do Rosario (Centro); 1 Estação Ferroviária (Angaí); 1 Chácara (Pinhal); 1 Casa Paroquial (Campina); 5 edificações rurais; 28 edificações no perímetro urbano, sendo uma delas o Colégio Santa Edwiges (Imagem 10), Rua Felipe Senador, s/n (Prefeitura de Aiuruoca, 2025).

Imagem 10 – Colégio Santa Edwiges

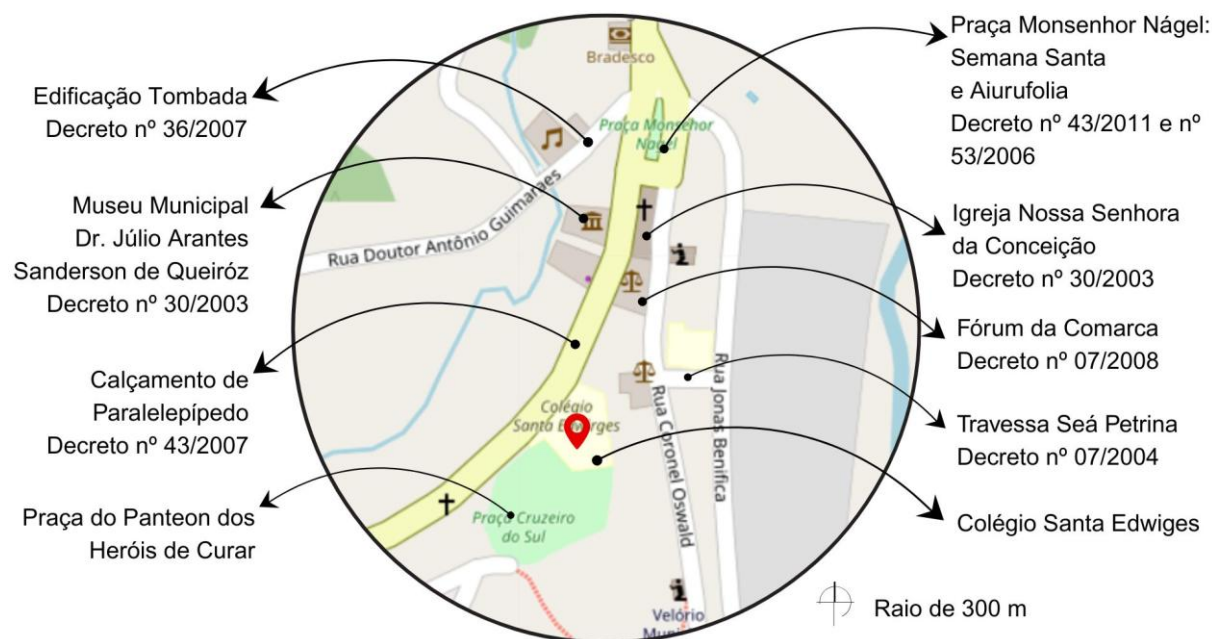


Fonte: da autora (2025).

A existência de vários bens tombados ao redor do Colégio Santa Edwiges (Mapa 2), destaca a relevância de um projeto de restauro que honre e se integre ao cenário patrimonial de Aiuruoca. Não apenas os bens tangíveis são valorizados, mas também expressões de grande significado simbólico, estas festividades atraem turistas e impulsionam a economia local, impulsionando o turismo religioso e cultural.

Nesse sentido, a proposta de transformar o antigo colégio em uma pousada com gastrobar, visa não apenas revitalizar o edifício, mas também criar uma estrutura de apoio qualificada ao turismo, oferecendo experiências integradas ao patrimônio histórico, à tradição local e à vivência das manifestações culturais.

Mapa 2 – Patrimônios do entorno do Colégio Santa Edwiges



Fonte: INDE (2025). Adaptado pela autora.

1.3 Desenvolvimento Local e Infraestrutura

O começo da comunidade ocorreu na parte norte do município, no local conhecido como Freguesia Velha, situado à margem direita do Rio Aiuruoca, atualmente, estrada para a Fazenda 4M, cerca de 1 km a norte do centro. Entre os anos de 1692 e 1698, foi construída a primeira Capela de Nossa Senhora da Conceição de Aiuruoca e seu Arraial correspondente. Naquela área territorial, as primeiras sesmarias foram concedidas, sendo uma delas do ano de 1700. Essas sesmarias impulsionaram o crescimento das primeiras fazendas de Aiuruoca, que, ao longo dos séculos, originaram a área urbana atual e os demais bairros da região norte, como Ponte Alta, Angai Pequeno, Pinhal, Coqueiros, Portão, Pedros, entre outros (Prefeitura de Aiuruoca, 2025).

A área sul surge no começo de 1720, onde floresce o segundo núcleo populacional do município, a Guapiara, desmembrada para o atual município de Carvalhos. Foi para lá que os primeiros garimpeiros se dirigiram, tornando-se os principais habitantes daquela área. Em 1730, a Capela de Santana foi construída. Com o desmembramento do distrito para a emancipação da atual cidade de

Carvalhos, surgiram os bairros que hoje é conhecido por Pedra, Matutu, Cangalha, Tamanduá, Nogueiras e Campina (Prefeitura de Aiuruoca, 2025).

Devido à escassez de ouro, a agricultura e a pecuária se tornaram essenciais para a economia local, e nessas atividades alguns garimpeiros estabeleceram-se definitivamente (Segredos de Aiuruoca, 2025). Ao longo do tempo, a cidade evoluiu para um importante centro comercial e político da região, recebendo um comércio relevante de produtos agrícolas e de pecuária (Paraíso dos Tucanos, 2025).

Segundo a Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais (INDE), nos dias de hoje, o município possui, aproximadamente, 1,1 mil empregos formais, sendo a maioria deles ocupada por trabalhadores do setor agropecuário, seguida por trabalhadores de limpeza e técnicos de enfermagem. No que diz respeito à distribuição de renda, nota-se uma concentração moderada: as classes D (de 2 a 4 salários-mínimos) e E (até 2 salários-mínimos) detém 67,4% do rendimento total, um percentual de 21,4 pontos acima da média do estado, enquanto as classes com maior capacidade de compra representam apenas 11,7%, 13,4 pontos abaixo da média do estado (INDE, 2023).

Entre 2006 e 2021, a cidade teve uma evolução no Produto Interno Bruto (PIB) de 172,7%, o que a colocou a cidade na quinta posição entre os municípios da região próxima. Nos últimos cinco anos, o crescimento acumulado foi de 30,3% (Caravela INFO, 2024). Quanto à população, a cidade representa uma redução de 5,8% ao longo dos últimos 30 anos, embora nos últimos cinco, a população esteja relativamente estável (IBGE, 2024).

A economia de Aiuruoca é bastante diversificada. O setor de serviços é o que mais contribui para o PIB do município, representando cerca de 42% (Caravela INFO, 2024). Nesse setor, estão atividades como comércios, serviços de saúde e, principalmente, o turismo. A agropecuária ainda tem um papel importante, respondendo por aproximadamente 29,6% (Caravela INFO, 2024), com destaque para a produção de leite e derivados, além do cultivo de café e outras culturas típicas da região. A administração pública também é uma parte significativa da economia local, contribuindo com cerca de 25,9% (Caravela INFO, 2024) e sendo uma das principais fontes de emprego na cidade. Já a indústria, inclui pequenas fábricas, como

a produção têxtil, e tem uma participação menor, representando aproximadamente 2,5% do PIB (Caravela INFO, 2024).

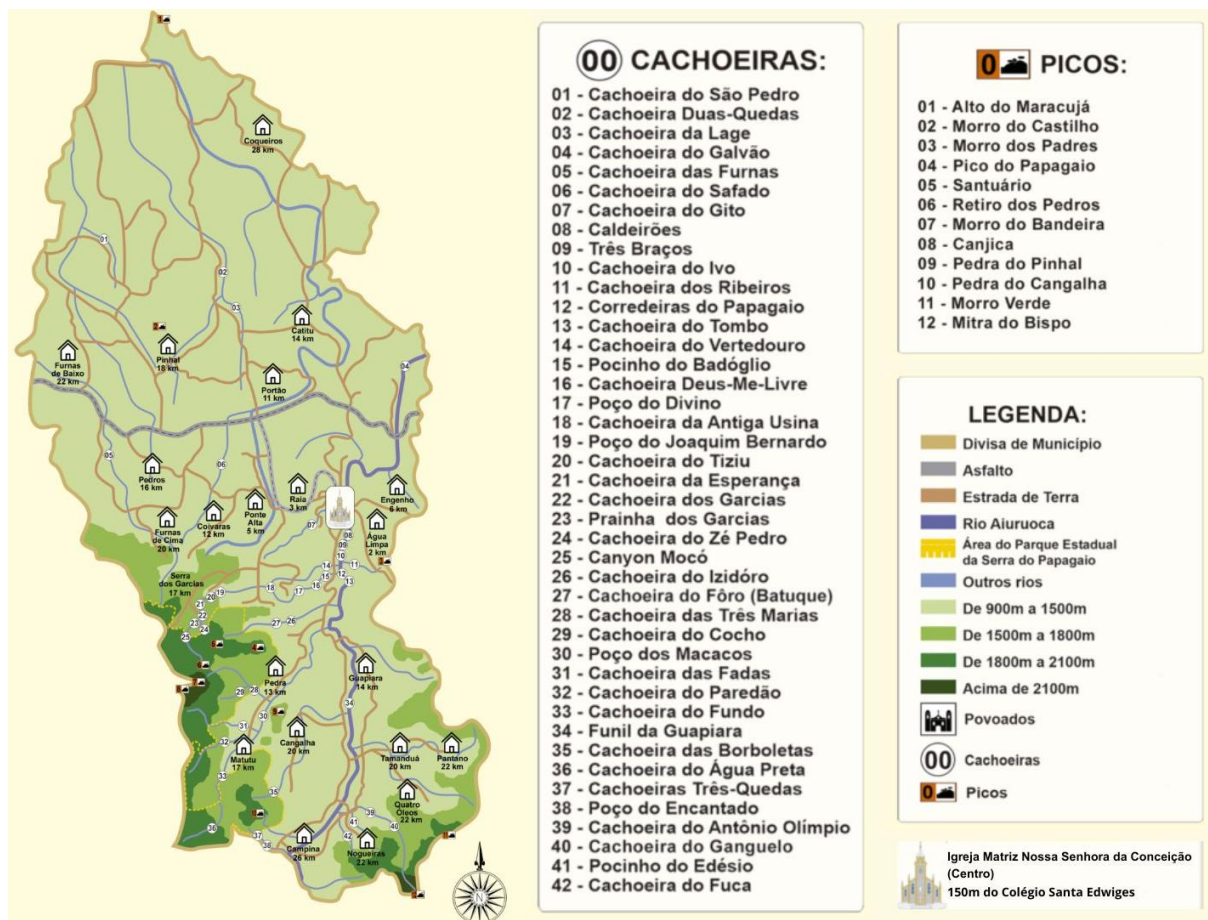
A Fundação Instituto De Pesquisas Econômicas (FIPE), garante que o turismo eleva o nível de emprego e a renda da população (FIPE, 2006). Além do mais, tem auxiliado no progresso econômico de diversas regiões ao redor do mundo, particularmente no Brasil, através do seu efeito multiplicador em outros setores (Brida et al., 2008). Em Minas Gerais, a iniciativa de estabelecer circuitos turísticos (CT), composto por uma cidade sede que distribui os fluxos para as demais regiões, foi impulsionada pela percepção que “a proximidade entre determinados municípios, [...] significava novas possibilidades em relação ao desenvolvimento turístico” (Castro, 2007).

Nos últimos anos, o turismo em Aiuruoca destaca-se como um dos pilares da economia local, impulsionado por suas belezas naturais, práticas sustentáveis e rica cultura regional. Em 2022, a cidade foi oficialmente incorporada ao Circuito Turístico das Terras Altas da Mantiqueira e reconhecida como sede do CT (Prefeitura de Aiuruoca, 2023). Essa união potencializou ainda mais a busca pela região, o município começou a se favorecer de políticas governamentais direcionadas ao avanço do turismo sustentável na área (Prefeitura de Aiuruoca, 2023).

A maioria do relevo do município é montanhoso e irregular, com apenas 5% de áreas planas. Portanto, o local abriga mais de 80 cachoeiras, sendo 42 acessíveis (Mapa 3) e riachos. Dentre eles, destaca-se o rio Aiuruoca, que possui a nascente mais elevada do Brasil, situada a 2.450 m de altitude (Giame, 2014). Ademais, é representada como um local ideal para o ecoturismo, turismo de aventura e relaxamento junto à natureza (Takizawa, 2024).

Segundo Menezes (2024), a cidade recebe visitantes no período entre o outono e o inverno, de abril a agosto, onde o tempo é mais seco e as temperaturas são agradáveis, o que torna o ambiente propício para a prática de caminhadas e outras atividades externas. Por outro lado, as noites costumam ser mais geladas, criando um clima aconchegante característico das áreas montanhosas. E, durante a primavera e o verão, de setembro a março, o local é perfeito para apreciar as cachoeiras, que se tornam mais abundantes por causa do aumento das precipitações.

Mapa 3 – Turismo Rural



Fonte: Empreendimentos Solidários (2022). Adaptado pela autora.

Outro aspecto relevante, são os conhecimentos e a identidade da comunidade local, formado através da tradição e da vivência. Como por exemplo, a culinária. Conforme ressaltado por Cavalcante e Costa (2023), a cultura alimentar reflete a memória coletiva compartilhada, qual deve satisfazer as necessidades patrimoniais para o desenvolvimento integral do ser humano, tanto individual quanto coletivo, em condições de igualdade e equilíbrio partilhado entre as sociedades do passado, presente e futuro.

Pratos como o pão de queijo e o feijão tropeiro representam tradições passadas de geração em geração, ligadas à história e à experiência de Aiuruoca. Adicionalmente, a fabricação manual de mel e alimentos agroecológicos, destacam a conexão entre cultura, território e sustentabilidade (Guiame, 2014). O consumo de produtos locais tradicionais, como queijo, azeite e cachaça, integra a experiência turística com os saberes e sabores do local, estimulando a economia circular. O que

possibilitou que a cidade se envolvesse em ações conjuntas de promoção turística, como a Rota Gourmet das Terras Altas da Mantiqueira (Prefeitura de Aiuruoca, 2023).

A Rota organiza eventos ao longo do ano, como o Festival de Cerveja Artesanal, que acontece em outubro na Praça Monsenhor Nágel (Prefeitura de Aiuruoca, 2025) e exalta a cultura local e os produtos regionais. Além de promover atrativos rurais, que destacam a relevância do turismo para a cidade, passeios a alambiques, fábricas de queijo e plantações orgânicas são frequentes (Jornal Do Viajante, 2024), o que possibilita a interação entre visitantes e os habitantes locais.

Simultaneamente, o centro de Aiuruoca, onde são vivenciados os eventos turísticos da cidade (Prefeitura de Aiuruoca, 2025), conserva construções coloniais e locais sagrados para a comunidade, estabelecendo-se como um patrimônio cultural. A manutenção desses bens intensifica a sensação de pertença à comunidade local e fomenta a apreciação da história da cidade.

Entretanto, Aiuruoca, assim como ademais cidades de turismo rural, é insuficiente em infraestrutura. Como defende Santos (2022), o trajeto possui estruturas e cenários que atraem visitantes, porém, parte desses atrativos ainda não possui um suporte estabelecido. Javan dos Santos Senador, secretário da SEDESA, afirma que por ser uma cidade tricentenária, possui falhas no quesito acessibilidade e conclui que o número de visitantes “ainda é pouco pelo seu potencial” (Guia do Viajante, 2020).

O município ainda apresenta alguns desafios para pessoas com deficiência, como ruas e calçadas de pedra, além de edifícios públicos que não oferecem acessibilidade (Guia do Viajante, 2020). No entanto, recentemente, a gestão inaugurou uma Fábrica de Bloquetes com o objetivo de melhorar a infraestrutura tanto na área urbana quanto na rural (A Gazeta FM, 2025). Essa iniciativa busca facilitar o asfaltamento de ruas e estradas, contribuindo para uma melhor mobilidade e uma qualidade de vida maior para os moradores e visitantes. Além do mais, de acordo com o Instituto Água e Saneamento (IAS), a cidade conta 98,3% de suas vias urbanas calçadas com meio-fio, superando a média do estado de 76,9%.

Apesar dessas limitações, há iniciativas locais que buscam promover a inclusão. Por exemplo, rotas adaptáveis que permitem o transporte seguro de pessoas com deficiência até a base de algumas das cachoeiras. Este roteiro também inclui um

passeio pela fábrica de queijos, proporcionando uma experiência acessível (Portal Minas Gerais, 2025).

Um dos principais componentes do sistema de atividades turísticas diz respeito aos meios de hospedagem. É importante destacar, que segundo Junior e Tavares (2010) muitas regiões com atrativos significativos não conseguiram convertê-los em produtos turísticos devido à limitada capacidade de acomodações. Nos dias de hoje, a cidade conta com quarenta e dois meios de hospedagem (Segredos de Aiuruoca, 2025). Dentre eles, nove pousadas e dois hostels estão localizados nas intermediações da cidade, dados coletados pelo “Google Maps” (2025). As demais hospedagens atendem às cachoeiras e pontos turísticos campestres do município. Ou seja, cerca de 74% das estalagens estão situadas na área rural.

Aiuruoca possui um regime de chuvas significativo, com uma média anual de precipitação de cerca de 1.520 mm (ClimaTempo, 2025). O período de maior incidência acontece de novembro a fevereiro (Menezes, 2024). Durante a estação chuvosa, é habitual que as “estradas de terra” da região, particularmente as que levam a regiões como o Vale do Matutu, se tornem escorregadias e de tráfego complicado (Casseiro, 2024). Isso pode afetar o acesso a locais de interesse turístico, sugerindo a utilização de veículos com tração nas quatro rodas ou esperar pela melhoria das condições das vias.

Para que o fluxo de visitantes se mantenha, mesmo fora do período de estiagem, a presença de uma estalagem na área urbana de Aiuruoca, com atrativos únicos, é crucial para o turismo local. Portanto, como fomenta Oliveira e Tricárico (2023), o investimento em pousadas urbanas que permite desfrutar de experiências culturais, gastronômicas e de lazer, não só satisfaz as demandas dos turistas em momentos de condições climáticas desfavoráveis, mas também impulsiona o crescimento sustentável do turismo na área.

A interação entre os visitantes, a cidade e a vida rural, juntamente com a produção artesanal de alimentos e bebidas, impulsionam a economia local e realça os estilos de vida tradicionais. Neste cenário, o turismo se destaca como um relevante agente de conservação do patrimônio, geração de renda e desenvolvimento territorial sustentável, o que justifica ações como a requalificação do antigo Colégio Santa Edwiges para uso turístico e econômico.

1.4 Colégio Santa Edwiges e o Retrofit como Estratégia de Requalificação

O edifício, localizado na área central histórica de Aiuruoca, em Minas Gerais, abrigou, inicialmente, a Escola Paroquial Santa Edwiges (Imagem 11), cuja construção se consolidou em 1920 (Prefeitura de Aiuruoca, 2025). E, mais tarde, um internato feminino, estabelecido e administrado por religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas de Ingolstadt, de ascendência alemã. Em 23 de dezembro de 1938, as primeiras freiras chegaram à cidade, com o objetivo inicial de trabalhar em um modesto hospital local. Em resposta às demandas educacionais da comunidade local, as irmãs adaptaram salas de aula provisórias e, em 1939, estabeleceram o Colégio Santa Edwiges (Congregação Irmãs Franciscanas, 2023).

Imagem 11 – Fachada Escola Paroquial Santa Edwiges



Fonte: Colégio Nossa Senhora do Rosário (2025).

Em 1940, a instituição de ensino foi expandida para acolher internas (Imagem 12), estabelecendo-se como um marco na educação feminina da área. Além das tarefas pedagógicas, as religiosas também se dedicavam à vida comunitária, com ênfase em atividades na Igreja Matriz, como a organização de cerimônias, a produção de paramentos, os ensaios de coral e a educação de crianças (Congregação Irmãs Franciscanas, 2023).

Em 1951, uma nova congregação, as Filhas de Nossa Senhora do Monte Calvário, assumiu a gestão do colégio. Elas seguiram com a missão até 31 de

dezembro de 1966, quando, diante de desafios logísticos e a necessidade de atender novas fundações em outros estados, decidiram encerrar a comunidade em Aiuruoca (Colégio Nossa Senhora do Rosário, 2025).

Imagem 12 – Fachada Colégio Santa Edwiges



Fonte: Segredos de Aiuruoca (2025).

A construção apresenta características típicas da arquitetura eclética daquele período: fachada equilibrada e simétrica com uso de colunas e ornamentos na sacada. O edifício destaca-se por seu gabarito de 3 pavimentos, com jardim interno e amplos ambientes como: salas de aula, cozinha, refeitório, salões e biblioteca (Segredos De Aiuruoca, 2025).

Mesmo com a relevância histórica, nos dias de hoje, nota-se a falta de um acervo documental oficial que registre de maneira organizada a formação da instituição. A cidade não possui arquivos públicos acessíveis que conservem fotografias, documentos administrativos, projetos arquitetônicos ou relatos orais referentes ao período de funcionamento do colégio, o que constitui uma perda significativa para a memória coletiva da cidade.

Ademais, o prédio está desocupado e passa por um processo de deterioração física, com indícios de descaracterização em sua fachada e danos aos elementos construtivos originais (Segredos de Aiuruoca, 2025). O bem, de posse da Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Prefeitura de Aiuruoca, 2025), está à venda, de acordo

com registros recentes em sua fachada. Esta situação eleva o perigo de perda irreversível do patrimônio.

A ausência de identidade de um bem é uma das principais razões para a população não ter conhecimento e apropriação dos acervos que definem um local específico. Conforme afirma Brito (2003):

O processo de reabilitação urbana e as referências culturais locais devem, também, serem consideradas variáveis determinantes para o estabelecimento de iniciativas de reanimação cultural dessas áreas, visto que o sítio histórico deve ser compreendido em sua vertente tanto física quanto sociocultural e econômica. (Brito, 2003, n.p)

Ou seja, o conceito de patrimônio evolui e outros valores são atribuídos, como os identitários, além do valor monumental das primeiras medidas de salvaguarda. Nos dias de hoje, o que se busca preservar é a simbologia que um bem representa para a comunidade local (Gai e Schwanz, 2020). Neste viés, é necessário observar as mudanças ocorridas no crescimento da cidade, conforme já abordadas, e suas novas necessidades.

As construções em geral, ao longo do tempo, tornam-se ultrapassadas, seja pelos novos materiais e funcionalidades proporcionadas pelos progressos tecnológicos, ou simplesmente pela perda de funcionalidade causada principalmente por alterações no uso (Barrientos; Qualharini, 2004). O envelhecimento das construções resulta na deterioração do seu entorno e, conseqüentemente, no aumento do risco de incêndio.

Com o propósito de aprimorar a qualidade de vida, emerge a necessidade de revitalização do ambiente urbano. Desde modo, torna-se essencial entender o nível de degradação de um edifício e suas limitações, para que a capacidade da edificação de suportar cargas adicionais provenientes de alterações no arranjo, implementação de automatismos e correção do desgaste decorrente do uso e do tempo, seja eficiente.

De acordo com Barrientos e Qualharini (2004), para estabelecer a intervenção apropriada, é necessário realizar um pré-diagnóstico da edificação. Como o Colégio Santa Edwiges não possui registros históricos que descrevam suas técnicas construtivas, o restauro torna-se impraticável. Portanto, para preservar as características originais, o processo de retrofit se apresenta como um conjunto de ações ideias para recuperar o edifício, adaptando-o às novas utilizações.

O processo de retrofit é comumente realizado em edificações com alguma relevância histórica, sejam elas tombadas ou conservadas pelo patrimônio público, como é o caso do Colégio em questão. Conforme Pereira (2022), uma das medidas da implementação deste método é a manutenção estética, especialmente em relação às fachadas. Deste modo, a intervenção requer uma atenção especial, já que busca preservar o estilo original das construções onde estão localizadas.

Outro aspecto primordial desse método de intervenção, é fundamentado na incorporação de novas tecnologias. Além de estender a vida útil do imóvel através de novos usos e soluções técnicas que simplifiquem a conservação (Santos, 2019). Neste cenário, a utilização de um gastrobar surge como uma alternativa inovadora que reinterpreta o local, incentivando sua revitalização com ênfase na experiência sensorial, na culinária artesanal e na interação.

O gastrobar, devido à sua natureza híbrida, combina a informalidade dos bares com o requinte gastronômico (Silva, 2024), mostrando-se adequado para espaços históricos adaptados, especialmente em áreas com potencial turístico ou cultural. Esta é uma atividade comercial que promove a utilização coletiva do edifício, expandindo seu acesso à comunidade e incentivando a circulação de visitantes. Isso, conseqüentemente, contribui para a economia, através da venda e consumo de produtos artesanais locais.

Em conjunto, pousada e gastrobar reforçam a lógica do turismo cultural e sustentável, fundamentado na conservação do patrimônio e no fomento da identidade local. Essas atividades, além de ressignificar fisicamente a construção através do retrofit, garantem sua função social, econômica e simbólica, evidenciando a harmonia com a inovação e o progresso territorial.

CAPÍTULO II: ESTUDOS DE CASO

Os estudos de caso são instrumentos fundamentais, pois possibilitam uma análise aprofundada de projetos já realizados, oferecendo ideais valiosos para futuras intervenções. Por meio desses estudos, é possível entender soluções arquitetônicas que abordam questões como, a preservação do patrimônio, a funcionalidade dos espaços, a experiência do usuário e os impactos urbanos. Além disso, desempenham um papel crucial no desenvolvimento do projeto que será proposto neste documento, o qual consiste na revitalização de um patrimônio cultural em ruínas.

Ao decorrer do capítulo, serão apresentados quatro projetos que orientarão a implementação de estratégias que contemplem a requalificação e a integração harmoniosa do espaço, respeitando suas características históricas e promovendo sua adaptação às necessidades contemporâneas. São eles: Complexo residencial e turístico: Convento das Bernardas, Pousada Literária de Paraty, Museu de Arte do Rio (MAR) e Toro Gastrobar.

O estudo do projeto do Convento das Bernardas, localizado em Portugal, torna-se pertinente, uma vez que a tipologia da edificação se assemelha com a do Colégio Santa Edwiges, que assim como o Convento, possui amplos espaços que deverão ser adaptados para novas funções. No presente, de acordo com o site Arquitetura Viva (2025), o convento abriga apartamentos residenciais e unidades turísticas, onde a estrutura histórica se integra com novas soluções arquitetônicas, o que auxiliará no estudo para a implantação da pousada e adaptação de cômodos sociais para atividades turísticas.

A Pousada Literária de Paraty, no Rio de Janeiro, por sua vez, é um excelente exemplo de como a arquitetura pode preservar o patrimônio histórico, respeitando o contexto cultural e urbano de uma cidade. O estudo desse projeto fornecerá referências, não somente nacionais, como também mundiais, da conservação do patrimônio cultural. Dessa maneira, tal projeto servirá de apoio para a elaboração do programa de necessidades e anteprojeto da proposta de hospedagem, integrada ao antigo colégio.

Além de reintegrar o antigo Colégio a sociedade, oferecendo uma nova opção de hospedagem, o projeto visa implementar uma nova edificação, que agregue um ambiente para vendas e consumo de produtos gastronômicos e artesanais locais,

como um Gastrobar. O estudo de caso do Toro Gastrobar, no México, oferecerá um repertório de como os projetistas utilizaram as referências históricas expostas no projeto, de modo que a fusão entre tradição e inovação, respeitasse a cultura e o meio ambiente, ao mesmo tempo em que fornecesse um espaço sofisticado e acolhedor.

Por fim, ao analisar o Museu de Arte do Rio, será possível aplicar conceitos relevantes para o desenvolvimento de espaços que promovem a interação social e a difusão artística. A harmonia entre a preservação do patrimônio e a inovação arquitetônica no MAR, é um modelo de como a arquitetura pode transformar áreas degradadas, democratizando o acesso à cultura e estimulando o desenvolvimento urbano de uma região. Esse estudo de caso é extremamente relevante para o projeto de revitalização, pois demonstra como é possível encontrar o equilíbrio entre o novo e o antigo.

2.1 Complexo residencial e turístico: Convento das Bernardas

O Convento das Bernardas, situado em Tavira, no sul de Portugal, foi fundado em 1509 por D. Manuel I para abrigar as freiras da Ordem de Cister, uma ramificação feminina conhecida como Bernardas. Em 1755, um terremoto causou sérios danos ao edifício, levando a várias reformas ao longo do tempo (Imagem 13), até que as ordens religiosas foram extintas em Portugal. Após essa dissolução em 1834, o convento foi a leilão e passou a ter diversas funções, como quartel, fábrica de cortiça e depósito, evoluindo progressivamente para um estado de desamparo e deterioração (Arquitetura Viva, 2025).

A localização é um dos principais fatores que justificam a sua escolha como objeto de estudo. Construído entre o centro histórico e áreas periféricas, o convento equilibra a integração local e o isolamento funcional, características comuns às edificações religiosas. Sua implantação próxima ao rio, em terreno com boa orientação solar e ventilação, favoreceu tanto seu uso original quanto sua posterior reabilitação, o que reforça a sua importância cultural e urbana ao longo do tempo.

Imagem 13 – Convento após terremoto de 1755



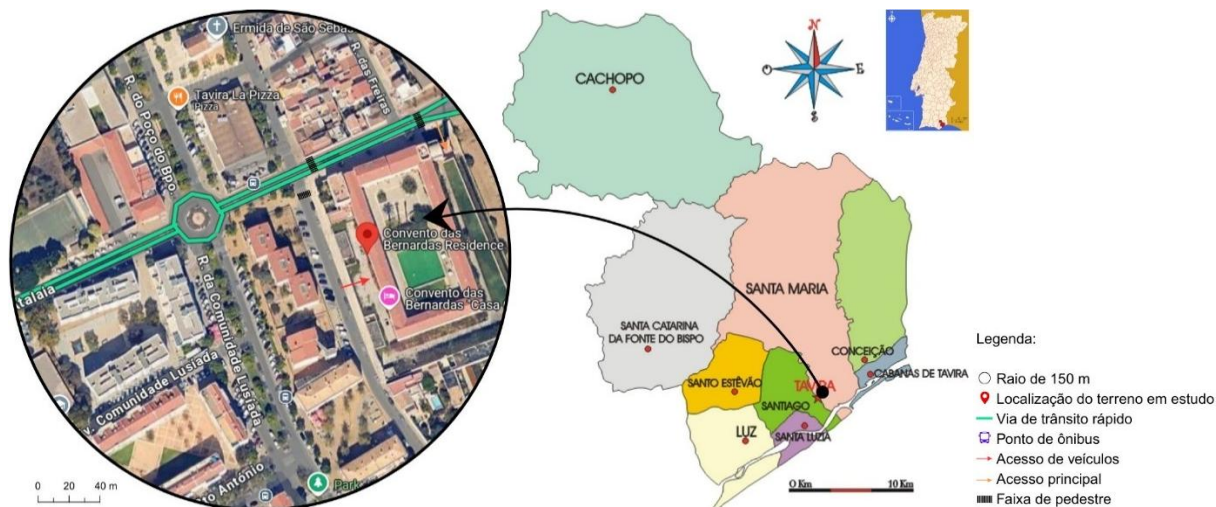
Fonte: Dominguet; Melo e Pereira (2014).

Posicionado em uma área de fácil circulação, o convento encontra-se próximo as vias estruturantes da cidade, incluindo uma rua de trânsito rápido que facilita a conexão com outras regiões. O acesso de veículos ao edifício se dá por uma via de menor movimento, de modo a favorecer a transição com tranquilidade. A presença de faixa de pedestres e pontos de ônibus nas imediações, integra-o de forma eficiente ao sistema de mobilidade urbana (Mapa 4).

Além disso, o entorno imediato (raio de 150 m) é valorizado por atrativos turísticos, comércios locais, instituições e restaurantes, que ampliam o potencial de uso do espaço reabilitado (Mapa 4). Essa relação com o tecido urbano existente garante ao convento uma posição de destaque, que permite preservar seu caráter histórico sem comprometer sua inserção na dinâmica contemporânea da cidade.

Inicialmente conhecido como Convento de Nossa Senhora da Piedade, a construção possui 8.164 m², em um amplo terreno de 10.992 m². Posicionado sobre a Ria Formosa e o delta do Rio Gilão, proporciona uma visão singular das antigas salinas de Tavira. Além disso, a edificação é um exemplo notável da arquitetura maneirista em Portugal, complementada por elementos barrocos posteriores (Arquitetura Viva, 2025).

Mapa 4 – Localização: Convento das Bernardas



Fonte: Google Maps (2025); Município de Tavira (2005). Adaptado pela autora.

A edificação não possui proteção oficial, já que o prazo para reconhecimento e classificação como patrimônio cultural expirou. Embora não seja reconhecido como patrimônio material, tem um valor histórico para a cidade e seus habitantes, uma vez que foi erguida a mais de 500 anos e é um dos poucos conventos cistercienses da área (Dominguete; Melo e Pereira, 2014).

A reabilitação do convento se estendeu de dezembro de 2006 a maio de 2009, sendo conduzido pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura. A reinauguração se consolidou em 2012 e seguiu os princípios do retrofit, visando adaptar o edifício a uma nova função residencial e turística, preservando sua autenticidade histórica e arquitetônica (Arquitetura Viva, 2025). O projeto mantém, em termos de arquitetura, o portal gótico manuelino e o desenho original das visadas (Espaço de Arquitetura, 2020).

O conceito utilizado por Souto de Moura para a restauração, parece ter sido norteado pela procura de um equilíbrio entre continuidade e mudança. A intervenção demonstra uma abordagem delicada, que pendura o passado preservado através da conservação das fachadas, volumetria e estruturas essenciais, enquanto novos usos são incorporados de maneira discreta e integrada (Imagem 14). Isso reforça a noção de que a reabilitação é também uma recontagem da história, com novos capítulos, sem apagar os precedentes.

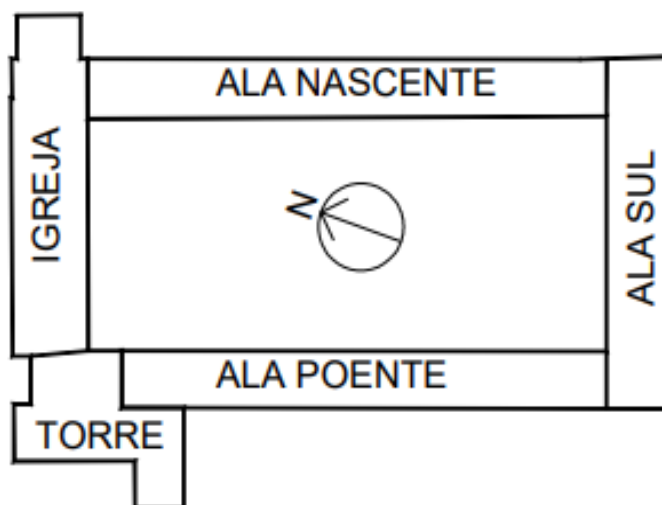
Imagem 14– Convento após Reabilitação



Fonte: Espaço de Arquitetura (2020)

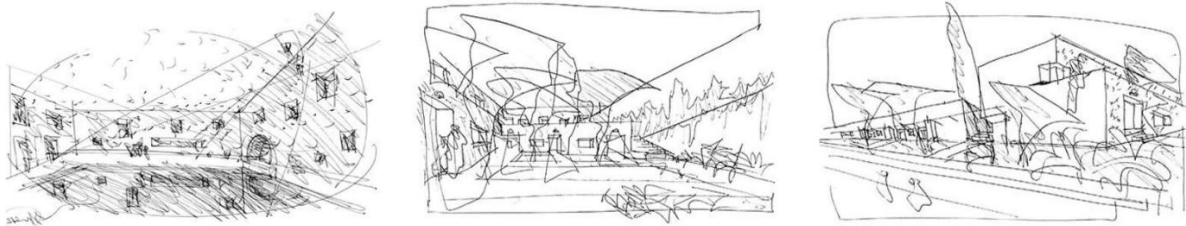
O projeto inclui a construção de 78 unidades habitacionais agrupadas ao redor do claustro central (Figura 4), de modo a aproveitar a divisão pré-existente. Introduziram-se novos volumes, que empregam uma linguagem arquitetônica contemporânea que honra a materialidade e a forma do conjunto original (Arquitetura Viva, 2025). Componentes como as fachadas principais, a igreja e o claustro foram recuperados, mantendo os traços originais fundamentais do monumento (Dominguete; Melo e Pereira, 2014).

Figura 2 – Localização dos ambientes



Fonte: Appleton; Rodrigues e Travessos (2009)

Figura 3 – Partido Projetual de Souto de Moura



Fonte: Arquitetura Viva (2025).

Para conduzir a intervenção, Souto de Moura, idealizou a implantação de um empreendimento de alto padrão, cujo partido do projeto residencial foi viabilizado por meio da adaptação da edificação pré-existente, além da inserção de um novo volume em forma de “L”. O desnível natural entre as construções, antiga e nova, foi aproveitado para a criação de pavimentos com terraços, implantados sobre a área anteriormente destinada à horta do convento.

Figura 4 – Intervenção de Souto de Moura



Fonte: Arquitetura Viva (2025). Adaptado pela autora.

As fachadas exteriores foram preservadas, com aproveitamento das aberturas existentes. Contudo, o novo programa exigiu a criação de 220 novas aberturas, o que representou um dos principais desafios estruturais da intervenção. Para viabilizá-las, foi necessário remover o preenchimento de pedra e argamassa das paredes. Em torno dessas novas aberturas, foram executadas molduras, e, para resgatar a “memória da terra”, como denomina o arquiteto, unificou-se a textura das fachadas com uma

camada de pintura (Imagem 15), que remete à tonalidade de areia típica da região, revelando parcialmente a alvenaria original (Dominguete; Melo e Pereira, 2014). Por fim, na porção nordeste do conjunto, a antiga chaminé em tijolos cerâmicos foi preservada como elemento de referência ao passado industrial do convento (Imagem 16).

Imagem 15 – Portal estilo Manuelino



Fonte: Dominguete; Melo e Pereira (2014).

Imagem 16 – Fachada Nordeste: Convento das Bernardas



Fonte: Arquitetura Viva (2025).

A proposta de reconversão do espaço em unidades residenciais e turísticas, trouxe uma nova função compatível com seu valor histórico e artístico, assegurando sua permanência na dinâmica urbana. As obras foram cuidadosamente limitadas ao essencial, respeitando a forma externa, a estrutura original e a organização interna dos espaços. A reabilitação também teve como objetivo corrigir falhas acumuladas ao longo do tempo, para elevar o desempenho do edifício aos padrões atuais de conforto, higiene e segurança (Dominguete; Melo e Pereira, 2014).

Foram utilizadas soluções arquitetônicas que evitam o contraste excessivo, mantendo a harmonia com o contexto histórico. Materiais modernos, como o concreto armado, foram aplicados pontualmente para consolidar estruturas, sempre respeitando a autenticidade do material existente e as marcas do tempo. A intervenção valorizou o edifício como patrimônio cultural, inserido em um ambiente urbano que também merece ser preservado (Dominguete; Melo e Pereira, 2014).

Para a inserção da proposta habitacional, o programa de necessidades, foi organizado pela estruturação das unidades em três tipologias distintas: vivências A, B e C (Figuras 5 e 6). A nave central da antiga igreja foi convertida em recepção, funcionando como ponto de acolhimento e distribuição para os diferentes setores do conjunto. Já a torre principal foi adaptada para abrigar o núcleo de circulação vertical, ligando os diversos pavimentos e favorecendo a fluidez entre os ambientes. Áreas externas de lazer e convivência foram inseridas no antigo claustro e na antiga horta do convento, incluindo duas piscinas de água salgada e jardins reinterpretados. O estacionamento, por sua vez, foi implantado de maneira que fosse aproveitado o declive natural do terreno (Figura 5), para evitar interferências visuais com o conjunto histórico.

Segundo Appleton; Rodrigues e Travessos (2009), o conjunto edificado possui pavimento térreo, pavimento elevado e cobertura, com variações na Igreja (segundo andar) e na Torre (dois andares e terraço), ambos com abóbadas que se destacam pela volumetria e simbolismo. Os acessos principais estão voltados para os espaços coletivos, e os ambientes são organizados de forma funcional e hierárquica (Figura 5). As paredes são de alvenaria de pedra, as divisórias para a delimitação dos apartamentos, foram construídas por uma parede de tijolos maciços, forrada com uma lâmina em ambos os lados. Os três níveis foram adaptados para os apartamentos

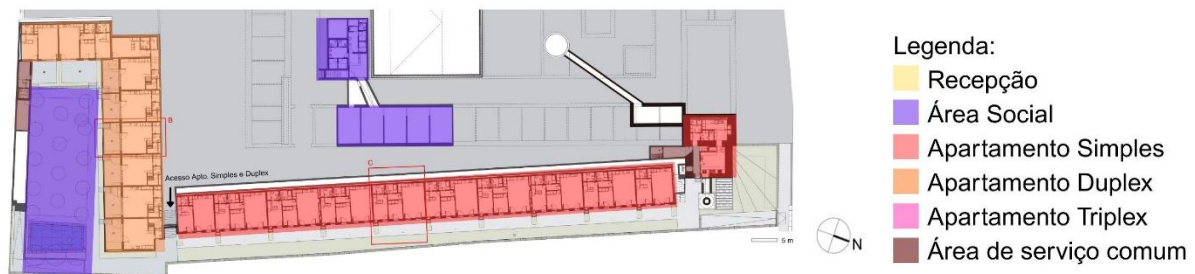
triplex (Figura 5) e a edificação ainda possui subsolo que foi reaproveitado para a implantação dos apartamentos simples e duplex (Figura 6).

Figura 5 – Setorização Primeiro Pavimento: Convento das Bernardas



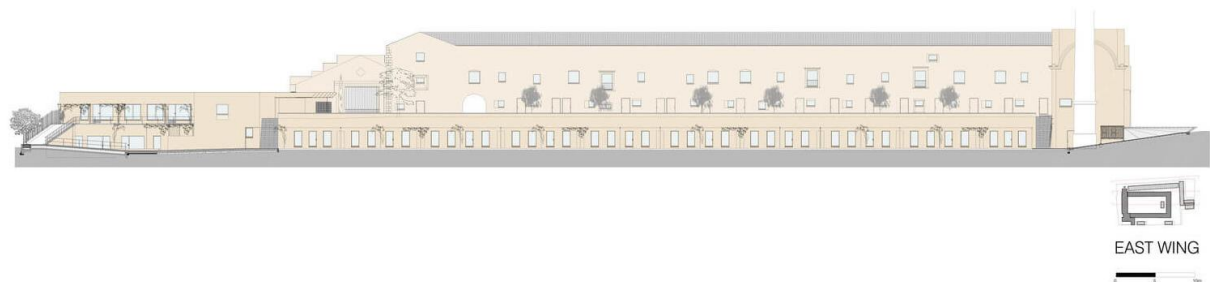
Fonte: Arquitetura Viva (2025). Adaptado pela autora.

Figura 6 – Setorização Pavimento -1 (subsolo): Convento das Bernardas



Fonte: Arquitetura Viva (2025). Adaptado pela autora.

Figura 7 – Fachada Leste: Convento das Bernardas



Fonte: Arquitetura Viva (2025).

Os apartamentos do tipo A, localizados nas alas nascente e poente, configuram-se como unidades triplex (Figura 8). Os do tipo B consistem em módulos de dois pavimentos, situados na ala sul (Figura 9). Já os apartamentos tipo C (Figura 10) implantados no subsolo, correspondem a casas térreas com planta simples e funcional, composta por hall de entrada, sala integrada à cozinha, dois dormitórios e banheiro, com janelas voltadas apenas para a fachada exterior (Dominguete; Melo e Pereira, 2014).

Figura 8 – Apartamento Tipo A

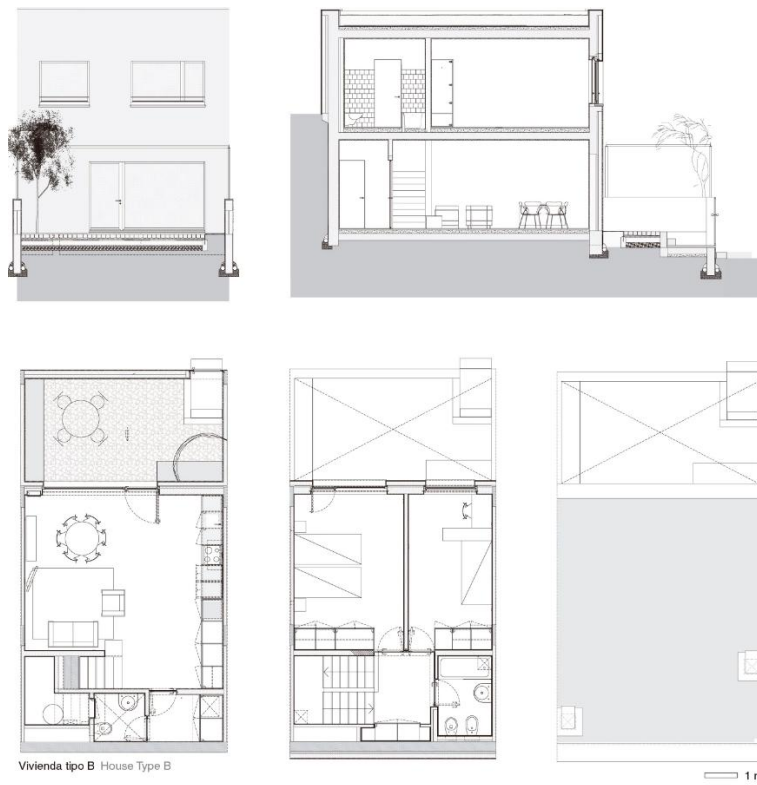


Vivienda tipo A House Type A

1 m

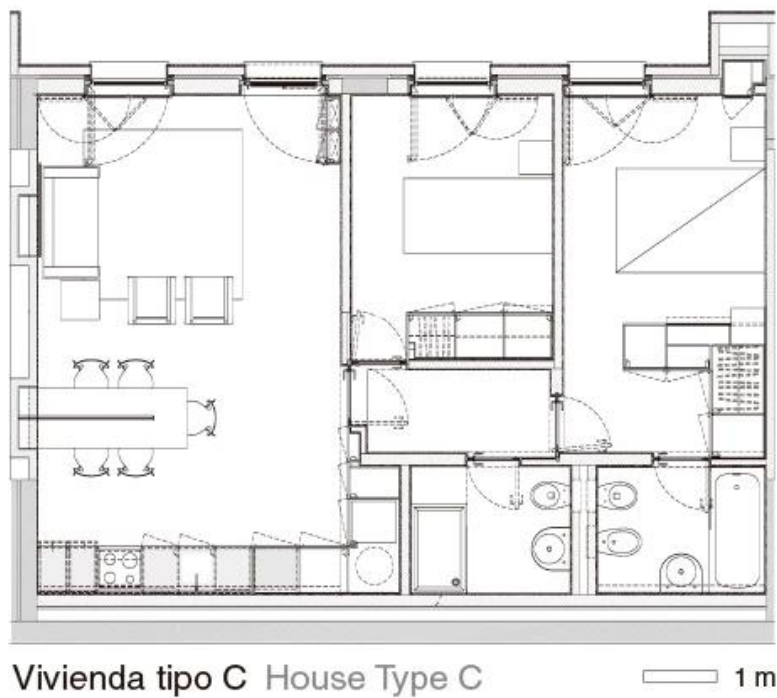
Fonte: Arquitetura Viva (2025).

Figura 9 – Apartamento Tipo B



Fonte: Arquitetura Viva (2025).

Figura 10 – Apartamento Tipo C



Fonte: Arquitetura Viva (2025).

O estudo do Convento das Bernardas oferece referências conceituais e práticas fundamentais para o desenvolvimento do projeto de retrofit do antigo Colégio Santa Edwiges, em Aiuruoca – MG, especialmente no que diz respeito à reabilitação de edifícios históricos e à sua adaptação a novos usos. A intervenção conduzida por Eduardo Souto de Moura demonstra como é possível integrar funcionalidade contemporânea e preservação patrimonial, sem perder a identidade arquitetônica e o valor histórico da edificação. Destacam-se, entre os principais aspectos, a preservação das fachadas, o reaproveitamento de aberturas existentes, a inserção cuidadosa de novos volumes e o uso de materiais e acabamentos que dialogam com o contexto local, para reforçar a memória do lugar.

Esses princípios norteadores, como a integração equilibrada entre o antigo e o novo, oferecem base sólida para o desenvolvimento da proposta em Aiuruoca, que busca requalificar o edifício para abrigar uma pousada. Além disso, o estudo do convento destaca que a relevância da implantação urbana, sua localização estratégica, acessos facilitados, proximidade de comércios, equipamentos culturais e transporte público, contribuem diretamente para o sucesso da reabilitação, elementos que também devem ser considerados na análise do entorno do colégio.

Entretanto, ao transpor essas estratégias para o contexto brasileiro, é essencial considerar as diferenças climáticas entre Tavira e Aiuruoca. Enquanto a cidade portuguesa apresenta clima temperado mediterrânico, com baixa pluviosidade e alta incidência solar anual (Dominguete; Melo e Pereira, 2014), a cidade mineira está inserida em uma região de clima tropical úmido, com verões chuvosos e maior variação térmica (Paraíso dos Tucanos, 2025). Essas condições inviabilizam, por exemplo, o uso de certos revestimentos e acabamentos adotados no sul de Portugal, como a alvenaria exposta com reboco fino e pigmentação natural, que podem se deteriorar rapidamente em ambientes com alta umidade.

Além disso, soluções passivas de ventilação e sombreamento devem ser reinterpretadas para o clima tropical, exigindo maior atenção ao escoamento das águas pluviais e à proteção solar nas fachadas. Assim, embora o projeto do Convento das Bernardas sirva como forte inspiração, sua aplicação exige adaptações técnicas criteriosas, respeitando as características ambientais, os materiais disponíveis e os saberes construtivos locais.

2.2 Pousada Literária de Paraty

A Pousada Literária, localizada no centro histórico de Paraty, no estado do Rio de Janeiro, ocupa um conjunto de construções coloniais do século XVIII, situadas em um dos mais significativos sítios urbanos tombados do Brasil, alvo de vários reconhecimentos pelo IPHAN: em 1958, o conjunto arquitetônico e paisagístico foi protegido; em 1966, a cidade foi elevada à categoria de Monumento Nacional; e, em 1974, o tombamento foi expandido para abranger o seu entorno (IPHAN, 2014b).

Já em 2019, seu reconhecimento foi concedido pela UNESCO, em razão da notável riqueza cultural, da diversidade de fauna e flora e do compromisso com a preservação ambiental. Contribuíram significativamente para esse mérito, o centro histórico cuidadosamente conservado, a existência de sítios arqueológicos, a presença de comunidades indígenas e caiçaras, além da realização da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), que reforça a relevância artística da cidade (Ministério do Turismo, 2022). A identidade conceitual e estética da literatura influenciou todos os aspectos da edificação, o nome "Pousada Literária" é sugestivo ao evento, sendo a anfitriã oficial desde 2012 (FLIP, 2025).

A restauração, conduzida pelo escritório Jacobsen Arquitetura, famoso por seus projetos que honram o contexto histórico e ambiental, foi finalizada em 2015 e teve como meta manter a identidade arquitetônica local, incorporando-a a uma proposta de acomodação sofisticada e temática. Tendo por conceito arquitetônico, promover a literatura brasileira e global, através de um ambiente acolhedor, empregando poucos materiais para unir os espaços e garantindo a continuidade visual, simultaneamente, a privacidade dos hóspedes.

A remodelação da Pousada Literária seguiu as normas de preservação estabelecidas pelo tombamento, preservando elementos originais como fachadas, esquadrias, coberturas de telhas de cerâmica e estruturas de madeira (Imagem 17). O terreno possui uma área total de 4.346 m², com uma área edificada de 2.100 m², cuja organização espacial evidencia um projeto que valoriza o patrimônio histórico não apenas como cenário, mas como conteúdo da experiência.

Imagem 17 – Fachada Frontal Pousada



Fonte: Jacobsen Arquitetura (2025).

A disposição dos ambientes é estruturada em torno de um jardim central, que atua como ligação entre os blocos e como eixo de circulação e contemplação, fazendo referência aos antigos pátios internos das casas coloniais brasileiras (Jacobsen Arquitetura, 2025). Na entrada, o visitante é acolhido em uma área de recepção localizada em um dos casarões restaurados, cuja fachada se abre para a rua pavimentada com pedras "pé-de-moleque". Este ambiente apresenta o conceito da pousada, com móveis de madeira de demolição, luz suave e uma seleção de livros à vista, estabelecendo imediatamente a ligação com o universo literário que permeia toda a experiência de hospedagem (Figura 11).

A movimentação entre os departamentos ocorre de forma suave e intuitiva, através de passagens cobertas, corredores com aberturas em muxarabi e trilhas de pedra entre o paisagismo. Esta circulação foi concebida para garantir a privacidade dos hóspedes, além de possibilitar o deslocamento de funcionários por caminhos técnicos discretos, em conformidade com as estruturas históricas e as orientações do tombamento (Imagem 18).

Figura 11 – Planta Baixa Térreo: Pousada

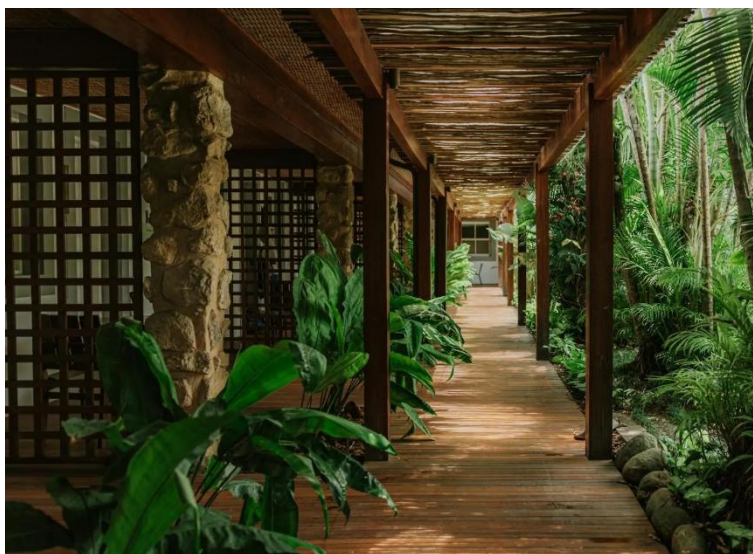


Legenda Ambientes:

- | | | |
|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 - Recepção | 5 - Biblioteca | 9 - Restaurante |
| 2 - Banheiros | 6 - Ambientes de Leitura | 10 - Suíte c/ Sala |
| 3 - Setores Administrativos | 7 - Suíte Simples | 11 - Estacionamento |
| 4 - Copa Funcionários | 8 - Área Piscina | 12 - Cozinha Restaurante |

Fonte: (Jacobsen Arquitetura, 2025). Adaptado pela autora.

Imagem 18 – Circulações Pousada



Fonte: ParatyTuors (2025).

A partir da entrada, o acesso se constitui pelo jardim interno, onde estão localizados os principais espaços da pousada. Este espaço central, repleto de árvores, possui bancos e redes, favorecendo o bem-estar, a ventilação natural e a integração visual entre os diversos setores. Os espaços comuns estão situados ao redor deste jardim, incluindo a biblioteca principal, o coração simbólico da pousada, com mais de 1.500 títulos, poltronas confortáveis e mesas para leitura (Pousada Literária Paraty, 2025). Durante a FLIP, este local também atua como um local cultural, acolhendo pequenas mesas redondas e lançamentos.

As suítes estão posicionadas estrategicamente entre os casarões recuperados e os volumes discretos, mantendo a volumetria e a tipologia originais das construções. Algumas unidades têm acesso através de corredores internos voltados para o jardim, enquanto outras possuem acesso independente através das ruas laterais, assegurando privacidade. Cada quarto possui características únicas, com uma decoração que combina o design moderno com o artesanato regional, além de possuir uma pequena biblioteca privada, reforçando o conceito literário (Pousada Literária Paraty, 2025). As acomodações são dispostas em andares térreos e superiores, sempre priorizando a acessibilidade e o conforto (Imagem 19).

Imagem 19 – Suíte Pousada



Fonte: ParatyTuors (2025).

A área de lazer com piscina e spa está localizada na parte posterior do terreno, mais distante da rua. Este setor foi concebido para ser mais silencioso, incentivando

o descanso em meio à flora tropical (Imagem 20). O Quintal das Letras, também situado em um dos edifícios restaurados, está organizado de maneira harmônica com o paisagismo. Parte de suas mesas está no salão interno, com portas de madeira que dão para o pátio, e outra parte está no jardim externo, abrigada pela sombra de árvores e treliças. A cozinha pode ser vista em uma parte do salão, proporcionando uma experiência mais íntima e emocional com os pratos da culinária local, que se baseia em ingredientes frescos da área (Imagem 21).

Imagem 20 – Área de Lazer Pousada



Fonte: Tablet Hotels (2025).

Imagem 21 – Restaurante Pousada



Fonte: Tablet Hotels (2025).

O uso combinado de hospedagem e gastronomia, vem sendo adotado com sucesso em projetos de requalificação patrimonial em cidades históricas brasileiras, como exemplifica a Pousada Literária de Paraty (RJ). Este empreendimento, instalado em um conjunto de edifícios tombados, ilustra de forma exemplar como o patrimônio pode ser ativado por meio de usos contemporâneos que respeitem as preexistências arquitetônicas e fortaleçam os vínculos culturais.

As referências extraídas do estudo de caso, revelam-se essenciais para orientar decisões projetuais, tanto no que tange ao partido arquitetônico quanto à concepção de interiores. A organização espacial da pousada evidencia a importância de preservar os elementos materiais do patrimônio edificado, ao mesmo tempo em que se promove a adaptação funcional para novos usos. Tais referências fornecem subsídios valiosos para propor um modelo de hospedagem em Aiuruoca que respeite o legado histórico do edifício escolar, mantendo características arquitetônicas originais, como esquadrias, coberturas, pisos e elementos construtivos, integrando soluções que assegurem conforto, acessibilidade e eficiência.

Do ponto de vista funcional, a adaptação da edificação existente para fins de hospedagem exige a definição clara de setores de serviços, circulações acessíveis, áreas técnicas e de apoio, respeitando as normas de acessibilidade e segurança. A experiência de Paraty demonstra a importância de compatibilizar essas exigências com a preservação dos elementos arquitetônicos originais, adotando soluções recomendadas pelo IPHAN.

2.3 Mar Museu de Arte do Rio

O Museu de Arte do Rio (MAR), aberto ao público em março de 2013, situa-se na Praça Mauá, no Rio de Janeiro, RJ. A edificação faz parte das iniciativas de intervenção no Porto Maravilha, cujo projeto busca revitalizar o entorno, que antes era caracterizado pela deterioração e pelo descaso. O museu, além de ser um local de exposição, se transformou em um emblema da conexão entre a preservação do patrimônio e a inovação arquitetônica, sugerindo uma nova interpretação do tecido urbano da cidade (Museu de Arte do Rio, 2019).

No perímetro imediato da edificação, existem várias atrações que potencializam sua qualificação urbana: o Boulevard Olímpico; o Museu do Amanhã e a Baía de

Guanabara, que proporciona uma paisagem natural de grande valor estético (Mapa 5). A área dispõe de novos sistemas de transporte urbano, como o “Veículo Leve sobre Trilhos” (VLT), que simplifica o acesso e liga a área portuária ao restante do centro urbano (Companhia Carioca de Parcerias e Investimentos – CCPAR, 2023). A estação mais próxima está situada a poucos passos da entrada do MAR, auxiliando no fluxo de visitantes.

A sua localização é altamente estratégica, já que está implantado em uma zona intermediária entre o centro histórico da cidade e a área portuária. Antes da revitalização, a região da Praça Mauá estava isolada do restante do casco antigo devido a existência do Elevado da Perimetral, uma via expressa construída no ano de 1960 que atravessava a região (CCPAR, 2023). Apesar de promover um fluxo contínuo de veículos, a via dificultava o acesso de pedestres e desvalorizava o espaço urbano.

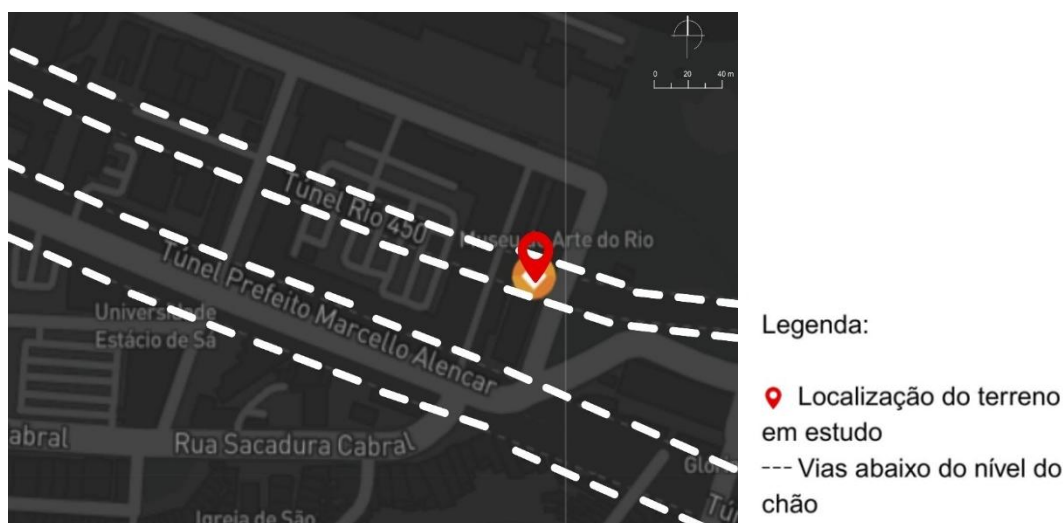
Com a implementação do projeto Porto Maravilha, esse elevado foi completamente desmantelado (CCPAR, 2023) e substituído por um novo sistema de vias abaixo do nível do mar: o Túnel Rio 450, com aproximadamente 1.480 metros de extensão, que inicia na Rua Primeiro de Março, no centro do Rio de Janeiro, atravessa o bairro da Saúde, na zona portuária e termina na Via Binário do Porto; e o Túnel Prefeito Marcello Alencar, também conhecido como Túnel da Via Expressa, é o maior túnel subterrâneo do Brasil, com 3.382 metros de extensão e conecta a Avenida Rodrigues Alves, na região portuária, a na Avenida Alfred Agache, próxima à Praça XV, atravessando os bairros do Centro, Gamboa e Saúde (Mapa 6).

Mapa 5 – Localização do Museu



Fonte: Google Maps (2025); Veja (2025); Globo G1 (2025). Adaptado pela autora.

Mapa 6 – Vias Subterrâneas



Fonte: Arte Fora do Museu (2020). Adaptado pela autora.

A estrutura anterior, que atuava como um obstáculo físico e visual, foi substituída por avenidas mais humanizadas, calçadas amplas, faixas de pedestres e uma reformulação total da Rua Américo Rangel, via de uso exclusivo do museu (Imagem 22).

A via que anteriormente separava o Palacete Dom João VI da Escola do Olhar, passou por uma reurbanização e foi incorporada ao conjunto do edifício, o que

possibilitou a construção de uma passarela suspensa entre os blocos, sem interferir no fluxo visual ou de pessoas (Imagem 23). No presente, o local opera como uma zona de transição suave e convidativa, com limites flexíveis entre rua, calçada e praça. Além disso, possui sinalização, iluminação e mobiliário urbano, que reforça a natureza pública e segura do museu.

Imagem 22 – Rua Américo Rangel



Fonte: ArchDaily Brasil (2013).

Imagem 23 – Fachada Principal: MAR



Fonte: Casa Vogue (2013). Adaptado pela autora.

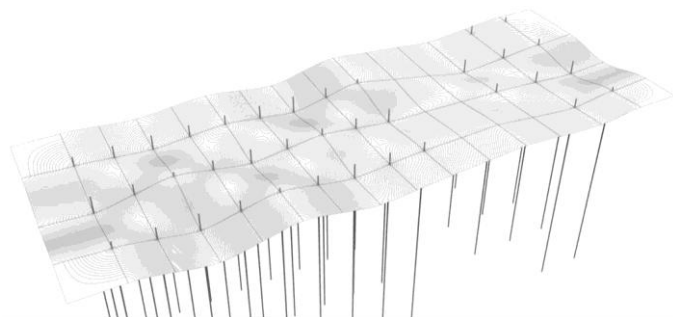
O complexo arquitetônico do MAR é formado por dois edifícios de estilos diferentes: o Palacete Dom João VI, um edifício eclético da primeira metade do século XX e um antigo terminal de ônibus com características modernistas (Equipe Viva

Decora, 2021). O conceito que norteia o projeto, pode ser visto como uma fusão entre o novo e antigo. A ideia parte da valorização das construções arquitetônicas e urbanas existentes, ao mesmo tempo que incorpora um elemento contemporâneo de grande impacto simbólico e visual: uma cobertura em formato orgânico que une os edifícios, tanto em termos funcionais quanto poéticos.

A intervenção proposta pelo escritório Bernardes + Jacobsen Arquitetura, evidenciou a conexão das duas estruturas por meio dessa cobertura abstrata e fluida, que se transformou no emblema visual do museu. Inspirada na ideia de leveza, movimento e união, foi projetada com uma configuração ondulada e contínua, que faz referência a uma onda (Jacobsen Arquitetura, 2025). Além disso, é uma metáfora panorâmica que transmite o sentimento de proteção, acolhimento e liberdade, elementos relacionados à experiência cultural e à arte.

A cobertura não está diretamente em contato com a construção antiga, é sustentada por pilares e tirantes metálicos, posicionados de maneira estratégica, para criar a impressão de que está "flutuando" sobre os edifícios. Trata-se de uma obra de grande porte e um dos principais desafios técnicos enfrentados foi a variação de níveis ao longo do manto (Figura 12), elemento essencial para criar o efeito visual das ondulações (Blog Porto Maravilha, 2012). Esta solução arquitetônica foi crucial para assegurar que não ocorresse qualquer intervenção direta nas fachadas tombadas do palacete histórico, com o objetivo de manter o patrimônio e, simultaneamente, introduzir um elemento inédito e de autoria.

Figura 12 – 3D Ondulações da cobertura



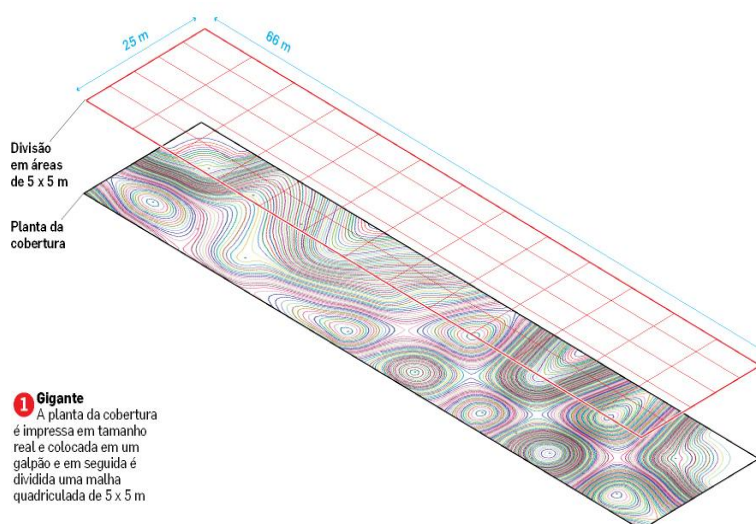
Fonte: TexturaAqui (2012).

Com base em diversos estudos, concluiu-se que a execução poderia ser viabilizada através de placas de isopor de alta densidade, como base estrutural

provisória. Esse material seria inicialmente revestido com camadas de papel e cola, para formar um molde que, posteriormente, receberia um acabamento em fibra e resina. A suavidade e a maleabilidade do isopor permitem a conformação das curvas sinuosas (Figura 14). Após a aplicação do concreto armado com aditivos que aumentam sua plasticidade e resistência, sem comprometer a leveza da estrutura, o molde de isopor pode ser removido, deixando apenas a estrutura definitiva (Blog Porto Maravilha, 2012).

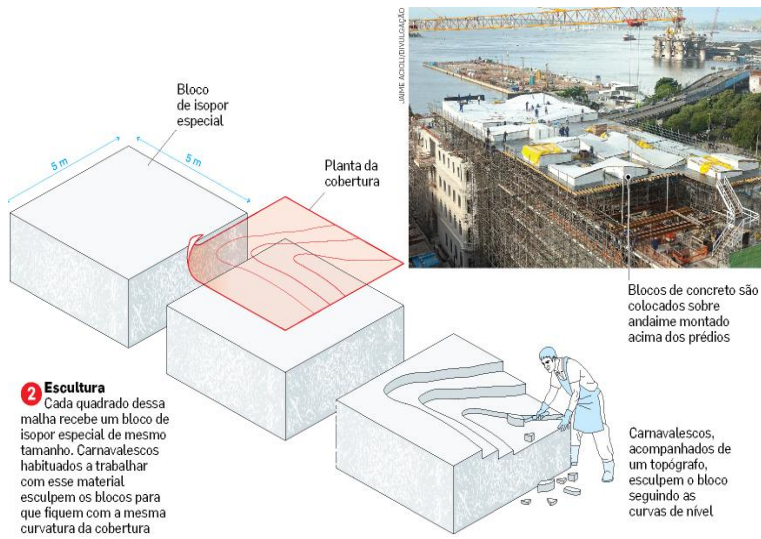
Ela não apenas conecta dois volumes físicos, mas também sintetiza o conceito do museu como espaço de articulação entre o passado e o futuro com responsabilidade cultural, social e urbana. Visto que, o restauro do Palacete foi feito de forma cuidadosa, enquanto no edifício da Escola do Olhar a intervenção foi mais livre, onde foi suspenso o último andar, para harmonizar a altura dos dois blocos (Imagem 24). Ademais, os arquitetos sugeriram a troca das alvenarias de vedação das fachadas por perfis de vidro transparente (Imagem 25), que evidenciam o sistema estrutural de colunas recuadas e expõem os pilotis (Jacobsen Arquitetura, 2025).

Figura 13 – Processo de Execução da Cobertura (Parte 1)



Fonte: Sergio Nobre (2013).

Figura 14 – Processo de Execução da Cobertura (Parte 2)



Fonte: Sergio Nobre (2013).

Imagem 24 – MAR: Antes da Intervenção



Fonte: Sergio Nobre (2013).

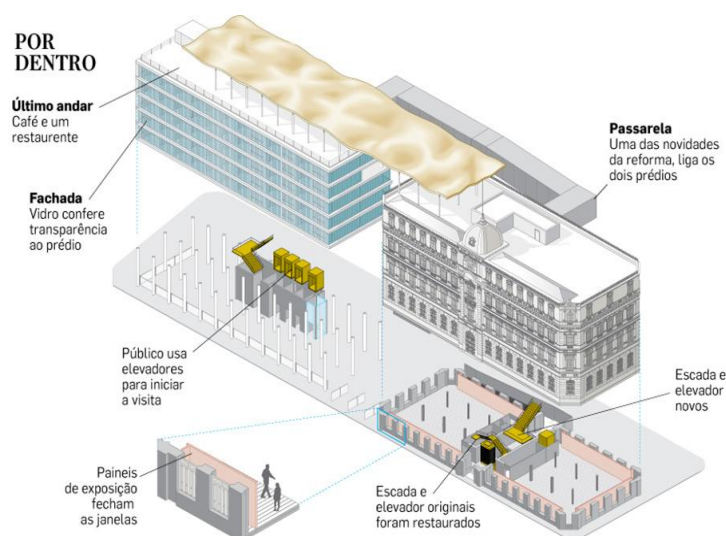
Imagem 25 – MAR: Após a Intervenção



Fonte: Sergio Nobre (2013).

No que diz respeito ao projeto arquitetônico, a organização dos fluxos internos do museu é bem definida. O Palacete Dom João VI é o principal acesso, com uma entrada que se abre para a Praça Mauá, com total transparência e acessibilidade. A passarela localizada no nível mais alto, que atravessa a rua entre os dois edifícios, não só atua como ligação entre os volumes, mas também como um local de contemplação, com vistas para o mar e para a cidade.

Figura 15 – Acessos e Acessibilidade: MAR

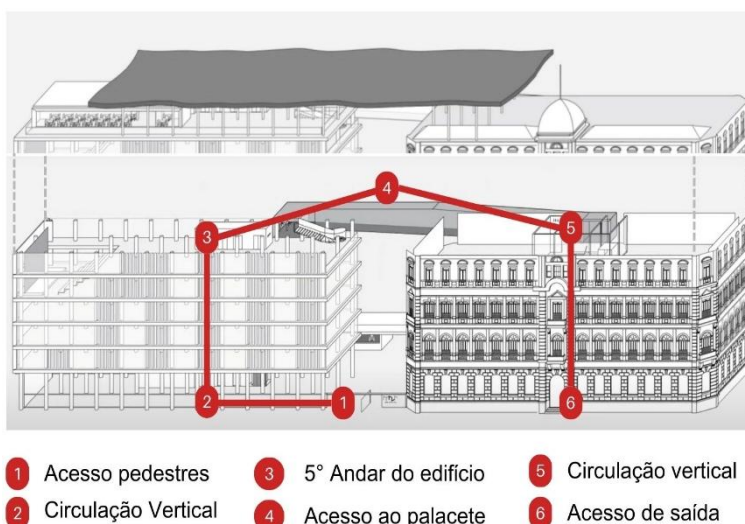


Fonte: Sergio Nobre (2013).

A setorização é eficaz e enfatiza a distinção entre as diversas utilizações e experiências sugeridas no local. O museu possui uma área total de 15.000 m², com oito salas de exposições e cerca de 2.400 m², distribuídos em cinco pavimentos (Arte Fora do Museu, 2020). Os espaços contemplativos, situados no Palacete Dom João VI, são silenciosos e introspectivos, destinados à apreciação artística. Por outro lado, a ambientação da Escola do Olhar, localizada no prédio anexo, são mais animadas e focadas na interação, aprendizado e criação cultural. A inclusão de rampas e sinalização tátil foi meticulosamente levada em conta no projeto, juntamente com uma arquitetura de interiores sóbria que realça tanto o acervo quanto as atividades pedagógicas.

A entrada principal do complexo está situada no piso térreo do palácio, onde existe um amplo hall de recepção e um sistema de controle. Importante destacar que há uma organização de acessos com entrada e saída separadas, o que otimiza o fluxo de visitantes e evita cruzamentos. A partir desse ponto, o curso se estabelece direcionando os visitantes para os andares com exposições categorizadas por temas ou curadorias.

Figura 16 – Curso de Visitação: MAR

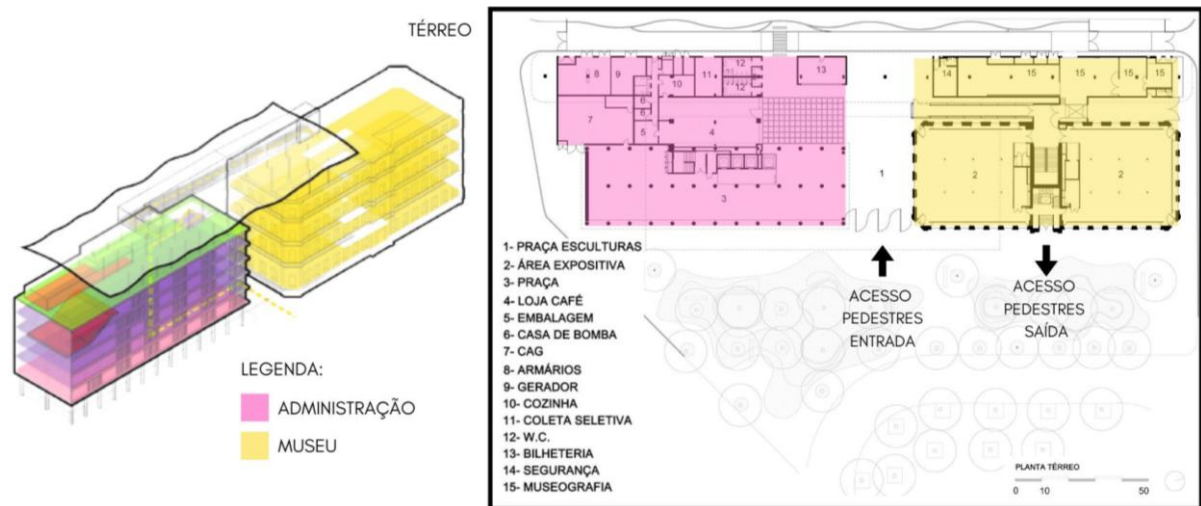


Fonte: Bernardes Arquitetura (2025). Adaptado pela autora.

O programa de necessidades inclui salas de aula, laboratórios, setores administrativos e áreas de convivência conjuntas, que estimulam a interação entre professores, alunos e visitantes. Em termos funcionais, o projeto distingue claramente

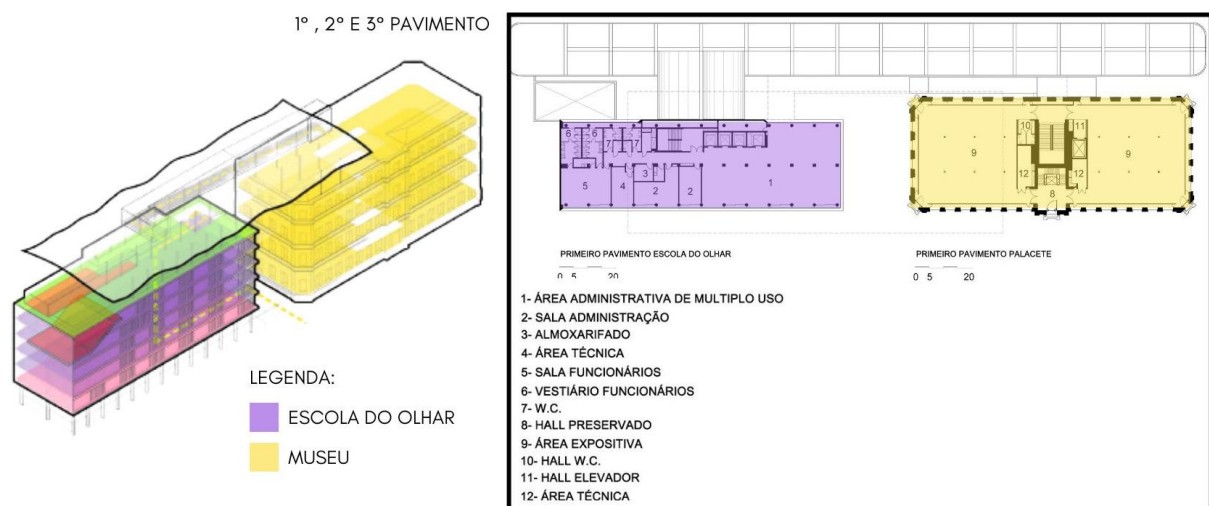
os setores de uso contemplativo (museu), educativo e interativo (escola) e de suporte (como cafés, banheiros, auditório e áreas técnicas), além de estabelecer fluxos autônomos para visitantes, colaboradores e serviços, assegurando organização, segurança e eficácia na gestão diária do museu.

Figura 17 – Pavimento Térreo: MAR



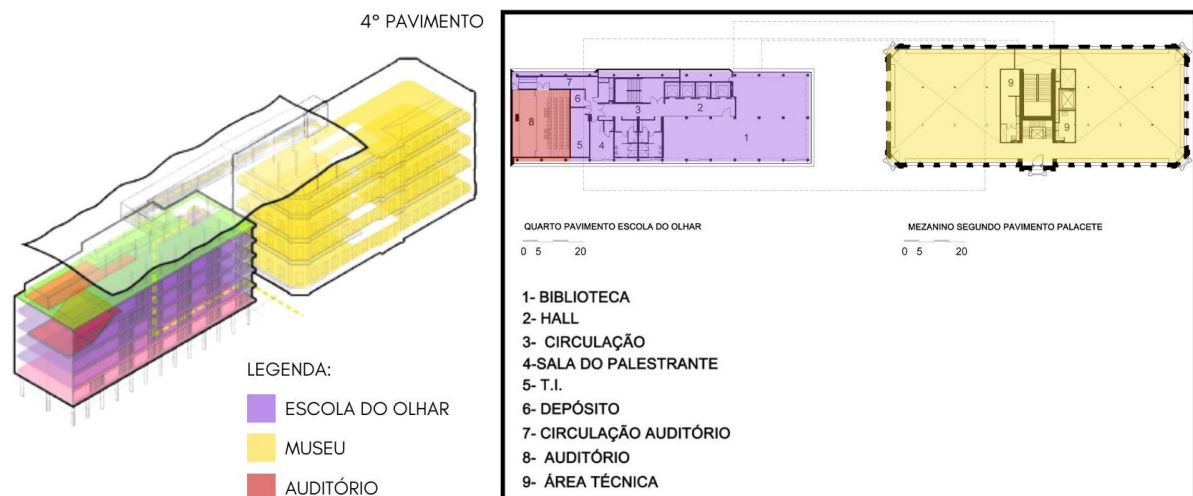
Fonte: Bernardes Arquitetura (2025). Adaptado pela autora.

Figura 18 – 1º, 2º e 3º Pavimento: MAR



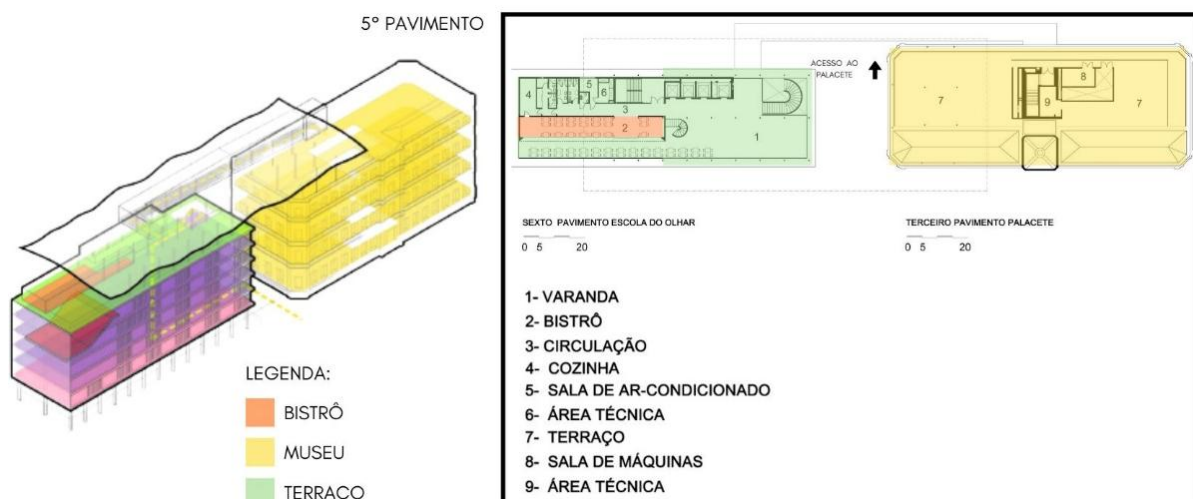
Fonte: Bernardes Arquitetura (2025). Adaptado pela autora.

Figura 19 – 4º Pavimento: MAR



Fonte: Bernardes Arquitetura (2025). Adaptado pela autora.

Figura 20 – 5º Pavimento: MAR



Fonte: Bernardes Arquitetura (2025). Adaptado pela autora.

A análise do Museu de Arte do Rio é de grande relevância para o projeto de revitalização do Colégio Santa Edwiges, em Aiuruoca, especialmente por sua abordagem sensível e inteligente na articulação entre o patrimônio histórico e a arquitetura contemporânea. O projeto do MAR se destaca pela preservação qualificada das edificações existentes, aliada à inserção de uma cobertura fluida, leve e expressiva, concebida de forma que não obstrui, visualmente, a fachada tombada do Palacete Dom João VI, respeitando sua integridade e valor simbólico. Essa solução

revela uma forma sofisticada de intervenção que valoriza o antigo sem renunciar à inovação arquitetônica.

No caso do Colégio Santa Edwiges, cuja fachada histórica percorre toda a extensão frontal do terreno, a proposta de uma estrutura suspensa, inspirada na passarela e na cobertura do MAR, surge como alternativa coerente e estratégica. Essa intervenção permitiria enfatizar a conexão entre os dois volumes do novo programa, o edifício original restaurado e o bloco destinado ao gastrobar, ao mesmo tempo em que assegura a preservação da leitura da fachada existente. A organização dos fluxos, com acessos independentes e bem definidos, aliada à criação de áreas de transição e convivência entre os espaços, reforça a aplicabilidade de conceitos do MAR ao contexto aiuruocano, de modo a implementar uma ocupação mais integrada e funcional.

Por fim, o estudo de caso destaca a importância das ações de qualificação urbana em seu entorno imediato, promovidas no âmbito do projeto Porto Maravilha. Intervenções como a reurbanização das vias, a criação de espaços compartilhados, o rebaixamento de guias e a adoção de pavimentação acessível e mobiliário urbano adequado, contribuíram para ampliar o caráter público do museu e fortalecer sua relação com a cidade. Esses princípios também podem ser adaptados ao entorno do colégio, servindo como diretriz para futuras modificações que promovam acessibilidade universal, segurança e valorização do espaço urbano.

2.4 Toro Gastrobar

O Toro Gastrobar, situado em Los Cabos, no México, é um projeto arquitetônico notável criado pelo escritório brasileiro Estúdio Arthur Casas. O destaque do projeto está na harmoniosa integração entre a arquitetura contemporânea, a paisagem natural e os elementos culturais da região, que é caracterizada pelo clima seco e com vistas deslumbrantes para o Oceano Pacífico. A proposta busca valorizar a natureza ao seu redor, com a utilização de materiais que refletem os tons terrosos (Estúdio Arthur Casas, 2025).

Inaugurado como parte da renovação de uma estrutura já existente, o espaço, além de seu aspecto visual, foi projetado para proporcionar um ambiente acolhedor e sensorialmente cativante. A luz suave, os elementos táteis e a disposição fluida dos

ambientes, promovem a permanência e a interação. A reforma se inspira nas dinâmicas tradicionais da construção local, que se manifesta através das paredes curvas, ventilação natural, entrada de luz e visão da vegetação nativa.

O conceito parte da premissa de que o espaço construído deve respeitar e valorizar o contexto em que está inserido, ou seja, um território marcado pela aridez do deserto, pela vegetação e pela amplitude da paisagem. Além disso, uma característica marcante dos projetos do arquiteto, é criar uma conexão entre o interior e o exterior, partido arquitetônico levado em consideração na proposta gastrobar.

Nesse viés, o entorno exerce papel fundamental na concepção da arquitetura do projeto, naturalmente integrada ao paisagismo (Figura 21), empregando espécies nativas e adaptáveis ao clima, como as árvores "Palo Verde" e a Grama de fonte" (Archello, 2025). As áreas verdes complementam e suavizam os volumes construídos, além de colaborar com o microclima do local.

O planejamento também inclui a infraestrutura de acesso, mantendo a topografia original do terreno (Figura 22). O estacionamento possui 28 vagas, posicionadas de maneira discreta, para não prejudicar visualmente a edificação. Os trajetos sinuosos com pedras locais levam os visitantes à entrada principal, proporcionando uma mudança gradual do exterior para o interior do restaurante (Imagem 26), intensificando a experiência sensorial desde o primeiro contato com o local (Archello, 2025).

Figura 21 – Planta de Paisagismo



Fonte: Archello (2025). Adaptado pela autora.

Figura 22 – Corte: Toro Gastrobar



Fonte: Archello (2025). Adaptado pela autora.

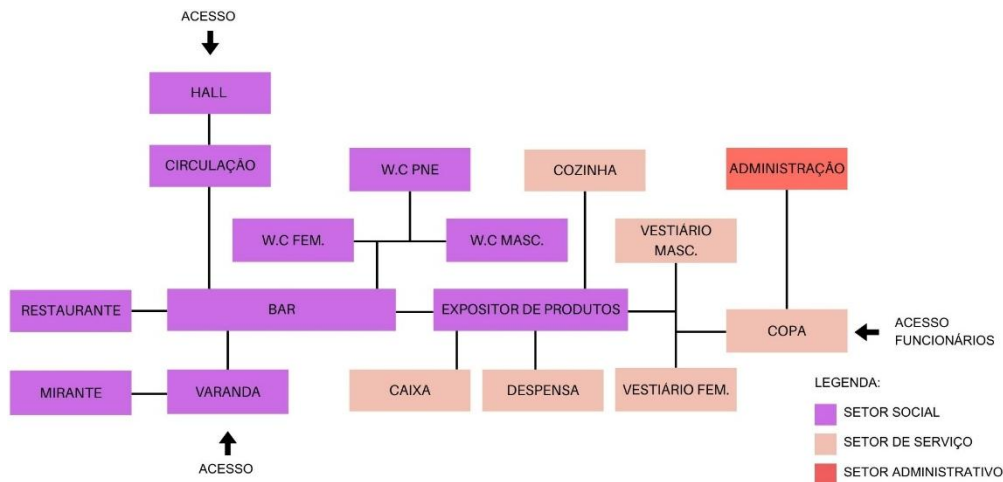
Imagem 26 – Acesso ao Gastrobar



Fonte: Archello (2025).

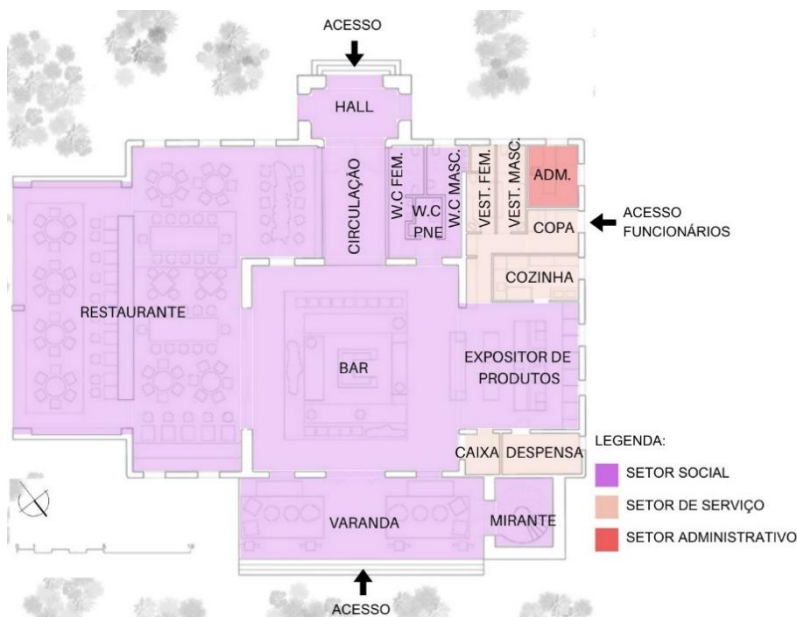
A estrutura do restaurante se baseia em um pátio central aberto, que atua como o coração do projeto, uma reinterpretação dos pátios mexicanos tradicionais (Archello, 2025). Este núcleo abriga o bar e atua como local de encontro, com o objetivo de interagir com os outros ambientes ao seu redor. A fim de possibilitar o contato direto com a natureza e a luz natural, a transição entre esses espaços é contínua e sem barreiras visuais marcadas, reforçando a sensação de acolhimento e liberdade.

Figura 23 – Fluxograma e Setorização: Toro Gastrobar



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 24 – Planta Baixa: Toro Gastrobar

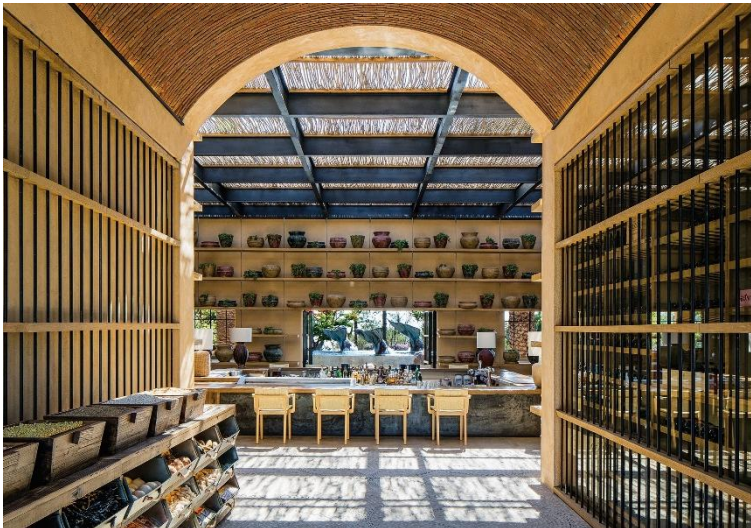


Fonte: Estúdio Arthur Casas (2025). Adaptado pela autora.

A entrada principal é marcada por um corredor de tijolos abobadados que guia o visitante de maneira progressiva até o espaço principal. No chão, foram dispostas pedras de forma orgânica até chegar ao bar, que é resguardado por um guarda-sol retrátil (Imagem 27). Esta área é coberta por um pergolado com galhos naturais, sustentado por vigas de aço (Archello, 2025), que filtram a luz intensa típica do clima costeiro de Los Cabos, sem que a iluminação natural seja obstruída.

Para compor um ambiente natural e sofisticado, o restaurante, a varanda e a área de exposição de produtos, possuem piso de cerâmica e revestimento de madeira. As mesas foram dispostas para acomodar casais e grupos maiores, de acordo com a variedade do público que frequenta o restaurante em Los Cabos (Imagem 28). Ao complementar o ambiente, as prateleiras suspensas reforçam as linhas horizontais do pátio e são intercaladas por molduras que ampliam a vista em direção ao mar (Archello, 2025).

Imagem 27 – Entrada Principal



Fonte: Estúdio Arthur Casas (2025).

Imagem 28 – Interior do Restaurante



Fonte: Galeria da Arquitetura (2025).

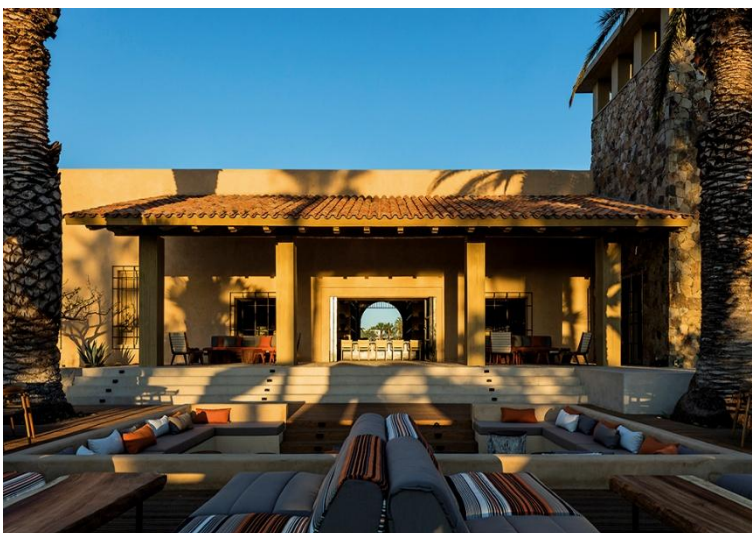
Um dos acréscimos mais significativos à estrutura original, é um volume em balanço coberto de madeira, situado no piso inferior do restaurante, este local proporciona uma vista direta para o mar e possui um guarda-corpo discreto (Imagem 29). No exterior, um deck de madeira se estende até o jardim, com sofás, mesas e uma lareira embutida no chão, para relaxamento e contemplação ao ar livre (Imagem 30).

Imagem 29 – Estrutura em Balanço



Fonte: Galeria da Arquitetura (2025).

Imagem 30 – Área de Convivência Externa



Fonte: ArchDaily Brasil (2016).

Os aspectos analisados no caso mexicano, indica estratégias essenciais que podem ser reinterpretadas de acordo com as particularidades da área mineira, incentivando uma intervenção eficaz com identidade regional. O estudo, oferece uma base sólida para a criação de um gastrobar funcional, sensível ao contexto, que articula arquitetura, paisagem, cultura e gastronomia de forma inspiradora.

É imprescindível, no entanto, investigar profundamente a cultura local, compreendendo seus modos de vida, suas manifestações artísticas, saberes populares e relação com o território. Essa escuta ativa da comunidade possibilitará a escolha de elementos arquitetônicos e materiais que fortaleçam a conexão dos usuários com o espaço e, sobretudo, com a natureza ao redor. Em uma cidade marcada por sua paisagem montanhosa, suas águas e sua forte presença rural e espiritual, o ambiente deve atuar como uma extensão sensível desse cenário.

Em termos funcionais, a organização espacial favorece a convivência, o conforto térmico e a permanência prolongada dos usuários. A disposição dos ambientes ao redor de um pátio central, com diferentes áreas, demonstra uma alternativa eficiente para estruturar um fluxo dinâmico e ao mesmo tempo íntimo, especialmente relevante em ambientes onde o clima e a paisagem são recursos a serem potencializados, como em Aiuruoca.

Por fim, o projeto deve considerar também a valorização da produção local ao inserir produtos típicos de Aiuruoca, oriundos da agricultura familiar. A disposição desses elementos no espaço, seja por meio da gastronomia servida ou da venda direta de itens artesanais, reforçará o vínculo entre arquitetura, economia e cultura, promovendo o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento da identidade local.

CAPÍTULO III: PROBLEMÁTICA

O termo patrimônio, tradicionalmente, possui conotação de herança paterna, característica da transmissão da carga hereditária de um grupo social a suas gerações futuras, de forma que não possam ser perdidos, extintos ou destruídos (Souza, 2008). Essa conexão é essencial para aprender com a história e evitar a perda de conhecimento e experiência acumulados ao longo do tempo. No entanto, ao progredir para uma visão mais atual, a concepção do patrimônio pode ser entendida como a reunião dos elementos culturais, ligados às identidades coletivas (Zanirato; Ribeiro, 2006).

O autor aiuruocano, Maciel, introduz seu livro “Ayuruoca nos Setecentos: Nossa terra, nosso ouro, nossa gente” (2014), destacando a importância do exercício das tradições genuínas para o fortalecimento da cultura, que, por sua vez, revela a história. Ele enfatiza que a construção de um futuro mais promissor depende da conscientização sobre o presente, da exploração de novas possibilidades e da valorização dos ensinamentos deixados pelos antepassados.

O Colégio Santa Edwiges, fundado em função da chegada das Irmãs Franciscanas de Ingolstadt, da Alemanha, em 1938 (Prefeitura de Aiuruoca, 2025), é motivo de grande lamentação devido ao seu estado crítico de deterioração. Nesse contexto, a intervenção da sua atual condição de ruína torna-se necessária, pois o colégio representa não apenas um patrimônio arquitetônico, mas também um marco na memória coletiva e um símbolo da identidade local.

Para que o fortalecimento do vínculo da comunidade com seu passado e a preservação do seu legado para as futuras gerações seja estabelecido, é necessário analisar as necessidades da sociedade como um todo, a fim de que o patrimônio seja reintegrado com o intuito de atender as condições e carências atuais da cidade.

Conforme dos Santos e de Sousa (2016), o artesanato se destaca como uma das formas mais ricas de expressão da cultura de um povo e de seu potencial criativo. Além disso, os mesmos autores apontam que, nos últimos tempos, a essa dimensão cultural soma-se um aspecto econômico, com impacto na inclusão social e na geração de trabalho e renda. Nos dias de hoje, segundo o site Paraíso dos Tucanos (2025), Aiuruoca preserva a herança intimamente ligada ao trabalho artesanal, desde a

produção de alimentos típicos até a confecção de peças feitas à mão, valorizando seus produtos, que não apenas encantam os turistas, mas também impulsionam a economia local. Porém, a cidade ainda peca no quesito acessibilidade, como afirmou o secretário da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental.

Segundo a SEDESA, através do site Paraíso dos Tucanos (2025), a prefeitura planeja melhorar a infraestrutura básica da cidade, incluindo hotéis, pousadas e restaurantes, além de aprimorar as informações disponíveis para os turistas que visitam o município. Visto que, a maioria meios de hospedagem atendem a pontos turísticos na zona rural do município, o que dificulta o acesso ao centro da cidade. O colégio a ser revitalizado, localiza-se em ponto de interesse econômico, apenas a cem metros da Igreja Matriz e da praça central da cidade (Google Maps, 2025), onde são promovidos os maiores eventos municipais, conforme mencionado na agenda de eventos da Prefeitura de Aiuruoca (2025).

Por meio deste projeto, objetiva-se a reintegração de uma edificação de valor histórico e propõe-se a implementação de uma pousada acessível, para que a cidade disponha da infraestrutura necessária para acomodar um número maior de turistas. E, agregue um ambiente para vendas e consumo de produtos gastronômicos e artesanais locais. A edificação a ser revitalizada possui: três andares, jardim interno, várias salas de aula, cozinha, refeitório, auditório, sanitários, salões, biblioteca e ampla área externa, implantados em um terreno de 3.678m², que serão aproveitados e adaptados para a realização do desse projeto. E, em paralelo, espera-se fortalecer o sentimento de pertencimento dos moradores em relação à área revitalizada, além de estimular a economia local.

CAPÍTULO IV: DIRETRIZES PROJETUAIS

Este capítulo trata das diretrizes de projeto que norteiam o desenvolvimento da proposta arquitetônica, por meio da análise criteriosa de condicionantes físicas e ambientais do terreno, das normativas urbanísticas vigentes e das características socioculturais e paisagísticas do entorno. A partir desse diagnóstico inicial, torna-se possível avaliar a viabilidade da implantação do projeto na cidade de Aiuruoca/MG, considerando sua inserção no contexto urbano e histórico local. Além disso, são definidos o programa de necessidades e o pré-dimensionamento dos espaços, assegurando funcionalidade, coerência estética e integração com a identidade regional. O capítulo também aborda o conceito e o partido adotados para o projeto, bem como a elaboração do fluxograma e da setorização, instrumentos fundamentais para organizar espacialmente as atividades e estabelecer relações lógicas entre os ambientes propostos. A compreensão desses elementos é essencial para a elaboração de uma proposta sensível às especificações do local, contribuindo para a valorização do patrimônio e o fortalecimento da dinâmica socioeconômica da cidade.

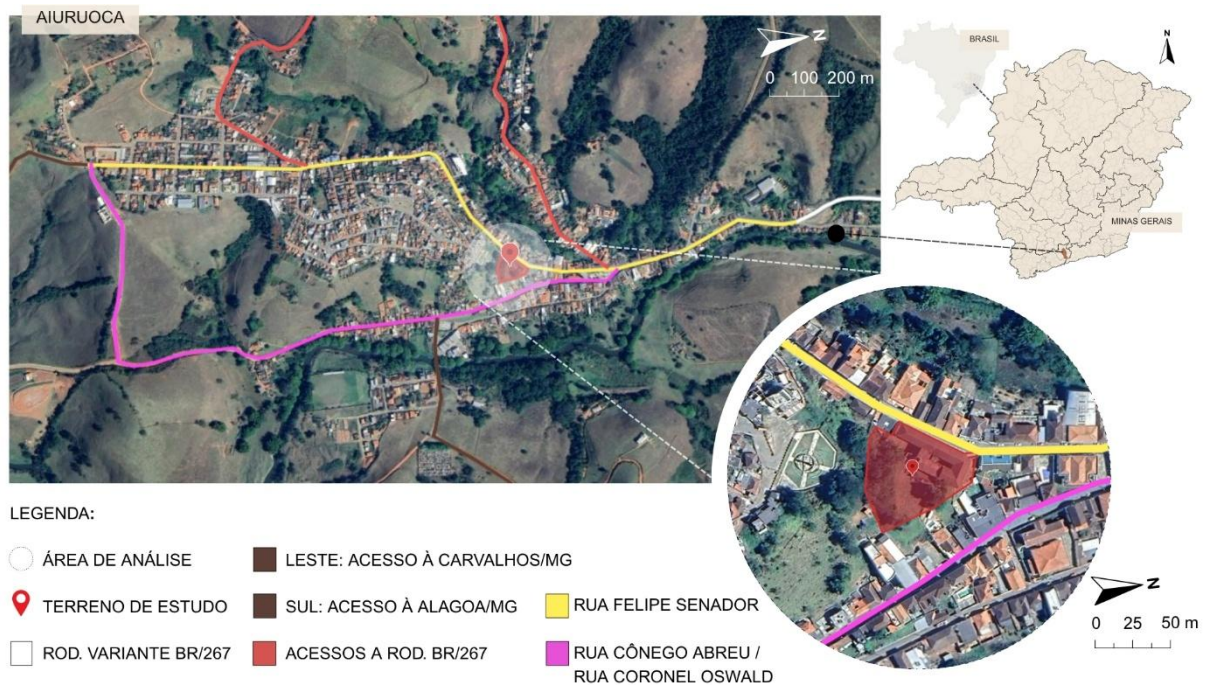
4.1 Análise e Diagnóstico do Entorno e Leis Vigentes

O Colégio Santa Edwiges, ocupa 920 m² de área edificada no interior de 3.678 m² de terreno, que foi escolhido para a intervenção e implantação da Pousada e Gastrobar. O acesso principal e de veículos está instalado na rua Felipe Senador (Mapa 7), eixo calçado por paralelepípedo, tombado pelo decreto de nº43/2007 (Prefeitura de Aiuruoca 2025). A via paralela a área de estudo é a principal da cidade, conecta-se diretamente a rodovia variante da BR/267 e aos quatros eixos secundários de acesso (Google Maps 2025).

Além disso, a edificação se encontra na região central de Aiuruoca, em Minas Gerais, e desfruta de uma posição vantajosa tanto em termos simbólicos quanto funcionais. Localizado em um arranjo elevado em relação ao centro histórico da cidade, o edifício se sobressai na paisagem e se transforma em um ícone visual que se harmoniza com o relevo acidentado da área (Imagem 31).

No cenário regional, embora esteja um pouco distante dos grandes centros urbanos, é acessível por rodovias estaduais e federais que ligam Aiuruoca às principais vias do sudeste. O município é principalmente acessado através da BR/267, que liga Juiz de Fora a Poços de Caldas, além da MG/347, que conecta Aiuruoca a regiões próximas, e a partir dessas vias, é possível chegar por estradas vicinais (Google Maps, 2025). Esta rota facilita a circulação constante de turistas provenientes de áreas próximas, como as cidades compostas pelo Circuito das Águas e Terras Altas da Mantiqueira.

Mapa 7 – Localização do Terreno



Fonte: Google Earth (2022); IBGE (2023). Adaptado pela autora (2025).

Imagem 31 – Área Central de Preservação do Patrimônio Histórico



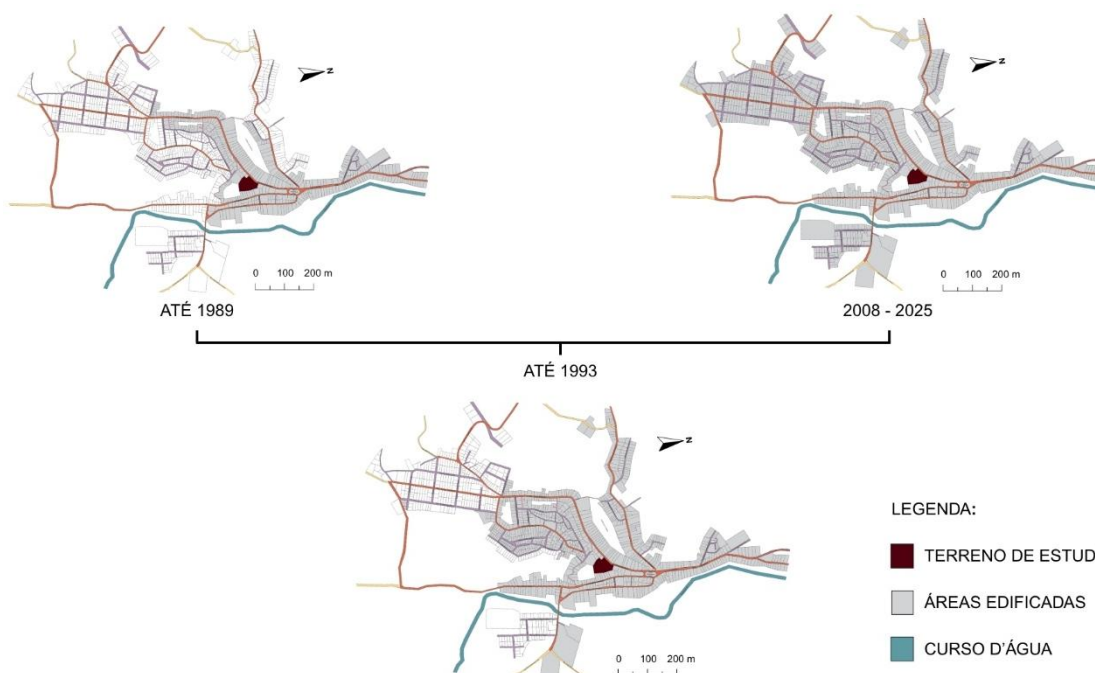
Fonte: Paraíso dos Tucanos (2025). Adaptado pela autora (2025).

Aiuruoca mantém um padrão de crescimento progressivo a partir do núcleo central, que se originou em meados de 1700 (Prefeitura de Aiuruoca, 2025). A expansão urbana segue um exemplo característico das cidades coloniais de Minas Gerais, com o início organizado em torno da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Conforme o estudo de Marroquini (2016), a primeira urbanização, compacta e ajustada à topografia montanhosa, progrediu progressivamente com a formação de bairros adjacentes, como Matutu e Pedra, localizados na zona rural sul do município, que seguiram as antigas rotas e trilhas. A falta de um planejamento urbano formal favoreceu um desenvolvimento orgânico, guiado por fatores naturais e pela valorização crescente do turismo ecológico na área (Imagem 32).

Ao analisar os dados coletados pela Prefeitura de Aiuruoca (2025), as construções realizadas por diversas gestões municipais e seus períodos correspondentes, justificam a expansão urbana da cidade ao longo dos anos. Este estudo histórico possibilita elaborar uma linha do tempo (Mapa 8) que demonstra o avanço constante da cidade, visível nas mudanças arquitetônicas e infraestruturais realizadas no seu processo evolutivo.

Mapa 8 – Morfologia Urbana



Fonte: Aiuruoca (2025). Produzido pela autora (2025).

Imagem 32 – Aiuruoca no início do séc. XX e em 2022



Fonte: Acervo Museu Municipal Dr. Júlio Arantes Sanderson de Queiróz (2025); Palace Hotel (2015).

A imagem acima ilustra a evolução urbana da cidade, comparando sua configuração no século XX com a paisagem em 2022, semelhante a atual. Através dessa comparação, é possível observar o crescimento gradual do tecido urbano e as transformações no uso do solo ao longo do tempo, refletindo as mudanças socioeconômicas e culturais do município.

Conforme o Censo de 2022 do IBGE (IBGE, 2022), Aiuruoca possui uma densidade demográfica de aproximadamente 9,59 habitantes por quilômetro quadrado. Com 6.233 residentes espalhados por uma área territorial de 649,68 km² (IBGE, 2024), o município exibe uma compacidade populacional reduzida, um traço comum em áreas de relevo irregular e economia focada em atividades rurais e turismo ecológico (Marroquini, 2016).

Na área de análise, ao entorno do terreno (Mapa 9), nota-se um crescimento urbano desordenado na zona sul, devido ao relevo mais acentuado (Imagem 32) e na área norte, as edificações mais antigas foram implantadas à margem das vias, a maioria sem recuos frontais. Além disso, apresenta uma distribuição desigual de áreas cheias e vazias, com ambientes mais abertos indicando afastamentos de locais de proteção ambiental e potencial de expansão urbana.

Mapa 9 – Figura e Fundo



Fonte: Produzido pela autora (2025).

Apesar de moderada, a expansão urbana se apresenta como uma chance estratégica para a valorização do território e o fortalecimento da economia local. A análise dessas dinâmicas territoriais possibilita entender a possibilidade de implementação de novos projetos nas áreas verdes (Mapa 10), destinadas as

negociações de urbanização, que estejam em consonância com os princípios sociais e ambientais da cidade.

Nota-se que os principais eixos de crescimento seguem as vias de acesso que ligam o centro urbano às comunidades vizinhas e aos locais turísticos da zona rural (Mapa 10), fomentando a construção de infraestrutura ao longo desses caminhos. Assim, as políticas locais têm tentado harmonizar o desenvolvimento territorial com a salvaguarda dos recursos naturais e do patrimônio histórico.

De acordo com o Plano Diretor do município (Aiuruoca, 2007), no artigo 138, as propostas para o sistema viário urbano preveem a retirada do tráfego intenso da zona histórica, restringindo-o ao trânsito local, através de instalações de rotas alternativas e a construção de uma via arterial, à margem do Rio Aiuruoca, para desviar o tráfego da BR/267. Porém, a proximidade do curso d'água nas vias de acesso ao antigo colégio, representa um fator de vulnerabilidade, uma vez que essas áreas são historicamente sujeitas a inundações. Em períodos de cheia, o acúmulo de água pode bloquear os acessos, prejudicando o deslocamento de moradores, turistas e serviços essenciais, o que reforça a necessidade de estratégias viárias seguras e de planejamento urbano adaptado às dinâmicas naturais do Rio Aiuruoca (Jornal Panorama, s.d.).

Sugere-se, ainda, estabelecer um terminal rodoviário, para que transportes turísticos e carros particulares estacionem na entrada da área urbana, com acesso ao centro histórico feito a pé ou por ônibus circular com horários definidos.

Na realidade atual, a cidade não possui mobilidade circular por meio de transporte coletivo urbano, contando apenas com um ponto de espera (Mapa 10) localizado próximo à Praça Monsenhor Nágel, a cerca de 280 metros do Colégio Santa Edwiges (Google Maps, 2025). Esse ponto atua como suporte para os trajetos intermunicipais realizados durante a semana (Tabela 1), evidenciando a limitação da infraestrutura de transporte público local.

Além da escassez de pontos de transporte, observa-se outro fator que compromete a mobilidade urbana, o município não possui a demarcação de faixas de pedestres (Google Maps, 2025), o que prejudica significativamente a segurança no trânsito, especialmente em regiões de maior movimentação. Este cenário é ainda mais preocupante considerando que o local sugerido para o projeto está situado nas

proximidades da área de preservação histórica da cidade, onde a circulação de pedestres e veículos tende a ser intensa. A ausência de sinalizações adequadas pode gerar conflitos entre modais, já que não existem limites claros para o deslocamento seguro, reforçando a necessidade de intervenções que priorizem a acessibilidade universal e a segurança viária.

No que se refere à inserção urbana do terreno, destaca-se que o imóvel se encontra em uma via coletora estratégica, inserida no meio urbano e caracterizada por oferecer acesso facilitado e boa conexão com as áreas mais relevantes da cidade. Essa via está em conformidade com os parâmetros geométricos definidos pelo Plano Diretor, conforme demonstrado na Tabela 2, o que reforça a viabilidade da implantação do projeto nesse local.

Tabela 1 – Horários de Ônibus Intermunicipais

VIAÇÃO	HORÁRIO	DIAS	TRAJETO
Sandra	5:20 6:20	Segunda à Sábado Domingo	Aiuruoca – Baependi – Caxambu – Belo Horizonte
Sandra	10:00 chegada às 11:00	Segunda à Sexta	Caxambu – Baependi – Aiuruoca
Sandra	11:15	Segunda à Sexta	Aiuruoca – Baependi - Caxambu
Sandra	11:00 chegada às 19:15	Segunda à Sexta	Belo Horizonte – Caxambu – Baependi – Aiuruoca
Santa Cruz	7:00 Chegada às 10:00	Segunda à Sábado	Juiz de Fora – Bom Jardim de Minas – Aiuruoca – Caxambu – Cambuquira – Três Corações Varginha
Santa Cruz	16:00 17:00	Segunda à Sábado Domingo	Varginha – Três Corações – Cambuquira – Caxambu – Aiuruoca – Bom Jardim de Minas – Juiz de Fora

Fonte: Prefeitura de Aiuruoca (2025). Adaptado pela autora (2025).

Mapa 10 – Hierarquia Viária e Expansão Urbana



LEGENDA:

- ÁREA DE ANÁLISE
- TERRENO DE ESTUDO
- ÁREAS VERDES
- CURSO D'ÁGUA
- LOTEAMENTOS
- VIA RURAL
- RODOVIA VARIANTE DA BR/267
- VIA COLETORA
- VIA LOCAL
- ÁREA INICIAL DE URBANIZAÇÃO
- EIXOS DE EXPANSÃO
- 🚌 PONTO DE ÔNIBUS
- VIA PENDONAL

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Tabela 2 – Parâmetros Geométricos das Vias

Características	Via	Via	Via
	Arterial	Coletora	Local
PASSEIO OU FAIXA DE CALÇADA	2,0	1,5	1,0
PISTA DE ROLAMENTO OU LARGURA DA VIA	10,0	7,0	6,0
CANTEIRO CENTRAL (OPCIONAL)	2,0	1,5	-
PISTA DE CICLOVIA (OPCIONAL)	-	-	-
LARGURA TOTAL DA VIA COM CALÇADAS	14,0	10,0	8,00

Fonte: Aiuruoca (2007). Adaptado pela autora (2025).

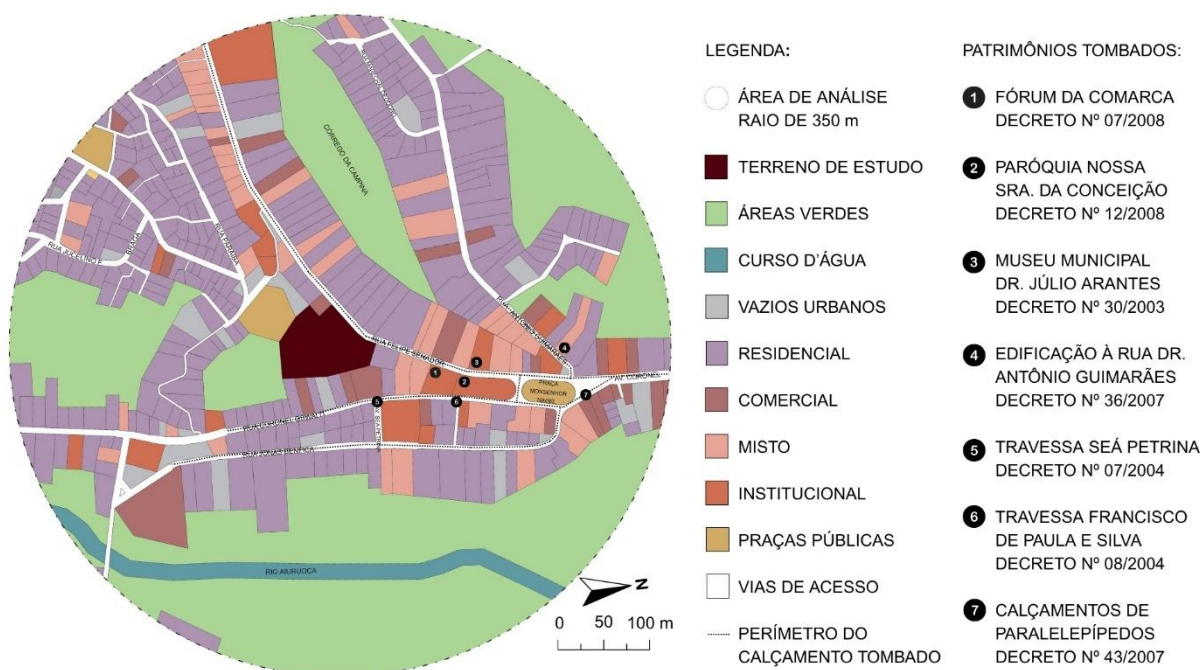
O Colégio Santa Edwiges, situa-se próximo aos bens tombados da cidade, apresentados pelo Mapa 11, ao norte está localizado o edifício da antiga cadeia, que não se encontra na área de análise, porém está relativamente próximo ao terreno, 505

metros a norte. Além disso, o prédio encontra-se próximo das três praças públicas da cidade: Praça Monsenhor Nágel, Praça Mouckaiber Zhouri e Praça do Pantheon, que atuam como locais de encontro, entretenimento e expressões culturais.

O uso e ocupação do solo espelham o processo histórico de construção e mudança urbana. Dentro de um raio de 350 m do objeto de estudo, nota-se uma utilidade variada, com uma predominância de residências e edificações mistas, particularmente na área central e nas proximidades dos principais corredores de tráfego. A escolha desse raio se justifica por abranger a área de influência direta do projeto, permitindo uma leitura mais precisa da dinâmica urbana imediata e das relações espaciais que impactam a proposta de intervenção.

Na região norte, muitas das antigas construções coloniais, foram modificadas ao longo do tempo para satisfazer as novas necessidades do centro urbano. Essas edificações passaram a ser utilizadas de maneira mista, unindo funções residenciais e comerciais, algumas delas reorganizadas de maneira geminada, mantendo a estrutura do tecido histórico preservada (Imagem 31).

Mapa 11 – Uso e Ocupação do Solo



Fonte: Produzido pela autora (2025).

As legislações e os parâmetros municipais são essenciais para a avaliação e diagnóstico de qualquer intervenção arquitetônica ou urbanística, uma vez que direcionam o uso e ocupação do solo, estabelecem limites para a construção e asseguram a harmonia entre o projeto e o contexto urbano (Vaz, 2006).

Neste viés, de acordo com o Plano Diretor, em novas unidades, o afastamento frontal mínimo deve ser de 3 metros para lotes com até 360 m² e de 5 metros para lotes maiores. Esse recuo será incorporado a calçada pública e não poderá conter construções (Aiuruoca, 2007). Já os afastamentos laterais, varia de acordo com o gabarito da edificação. Em caso de 1 pavimento, deve-se respeitar o recuo mínimo de 1,5 m. Já em construções que comportam pavimentos de 2 a 4 (inclusos pilotis), o afastamento será de no mínimo 2,0 m.

Em relação a permeabilidade do solo, será exigido que, no mínimo, 5% da área de cada lote permaneça permeável, tanto na Macrozona Urbana quanto nas Agrovilas, independentemente do uso. Essa metragem deve ser de uso comum e não poderá coincidir com espaços destinados à circulação ou estacionamento de veículos (Aiuruoca, 2007). As vagas por sua vez, em caso não residencial, serão admitidas 1 a cada 100 m² de área líquida construída (Tabela 3).

Além disso, a cidade possui parâmetros específicos para cada zona de possível implantação. De acordo com o mapa de zoneamento urbano de Aiuruoca (Mapa 12), o lote se enquadra na Zona de Urbanização Negociada – Tipo 1 (ZUN-1), que se classifica como área que já recebeu investimentos públicos em urbanização e apresenta infraestrutura consolidada. Ao limite norte do terreno, encontra-se a Zona de Proteção do Patrimônio Histórico (ZPPH).

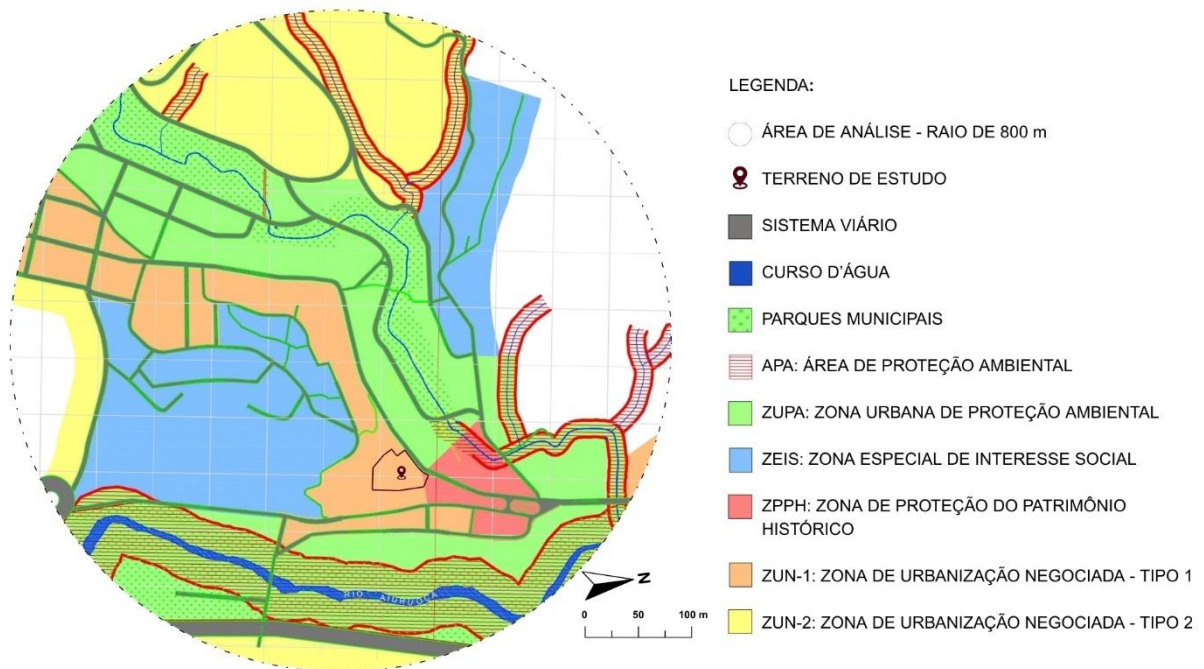
A Zona ZUN-1. Admite, portanto, a implantação de uso residencial, comercial e serviços, institucional e sob condições, o industrial de pequeno porte (Tabela 4). A proposta de projeto de uma pousada e gastrobar, se enquadra dentro do uso comercial, segundo a Tabela 5, deve-se prever os seguintes parâmetros: quota mínima de 180 m²; taxa de ocupação máxima de 50%; coeficiente de aproveitamento máximo relativo a 0,6 e permite gabarito de 2 pavimentos para as novas construções.

Tabela 3 – Vagas de Estacionamento

Categoria de Uso	Classificação da Via	Número Mínimo de Vagas 1
Residencial Multifamiliar	Ligação Regional / Arterial	vaga por unidade
	Coletora / Local Ligação	1 vaga para cada 90 m ² de área líquida construída
Não Residencial	Regional / Arterial / Coletora	1 vaga para cada 100 m ² de área líquida construída

Fonte: Aiuruoca (2007). Adaptado pela autora (2025).

Mapa 12 – Zoneamento Urbano



Fonte: Prefeitura de Aiuruoca (2005). Adaptado pela autora (2025).

Tabela 4 – Ocupação e Uso do Solo

ZONA OU ÁREA	Residencial	Agronegócio	Comercial e Serviços		Institucional		Industrial		
			Local	Geral	Local	Geral	Pequeno	Médio	Grande
ZUN I	A	NA	A	A	A	A	AC	NA	NA
ZUN II	A	NA	A	A	A	A	AC	NC	NA
ZPPH	AC	NA	A	A	AC	AC	NA	NA	NA
ZEIS I e II	A	AC	A	AC	A	AC	AC	NA	NA
ZUPA I	A	NA	A	A	NA	A	NA	NA	NA
ZEP	NA	A	A	A	NA	NA	AC	A	A
ZEI	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	AC	AC
ZRT	A	A	AC	NA	A	NA	AC	NA	NA
ZRA	A	A	AC	NA	AC	NA	AC	NA	NA
AIA I e II	NA	NA	A	A	A	A	NA	NA	NA
AIA III	NA	NA	NA	NA	A	NA	NA	NA	NA
AIA IV	NA	NA	NA	NA	AC	AC	NA	NA	NA
APP	NA	NA	NA	NA	AC	AC	NA	NA	NA

Legenda: A- Admitido; NA- Não Admitido; AC- Admitido sob Condições

Fonte: Aiuruoca (2007). Adaptado pela autora (2025).

Tabela 5 – Parâmetros Urbanísticos

Zonas	Tamanho do Lote Mínimo (m ²)	Quota Mínima Área do Terreno por Unidade Habitacional (m ²)	Taxa de Ocupação Máxima (%)	Coefficiente de Aproveitamento Máximo	Número de Pavimentos Máximo
Macro Zona Urbana					
ZUPA I	360	180	30	0,6	2
ZEIS I	200	100	60	1,2	2
ZEIS II	150	150	60	1,2	2
ZPPH	360	180	70	0,6	2
ZUN I	360	180	50	0,6	2
ZUN 2	360	45	50	1,0	4

Fonte: Aiuruoca (2007). Adaptado pela autora (2025).

A posição do terreno intensifica sua capacidade de integração com o ambiente urbano, através do Mapa 13, pode-se observar a localização dos principais equipamentos públicos nas imediações. Esta proximidade promove a

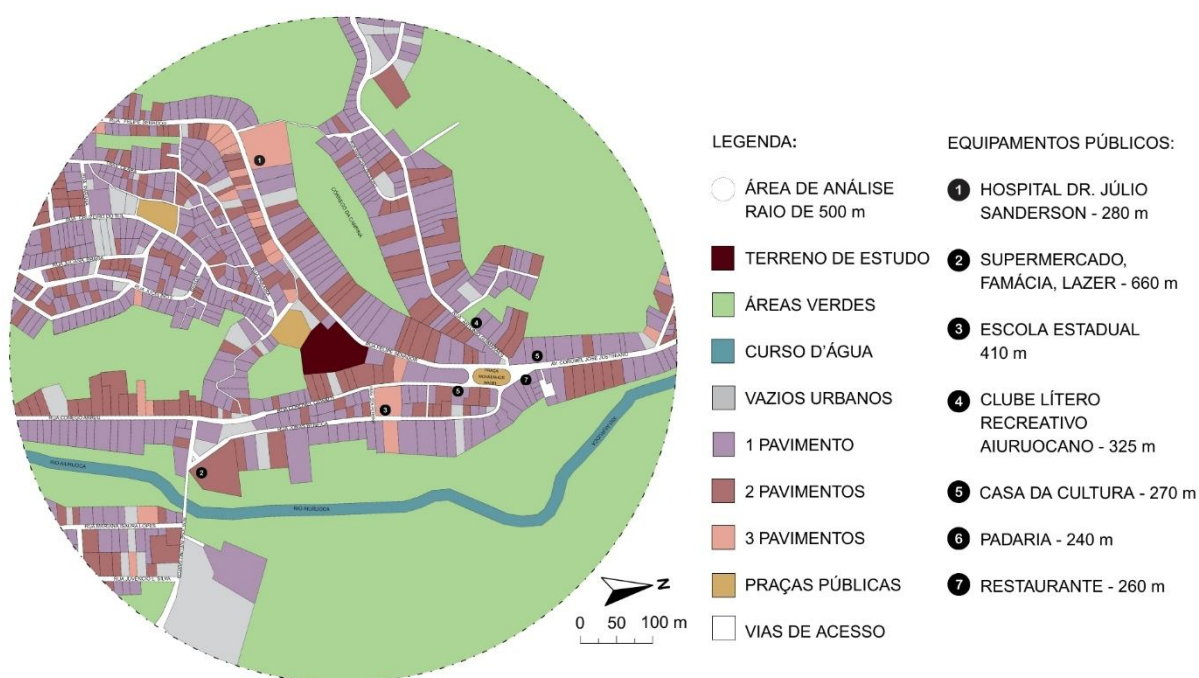
multifuncionalidade do território, diminui a necessidade de deslocamentos extensos, além de fomentar a vitalidade do espaço urbano, reforçar a segurança local e atrair um maior fluxo de pessoas.

Em continuidade ao estudo, as edificações existentes servem de apoio a novas implantações e simultaneamente, podem influenciar no projeto a ser desenvolvido.

A expansão prevista pelo Plano Diretor, delimita-se através da zona ZUN-2 (Mapa 12), que limita as novas construções a 12 metros de altura acima do alinhamento do nível da rua e no máximo 4 gabaritos (Aiuruoca, 2007). Parâmetro semelhantes ao da área de análise, qual possui predominantemente gabaritos de 1 pavimento, e novas construções e adequações com 2 a 3 pavimentos.

As alturas das edificações, portanto, não impactam negativamente ao terreno, entretanto, deve-se analisar o aclave acentuado da zona sul, qual influencia na obstrução da visualização do cartão postal da cidade, o Pico do Papagaio.

Mapa 13 – Gabarito das Edificações



Fonte: Produzido pela autora (2025).

Por conseguinte, o Mapa 14 apresenta a análise das condicionantes climáticas que exercem influência direta sobre o lote em estudo. Na porção sudoeste da edificação, observa-se a presença de um aclave acentuado, o qual interfere na

dinâmica dos ventos predominantes, com direção sul, conforme observado em municípios inseridos na mesma zona bioclimática de Aiuruoca, como é o caso de Passa Quatro/MG (Projetee, 2025). Nesse setor, a concentração de vegetação densa atua como barreira natural, modulando a circulação dos ventos, ao mesmo tempo em que contribui para sua filtragem e redirecionamento.

No que se refere à topografia, o aclave localizado nessa porção da análise também exerce influência significativa sobre o comportamento hidrológico da área. Devido à inclinação do relevo e à presença do bairro Vila Dr. Julinho, situado imediatamente acima, o escoamento superficial das águas pluviais tende a ser direcionado para os fundos do lote.

No sentido nordeste, o terreno apresenta um declive contínuo que, somado à elevação relativa do Colégio Santa Edwiges, favorece uma maior incidência de radiação solar sobre as fachadas norte e leste. Em contrapartida, a fachada oeste recebe insolação atenuada no meio da tarde, devido à presença de edificações vizinhas, que, embora respeitem o limite de até dois pavimentos, encontram-se em um nível topográfico mais elevado em relação ao lote analisado. No período de maior incidência solar, as paredes com alvenaria de 40 cm de espessura, auxiliam no conforto térmico.

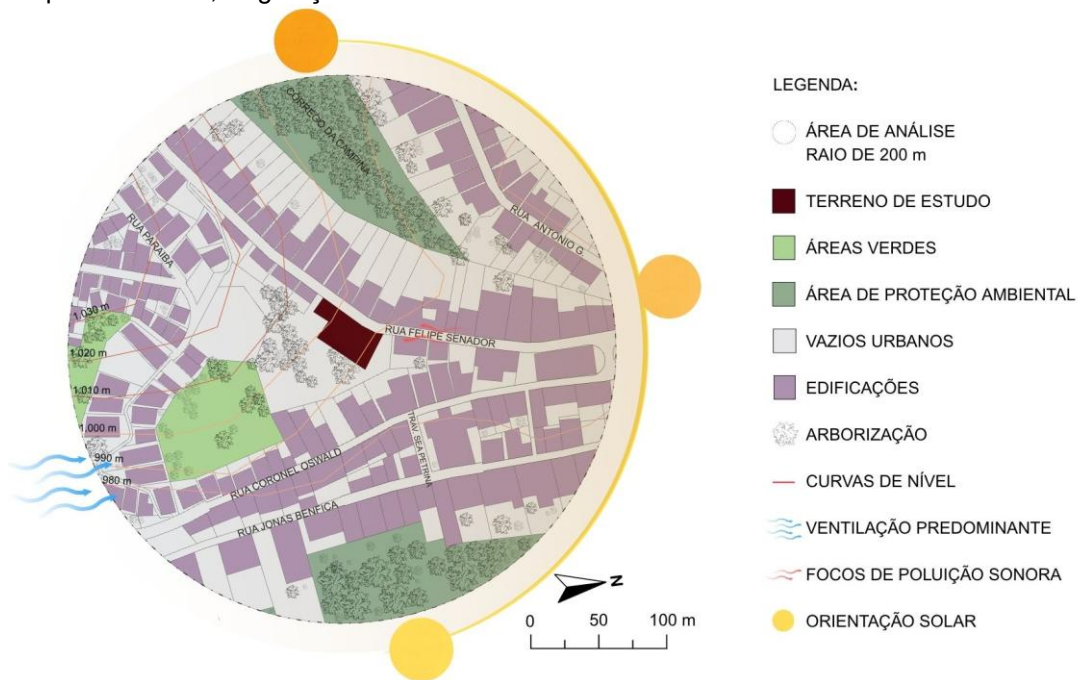
A edificação existente ocupa uma área de 932,7 m² de projeção (Figura 25), organizando-se em torno de um átrio central vazado de 64 m², o que permite iluminação e ventilação naturais, além de configurar um espaço de convivência interna.

Outro aspecto relevante diz respeito à poluição sonora advinda do tráfego na Rua Felipe Senador e da movimentação na Praça Monsenhor Nágel, localizada ao norte, qual sedia os principais eventos do município (Prefeitura De Aiuruoca, 2025). Esse fator torna imprescindível o estudo das condições acústicas e a cuidadosa definição da disposição dos dormitórios no projeto da pousada, de forma a garantir conforto aos usuários.

Adicionalmente, destaca-se o potencial da fachada leste (Imagem 31), que oferece uma vista privilegiada para a Área de Proteção Ambiental (APA). Devido ao desnível acentuado do terreno e às restrições legais de edificação na área, essa

visada permanece desobstruída, configurando-se como um recurso paisagístico relevante a ser valorizado na proposta arquitetônica.

Mapa 14 – Clima, Vegetação e Desníveis



Fonte: Produzido pela autora (2025).

No que diz respeito à topografia do lote, verifica-se um desnível de aproximadamente 20 metros ao longo de sua extensão de 3.678 m². Conforme demonstrado na figura 25, é possível visualizar as curvas de nível originais do terreno em preto, assim como as alterações morfológicas ocorridas ao longo dos anos, representadas em roxo. Essas modificações refletem intervenções antrópicas que transformaram parcialmente o perfil natural da área.

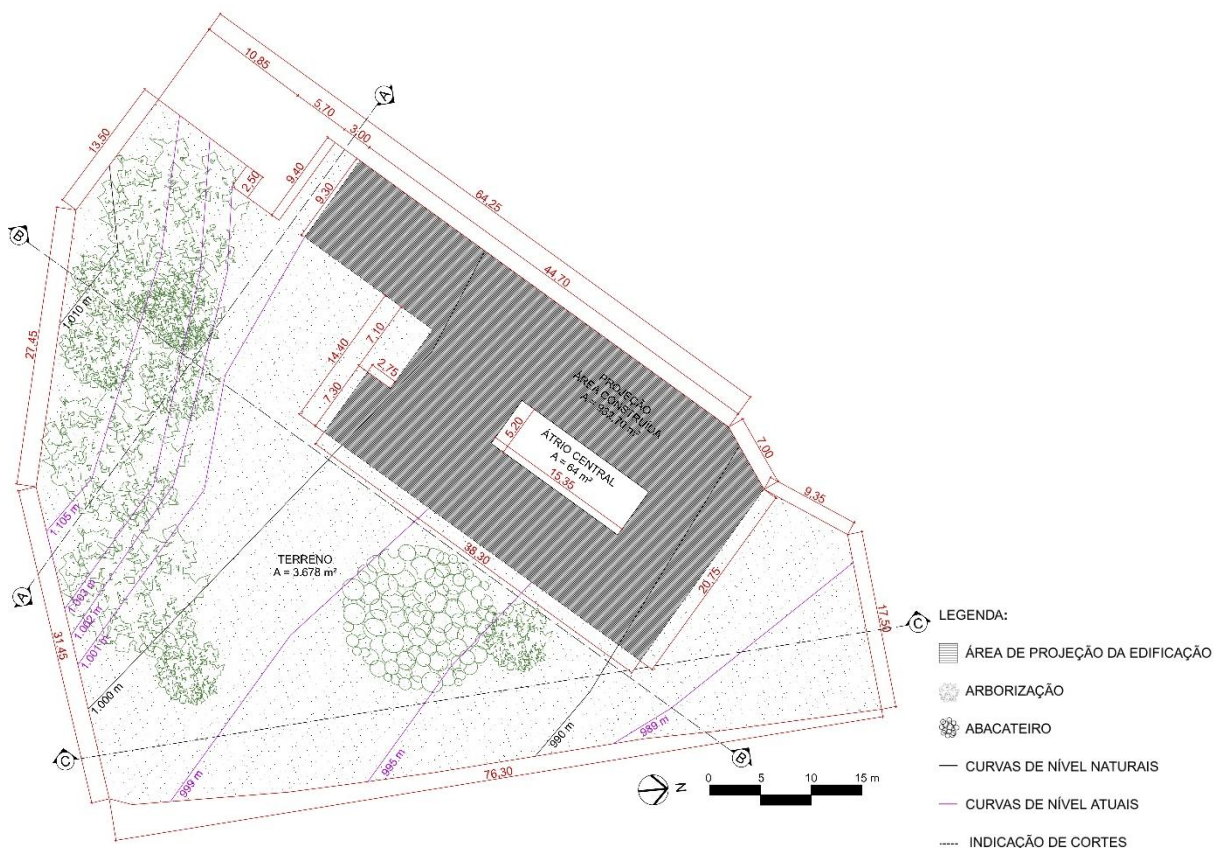
Para complementar as características físicas do terreno, identifica-se a presença de um maciço de arborizações não cadastradas, composto por vegetação espontânea e consolidada, que contribui de forma expressiva para a ambiência e o microclima local. E, diante do fluxo natural do escoamento pluvial, a manutenção da área verde existente nessa região mostra-se estratégica, uma vez que aumenta a permeabilidade do solo e auxilia na infiltração da água, reduzindo a velocidade do escoamento e mitigando riscos associados à erosão e ao acúmulo hídrico.

Destaca-se, ainda, a presença de um abacateiro nas proximidades da edificação principal, cuja preservação pode agregar valor à proposta paisagística,

promovendo uma relação equilibrada entre o ambiente construído e os elementos naturais.

No entanto, sua localização demanda atenção específica quanto ao planejamento do estacionamento previsto na área, de modo a evitar sua implantação diretamente sob a copa da árvore. Essa precaução visa prevenir acidentes decorrentes da queda de frutos sobre os veículos ou pessoas.

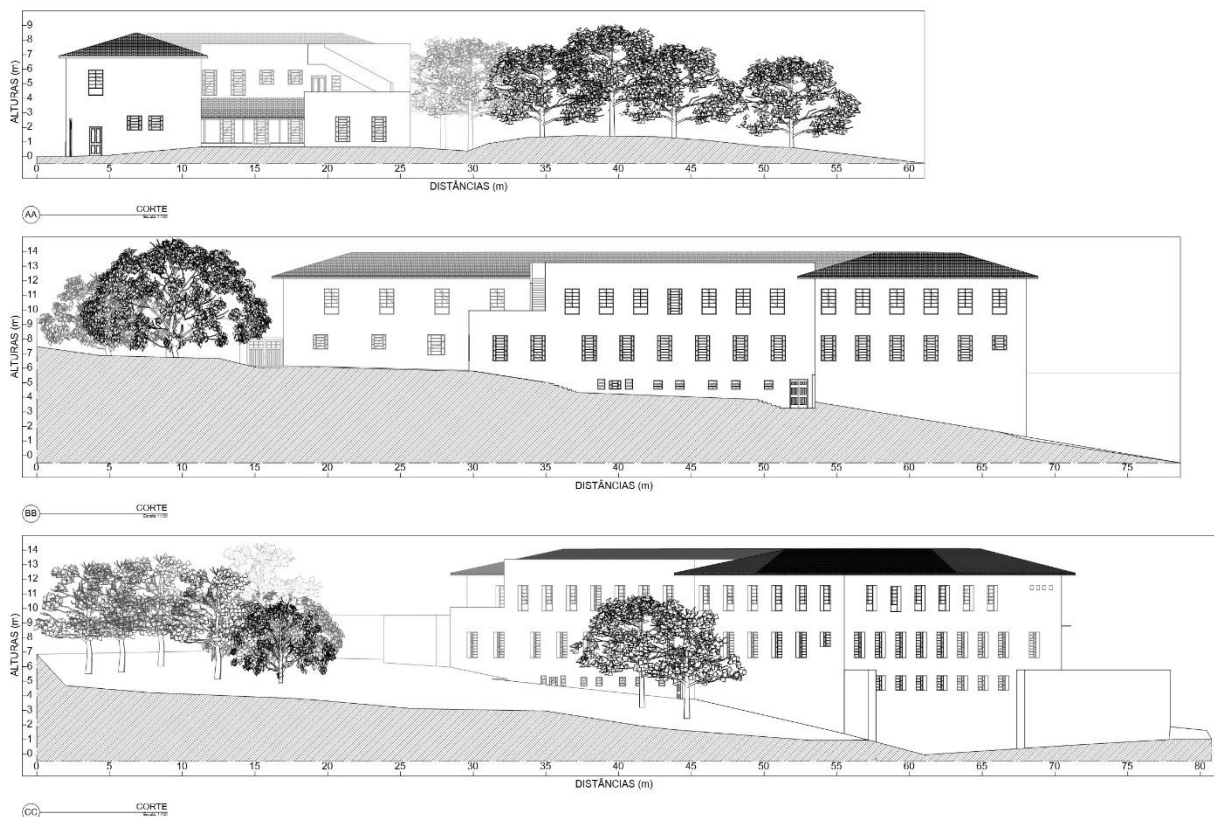
Figura 25 - Curvas de Nível e Modificações do Terreno



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Neste viés, foram elaborados cortes topográficos (figura 26) com o objetivo de representar o perfil atual do terreno após as modificações ocorridas ao longo dos anos. Esses cortes permitem a visualização das alterações na conformação original, evidenciando os desníveis e os ajustes feitos para a implantação da edificação existente. Diante desses aspectos, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem projetual criteriosa, que assegure a estabilidade e a segurança da proposta de retrofit, ao mesmo tempo em que valorize uma ocupação mais sustentável e integrada ao relevo natural do terreno.

Figura 26 - Cortes AA, BB e CC









Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Para subsidiar a elaboração do projeto de revitalização do Colégio Santa Edwiges, foi produzido um mapa de danos com o objetivo de identificar, registrar e analisar os principais comprometimentos presentes nas fachadas da edificação. As figuras a seguir ilustram, de forma detalhada, os pontos de deterioração observados, como trincas em alvenarias, descascamento de pintura, presença de umidade, vidros quebrados e demais patologias construtivas. Esse mapeamento visual é fundamental para compreender o estado de conservação do edifício e orientar as intervenções necessárias, garantindo que o projeto seja conduzido de maneira técnica, segura e respeitosa à integridade do patrimônio existente.

Figura 27 - Fachada Noroeste



LEGENDA:







- | | | |
|--|---|--|
|  DESCOLAMENTO DE PINTURAS |  PERDA DE MATERIAL |  ALVENARIA APARENTE |
|  MUSGO |  TRINCAS |  ARGAMASSA EXPOSTA |

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 28 - Fachadas Sudoeste e Nordeste



LEGENDA:







- | | | |
|--|---|--|
|  DESCOLAMENTO DE PINTURAS |  PERDA DE MATERIAL |  ALVENARIA APARENTE |
|  MUSGO |  TRINCAS |  ARGAMASSA EXPOSTA |

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 29 - Fachada Sudeste



LEGENDA:

- | | | |
|--|---|--|
|  DESCOLAMENTO DE PINTURAS |  PERDA DE MATERIAL |  ALVENARIA APARENTE |
|  MUSGO |  TRINCAS |  ARGAMASSA EXPOSTA |

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 30 - Fachadas Internas (átrio central)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Após examinar as leis urbanísticas, as condições naturais e antrópicas do terreno e analisar o entorno e suas influências, conclui-se que o diagnóstico realizado estabelece uma fundação robusta para a elaboração da proposta arquitetônica. Portanto, este estudo inicial direciona e apoia as próximas fases do trabalho, que serão detalhadas no próximo capítulo, onde será apresentada a concepção do projeto de reprofiteamento do Colégio Santa Edwiges.

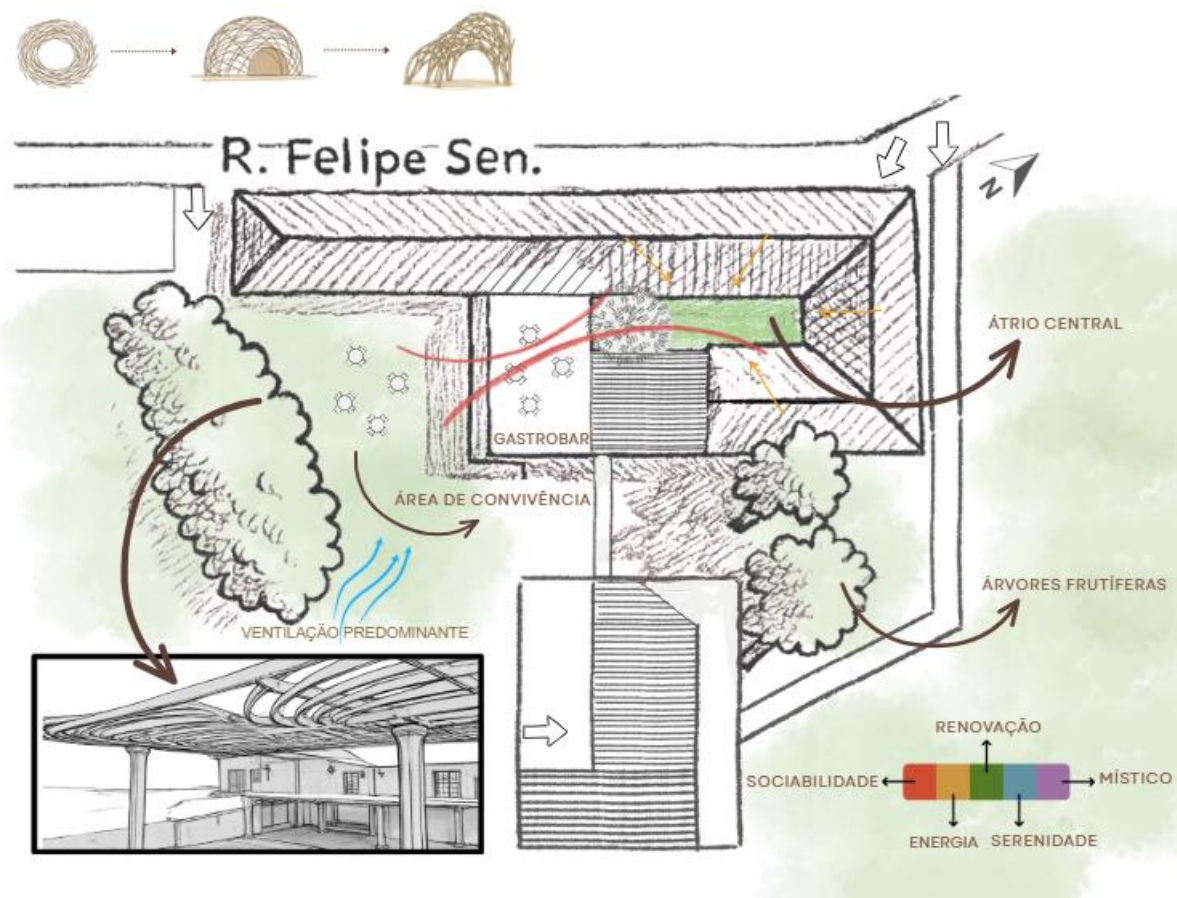
4.2 Conceituação Projetual

Inspirado na etimologia de Aiuruoca que, em tupi-guarani, significa “Casa do Papagaio”, o conceito se estrutura no estilo de vida gregário do Papagaio de Peito Roxo, espécie nativa ameaçada de extinção.

O comportamento da ave orienta o partido arquitetônico, reforçando relações de memória, pertencimento e convivência coletiva. Seu hábito fundamenta a criação de espaços de uso comum; o retorno contínuo ao mesmo ninho referência a importância de lugares que preservam identidade e história; sua vocalização marcante inspira a presença sonora e comunicativa do gastrobar; a plumagem vibrante orienta a paleta cromática e a identidade visual; a alimentação baseada em frutos nativos reforça o vínculo com o território e com os produtos artesanais da gastronomia local; e sua condição de espécie em risco simboliza o cuidado com aquilo que é valioso, a preservação do Colégio Santa Edwiges como patrimônio cultural.

Assim, o edifício histórico é mantido como “estrutura-ninho”, núcleo de memória e permanência, enquanto novos volumes se apresentam como “galhos” leves, abertos e reversíveis, assegurando diálogo e não concorrência com o bem tombado. A organização espacial busca continuidade visual e afetiva, evitando rupturas bruscas, os ambientes serão alocados em torno do átrio central (Figura X) para que seja um ponto de encontro, conexão. Materiais como madeira, vidro e metal leve reforçam a noção de transitoriedade e suavidade, evocando pousos temporários. A paleta incorpora roxos sutis, verdes musgosos, tons terrosos e texturas naturais, associadas à vegetação nativa que estrutura jardins e caminhos sensoriais, que deslocam a caminho dos frutos até a área de convivência aberta ao público, para que haja a troca entre moradores e turistas, reforçando a ideia de “viver em bando”.

Figura 31 - Partido Arquitetônico



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.3 Programa de Necessidades, Setorização e Fluxograma

A elaboração do programa de necessidades (Tabela 6) e da setorização constitui uma etapa fundamental no desenvolvimento do projeto arquitetônico, pois permite compreender, organizar e relacionar os usos que compõem o futuro espaço. Neste momento, são definidos não apenas os ambientes necessários, mas também o fluxo entre eles, por meio do fluxograma (Figura 32), garantindo que as circulações e relações funcionais ocorram de maneira lógica, eficiente e coerente com a proposta de revitalização.

A partir das diretrizes conceituais e das demandas identificadas para o funcionamento da pousada e do gastrobar, estabelece-se a disposição dos setores, diferenciando áreas íntimas, sociais, de serviço e administrativa. Esta organização assegura que as atividades se desenvolvam sem conflitos, otimizando tanto a experiência dos usuários quanto o desempenho operacional do edifício.

Paralelamente, realiza-se o pré-dimensionamento dos ambientes, que orienta as primeiras estimativas de área, proporção e necessidades espaciais específicas, servindo como base para as etapas posteriores do projeto. Assim, o conjunto formado pelo programa de necessidades, pela setorização e pelo fluxograma resulta em um esquema claro e estruturado, capaz de integrar funcionalidade, conforto e preservação do patrimônio, garantindo coerência ao processo projetual.

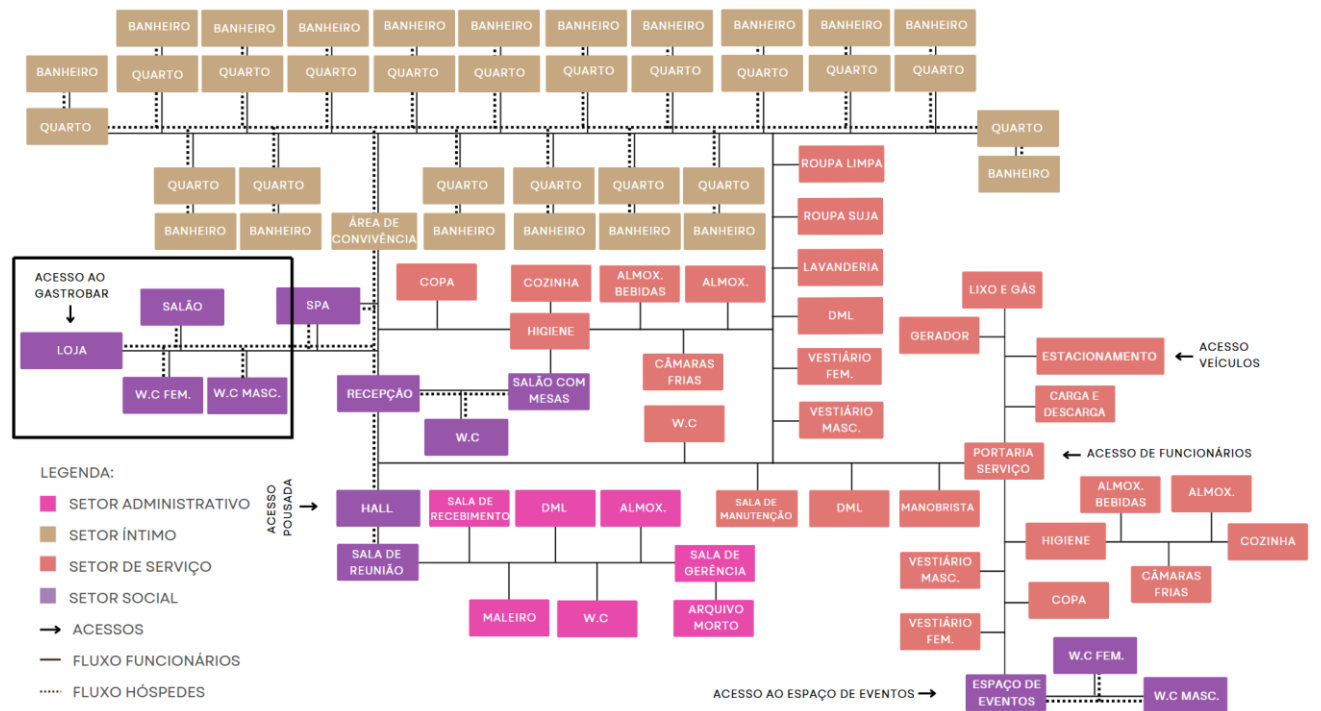
Tabela 6 – Programa De Necessidade E Pré-Dimensionamento

QUANT.	AMBIENTE	m ²	m ²	FUNC. FIXOS	LOTAÇÃO MÁXIMA
SETOR ADMINISTRATIVO					
01	Área de convivência	10	10		
01	Maleiro	05	05		
01	W.C PCD masc.	03	03		
01	W.C PCD fem.	03	03		
01	Almoxarifado	09	09		
01	Controle de recebimento	15	15		
01	Sala de gerência	20	20		
01	Circulação vertical				
	SUBTOTAL		65		

SETOR SOCIAL					
01	Hall	20	20		10
01	Recepção	50	50	3	25
02	W.C PCD Masc.	03	06		
02	W.C PCD Fem.	03	06		
01	Refeitório Pousada	100	100	2	50
01	Circulação Vertical				
01	Loja	50	50	2	10
01	Salão Gastrobar	100	100	5	50
01	Bar	18	18	1	5
01	Spa	50	50		
01	Pátio Cultural	150	150		
	SUBTOTAL		550		
SETOR ÍNTIMO					
18	Quarto	12	216		
18	Banheiro	03	54		
01	Quarto PCD	15	15		
01	Banheiro PCD	05	05		
01	Área De Convivência	50	50		25
	SUBTOTAL		340		
SETOR DE SERVIÇO					
01	Portaria Serviço	06	06	1	
01	Vestiário Fem.	20	20		
01	Vestiário Masc.	20	20		
01	Roupa Limpa	15	15		
01	Roupa Suja	15	15		
01	Dml	04	04		
01	Refeitório	20	20		
01	Cozinha Industrial	50	50	2	20
01	Almoxarifado	10	10		
01	Câmara Fria	10	10		
01	Câmara De Lixo	06	06		
01	Câmara De Gás	04	04		
01	Lavanderia	10	10	2	5
01	Gerador	24	24		
01	Carga E Descarga	08	08		
01	Manobrista	08	08	1	
	SUBTOTAL		230		
	TOTAL		1.185		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 32 - Fluxograma e Setorização



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

CONCLUSÃO

O projeto de retrofit do antigo Colégio Santa Edwiges demonstra a relevância de revitalizar edificações históricas por meio de usos que preservam a memória local e fortalecem a dinâmica urbana. A implantação de uma pousada e de um gastrobar surge como proposta capaz de unir patrimônio, cultura e desenvolvimento econômico, estimulando o turismo e valorizando a produção artesanal de Aiuruoca.

Guiado pela relação equilibrada entre o antigo e o novo, o projeto busca criar ambientes acessíveis, acolhedores e funcionalmente adequados, respeitando as características originais do edifício enquanto integra elementos contemporâneos que ampliam seu desempenho e sua permanência no território.

Paralelamente, considera-se a possibilidade de uma expansão urbanística para a Praça do Pantheon (Imagem 4), com o objetivo de fortalecer a articulação entre os espaços públicos do entorno. Essa expansão poderia envolver áreas verdes ampliadas, espaços culturais ao ar livre, pontos de convivência e percursos acessíveis, formando um eixo de ligação entre a praça e o Colégio Santa Edwiges e ampliando o impacto sociocultural do projeto.

Dessa forma, conclui-se que a proposta contribui para a preservação do patrimônio e para a ativação urbana de Aiuruoca, reafirmando a importância de um planejamento arquitetônico sensível, inclusivo e atento às demandas contemporâneas da cidade e de sua comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Gazeta FM. Aiuruoca, MG inaugura Fábrica de Bloquetes e avança na infraestrutura urbana e rural. 2025. Disponível em: <https://agazetarm.com.br/aiuruoca-mg-inaugura-fabrica-de-bloquetes-e-avanca-na-infraestrutura-urbana-e-rural/>. Acesso em: 6 maio. 2025.

Acervo Museu Municipal Dr. Júlio Arantes Sanderson de Queiróz - Aiuruoca MG. Memória Fotográfica de Aiuruoca do Século XIX e XX. Disponível em: <https://museumunicipaldrjuliosanderson.blogspot.com/p/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>. Acesso em: 15 maio. 2025.

Aiuruoca. Lei nº 2.210, de 25 de janeiro de 2007. Dispõe sobre a política de desenvolvimento e de expansão urbana do Município de Aiuruoca, institui o Plano Diretor de Desenvolvimento e dá outras providências. Aiuruoca: Prefeitura Municipal de Aiuruoca, 2007.

Aiuruoca - state of Minas gerais, 37450-000, Brazil. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Aiuruoca>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Ajuru - Sua Agência de Turismo e Pousada em Aiuruoca-MG - Mapas. Disponível em: <https://www.ajuru.com.br/mapas>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Appleton, João; Rodrigues, Hugo; Travassos, Nuno. REABILITAÇÃO DO ANTIGO CONVENTO DAS BERNARDAS EM TAVIRA: Abordagem em fase de projecto. 2009. (Engenheiro Civil, A2P Consult) Universidade do Porto, Lisboa, Portugal, 2009.

Araripe, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. Transinformação. Campinas – São Paulo, v. 16, n. 2, p. 111-122, maio/agosto, 2004.

ArchDaily Brasil: MAR – Museu de Arte do Rio / Bernardes + Jacobsen Arquitetura, 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-108254/mar-museu-de-arte-do-rio-bernardes-jacobsen-arquitetura>. Acesso em: 18 abr. 2025.

ArchDaily Brasil: Toro Gastrobar / Studio Arthur Casas, 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/783893/toro-gastrobar-studio-arthur-casas/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

Archello. TORO Gastrobar. Disponível em: <https://archello.com/es/project/toro-gastrobar>. Acesso em: 19 abr. 2025.

Arquitetura, Espaço de. Complexo residencial e turístico, Tavira, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://espacodearquitetura.com/projetos/convento-das-bernardas>. Acesso em: 11 abr. 2025.

Arquitetura Viva. Bernardas Convent, Tavira - Eduardo Souto de Moura. Disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/convento-de-las-bernardas-5>. Acesso em: 20 mar. 2025.

Arte Fora do Museu. MAR – Museu de Arte do Rio, 2020. Disponível em: <https://arteforadomuseu.com.br/mar-museu-de-arte-do-rio/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

Aparecida, Fabiana de Almeida. Narrativas preservacionistas na cidade: a trajetória da defesa do patrimônio de Juiz de Fora contada através de manifestações populares. Juiz de Fora: FUNALFA, 2015, Prefácio.

Barrientos, Maria Izabel G. G; Qualharini, Eduardo L. Retrofit De Construções: Metodologia De Avaliação. Conference: 10º Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. At: São Paulo. 2004.

Barthes, R. A Aventura Semiológica. Lisboa: Edições: 70, 1987. p.189.

Blog Porto Maravilha. A onda do Museu de Arte do Rio, 2012. Disponível em: <https://blogportomaravilha.wordpress.com/2012/04/27/onda/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

Brandi, Cesare. Teoria da Restauração. Copyright 1977 e Giulio Einaudi editore s.p.a, Torino. Roma: Edizioni di Sãorine Letteratura, 1963.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Artigos 215-216. Seção II, “Da cultura”.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Programa Monumenta. Manual de Elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural. Brasília, Ministério da Cultura, 2005.

Brida, Juan Gabriel; Lanzilotta, Bibiana; Risso, Winston Adrián. Turismo y crecimiento econômico: El caso de Uruguay. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, El Sauzal, Tenerife, v. 6, nº 3, p. 481-492, 2008.

Brito, Marcelo. Pressupostos da Reabilitação Urbana de Sítios Históricos no contexto brasileiro. In: Anais do “Seminário Internacional sobre reabilitação Urbana de Sítios Históricos”. Brasília, set. 2003. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.033/705>. Acesso em: 7 mai. 2025.

Caravela INFO. 2024. Aiuruoca - MG. Disponível em: <https://www.caravela.info/regional/aiuruoca---mg>. Acesso em: 6 maio. 2025.

Carvalho, Aivone; Silva, Dulcília Lúcia de Oliveira. Conservação preventiva, intervenção e restauro em acervo etnológico: sugestões metodológicas. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Brasil, n. 15-16, p. 347–355, 2006. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2006.89726. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revmae/article/view/89726>.. Acesso em: 3 abr. 2025.

Casa Vogue: Aberto o Museu de Arte do Rio – MAR. 2013. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/LazerCultura/noticia/2013/03/museu-de-arte-do-rio-mar.html>. Acesso em: 20 abr. 2025.

Cassemiro, L. Aiuruoca MG: guia completo com atrações, restaurantes e pousadas. 2024. Disponível em: <https://www.fuiserviajante.com/minas-gerais/o-que-fazer-em-aiuruoca/>. Acesso em: 6 maio. 2025.

Castilho, Ana Luisa Howard de. Consensos e dissensos no centro de São Paulo: significado, delimitação, apropriação e intervenção. 2008. 244f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo. 2008.

CPBA – Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos. Arquivistas São Paulo, 1997. Disponível em: <https://arqsp.org.br/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

Castriota, Leonardo Barci in Mestres e Conselheiros: Manual de atuação dos agentes do Patrimônio Cultural. Organização Marcos Paulo de Souza Miranda, Guilherme Maciel Araújo e Jorge Abdo Askar. – Belo Horizonte: IEDS, p. 217, 2009.

Castro, Luciano Dornellas. Análise sócio-econômica da Demanda Turística nas cidades que compõem o circuito mineiro das Águas. Belo Horizonte: UNA, 2007. 55. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2007.

Cavalcante, Lina Luz; Costa; Rodrigo Vieira. Cultura Alimentar Como Patrimônio Cultural Imaterial: o registro do ofício das baianas de acarajé. Pol. Cult. Rev., Salvador, v. 16, n. 1, p. 107-139, jan./jun. 2023.

Circuito das Águas. 2024. Disponível em: <https://circuitodasaguasmg.com.br/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Circuito Terras Altas Oficial. 2025. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/circuitoterrasaltasoficial/p/DHmOm4ox9SO/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

ClimaTempo. Climatologia de Aiuruoca - MG. Disponível em: <https://www.climatempo.com.br/climatologia/4798/aiuruoca-mg>. Acesso em: 6 maio. 2025.

Colégio Nossa Senhora do Rosário. Apresentação. Disponível em: <https://www.rosarioonline.com.br/apresentacao/>. Acesso em: 7 maio. 2025.

Companhia Carioca de Parcerias e Investimentos. Prefeitura Rio: Perimetral, 2023. Disponível em: <https://www.ccpa.rio/perimetral/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

Congregação Franciscana de Ingolstadt. 2023. Disponível em: <https://franciscanas.org.br/>. Acesso em: 7 maio. 2025.

Derby, Orville A. Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Gerais. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, v. 5, 1901.

Dica de Turismo. Aiuruoca - Minas Gerais - Serra da Mantiqueira. Disponível em: https://www.dicadeturismo.com.br/aiuruoca_minas_gerais.html. Acesso em: 25 abr. 2025.

Diocese da Campanha. Paróquia Nossa Senhora Da Conceição (Aiuruoca/Mg). Disponível em: <https://diocesedacampanha.org.br/paroquia/paroquia-nossa-senhora-da-conceicao-aiuruoca-mg/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Dominguetti, Caren Bueno; Melo, Graziela Iwamoto; Pereira, Virgínia Lara. Convento das Bernardas – Portugal. nov/2014. p.37. Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG, Varginha, MG, 2014.

Dos Santos, Ana Maria Pereira; de Souza, Romênia Oliveira. Estudo de caso sobre os aspectos econômicos do artesanato da associação dos artesãos da feira de artesanato - FEART, em Juazeiro do Norte - Ceará. Ciência e Sustentabilidade. Juazeiro do Norte, v. 2, n. 1, p. 124-148, 2016.

Empreendimentos Solidários. 2022. Disponível em: <https://www.guiadeservicosaiuruoca.com.br/atrativo/igreja-matriz-de-nossa-senhora-da-conceicao-de-aiuruoca/>. Acesso em: 2 maio. 2025.

Estúdio Arthur Casas. Toro gastrobar - projects. Disponível em: <https://www.arthurcasas.com/projects/toro-gastrobar/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

Equipe Viva Decora. Museu de Arte do Rio: um MAR de Cultura e História Para Você Visitar. Viva Magazine Blog, 18 mar. 2021. Disponível em: <https://arquitetura.vivadecora.com.br/museu-de-arte-do-rio/>. Acesso em: 15 abr. 2025

Fiorani, Donatela. Rilievo del degrado e diagnostica. In: CARBONARA, Giovanni (org) Trattato di restauro architettonico. Vol. 2, Utet: Torino, 2007.

FIPE. Fundação Instituto De Pesquisas Econômicas. Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil. São Paulo: FIPE/USP/EMBRATUR, 2006.

Flip 2025 Home. Disponível em: <https://www.flip.org.br/>. Acesso em: 19 abr. 2025

Froner, Yacy-Ara. Patrimônio Cultural: tangível e intangível. In: Castriota, L. B (Org.). Paisagem Cultural e Sustentabilidade. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG / IEDS, 2009, p. 91-103.

Furtado, José Geraldo Esquerdo. História e memória entre ruínas: o patrimônio ferroviário de Além Paraíba. 2015. 179 f. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2015.

Gai, Carolina Casarin; Schwanz, Angélica Kohls. A Descaracterização Do Patrimônio Edificado E A Preservação Do Patrimônio Cultural Em Centros Comerciais. 2020. RevInt - Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão. ISSN 2358-6036. v.8, 2020, p. 128-135.

Galeria da Arquitetura: Toro Gastrobar. Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/studio-arthur-casas/toro-gastrobar/2699>. Acesso em: 20 abr. 2025.

Geraldes, Eduardo. Patrimônio Ambiental Urbano. Atualizando o conceito para um turismo urbano possível. Revista UNIBERO de Turismo e Hotelaria, 2004. Disponível em <http://www.unibero.edu.br/download/revistaturismo/Marco04/>. Acessado em 26 mar 2025.

Gomes, Luiz Felipe. Serra da Mantiqueira: 20 atrações imperdíveis para visitar. Disponível em: <https://www.viajali.com.br/serra-da-mantiqueira/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Google Earth. 2022. Disponível em: <https://earth.google.com/web>. Acesso em: 14 mai. 2025.

Google Maps. Convento das Bernardas Residence. R. Arquiteto Eduardo Souto Moura 5, 8800-684 Tavira, Portugal. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Convento+das+Bernardas+Residence/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

Guia da Estrada Real. Museu Júlio Sanderson-Aiuruoca. Disponível em: <https://guiadaestrada.com.br/listings/museu-julio-sanderson-aiuruoca/>. Acesso em: 2 maio. 2025.

Guia do viajante: Aiuruoca, MG. 2020. Disponível em: <https://guiadoviajante.com/3029/aiuruoca-mg/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Guiame. 2014. Paraíso do ecoturismo, Aiuruoca preserva a natureza no sul de Minas. Disponível em: <https://guiame.com.br/vida-estilo/turismo/paraiso-do-ecoturismo-aiuruoca-preserva-a-natureza-no-sul-de-minas.html/>. Acesso em: 6 maio. 2025.

Guimarães, Mariana Emidio. Uma análise para retrofit da envoltória tombada visando a eficiência energética do Aeroporto Santos Dumont-Rio de Janeiro. 2017. 143f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

IAS – Instituto Água e Saneamento. O saneamento em Aiuruoca. Disponível em: <https://www.aguaesaneamento.org.br/municipios-e-saneamento/mg/aiuruoca>. Acesso em: 8 maio. 2025.

IBGE – Aiuruoca (MG). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/aiuruoca.html>. Acesso em: 26 abr. 2025.

IEPHA – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O IEPHA. 2016. disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/institucional/o-iepha>. Acesso em: 2 abr. 2025.

IEPHA/MG - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Mestres E Conselheiros: Manual de atuação dos agentes do patrimônio cultural. Miranda, Marcos Paulo de Souza; Araújo, Guilherme Maciel; Askar, Jorge Abdo (orgs). Belo Horizonte: IEDS, 2009.

INDE – Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais. Perfil socioeconômico do município de Aiuruoca (MG). 2023. Disponível em: <https://inde.gov.br/>. Acesso em: 6 maio 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília – DF, 2016. p. 134: il. Color, 21cm.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural / Elaboração José Hailon Gomide, Patrícia Reis da Silva, Sylvia Maria Nelo Braga. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Programa Monumenta, 2005.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Cultural. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/apresentacao>. Acesso em: 2 abr. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação Patrimonial. Brasília, Copyright, 2014a. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: 2 abr. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Paraty (RJ). Brasília, Copyright, 2014b. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/381/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Material. Brasília, Copyright, 2014c. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em: 2 abr. 2025.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Brasília, Copyright, 2014d. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/687>. Acesso em: 2 abr. 2025.

Jacobsen Arquitetura. Museu De Arte Do Rio. Disponível em: <https://jacobsenarquitetura.com/projetos/mar-museu-de-arte-do-rio/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

Jornal da EPTV, 1ª Edição. 2017. Igreja considerada marco histórico do Sul de MG comemora 300 anos de fundação. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/igreja-considerada-marco-historico-do-sul-de-mg-comemora-300-anos-de-fundacao.ghtml>. Acesso em: 2 maio. 2025.

Jornal Do Viajante. Aiuruoca: Um Refúgio Natural e Cultural nas Montanhas de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.jornaldoviajante.com.br/noticia/aiuruoca-um-refugio-natural-e-cultural-nas-montanhas-de-minas-gerais/>. Acesso em: 6 maio. 2025.

Jornal Panorama. Em Aiuruoca, transbordamento do rio alerta a população. Disponível em: <https://jornalpanoramaminas.com.br/em-aiuruoca-transbordamento-do-rio-alerta-para-a-populacao/>. Acesso em: 7 de maio. 2025.

Junior, Jonas Antônio Vieira; Tavares, Jean Max. Circuito Turístico Terras Altas da Mantiqueira: uma análise situacional a partir da percepção dos agentes ligados ao turismo. 2010. Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica. v3. 2010.

Jusbrasil. 2010. Iphan tem novas regras para a reforma em bens tombados. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/iphan-tem-novas-regras-para-a-reforma-em-bens-tombados/2520621/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

Le Saout, S., Hoffmann, M., Shi, Y., Hughes, A., Bernard, C., Brooks, T.M., Bertzky, B., Butchart, S.H.M., Stuart, S.N., Badman, T., & Rodrigues, A.S.L. (2013). Protected Areas and Effective Biodiversity Conservation. *Science*, 342, 803-805.

Lemos, Ana Carolina Lewer Delage. A ruína como ato de [r]existência: Estudo e Análise sobre o Palacete Fellet. 2017. P. 77. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora, 2017.

Lemos, M. E. S. O Artesanato como Alternativa de Trabalho e Renda. Subsídios para avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz – CE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza – CE, 2011.

Maciel, José Mauro. Ayuruoca nos Setecentos: Nossa terra, nosso ouro, nossa gente. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 25 out. 2014.

Marroquine, Hugo Kenzo Okamoto. A produção do espaço e o turismo nos Vales da Pedra e do Matutu – Aiuruoca/MG. 2016. Trabalho de Graduação Individual. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2016.

Mendes, Gabriela. Uma viagem por Aiuruoca e o Vale do Matutu, em Minas Gerais. Gira Mundo, 5 jun. 2018. Disponível em: <https://bloggiramundo.com/>. Acesso em: 2 maio. 2025

Menezes, Rafaela Beatriz Miranda. 2024. Guia de viagem para Aiuruoca, MG: melhores atrações e dicas. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/articles/aiuruoca-mg/>. Acesso em: 6 maio. 2025.

Mesquita, Janaina Faleiro Lucas. Aula: Reformar, restaurar, reconverter (retrofit), revitalizar, reconstruir e requalificar. Lavras, MG: 2023. 15 slides, color.

Ministério do Turismo. Paraty (RJ) recebe certificado de patrimônio mundial pela UNESCO. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2022/11/paraty-rj-recebe-certificado-de-patrimonio-mundial-pela-unesco>. Acesso em: 19 abr. 2025.

Moura, Dulce; Guerra, Isabel; SEIXAS, João; Freitas; Maria João. A revitalização urbana cidades – contributos para a definição de um conceito operativo. Comunidades e Territórios, n. 12/13, p. 15-34, dez. 2006.

Município de Tavira. Disponível em: <https://www.heraldry-wiki.com/arms/websites/Portugal/www.fisicohomepage.hpg.ig.com.br/tvr.htm>. Acesso em: 18 abr. 2025.

Niemeyer, Oscar. Conversa de arquiteto. Rio de Janeiro: Revan, Editora UFRJ, 1993.

Nobre, Sergio. Escola do Olhar. Arquitetura do Esporte e Cultura, 2013. Disponível em: <https://sergionobre.wordpress.com/tag/escola-do-olhar/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

O Museu - Museu de Arte do Rio – MAR, 2019. Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/o-mar/o-museu>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Oliveira, Josildete Pereira de; Tricárico, Luciano Torres. O Destino Turístico Praia Do Forte – Bahia: Análise Sob A Ótica Da Hospitalidade Urbana. 2023. Turismo, Visão e Ação, v25, n3, p598-615, set./dez. 2023.

Oliveira, Juliana Delgado. Novos usos do patrimônio cultural edificado: análise da requalificação para uso cultural do Mercado Público Municipal de Jaguarão/RS. 2017. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Produção e Política Cultural) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2017.

Palace Hotel. Caxambu/MG – Perto de Tudo. 2015. Disponível em: <https://palacehotel.com.br/aiuruoca/>. Acesso em: 15 maio. 2025.

Paraíso Dos Tucanos. Aiuruoca: história, cultura e gastronomia. Paraíso dos Tucanos. Disponível em: <https://paraisodostucanos.com.br/blog/aiuruoca-historia-cultura-e-gastronomia/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

ParatyTuors. Turismo Ecológico / Receptivo. Disponível em: <https://www.paratytuors.com.br/pt-BR/hospedagem/paraty/pousada-literaria/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

Paróquia Aiuruoca. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DImTQebRI_e/. Acesso em: 3 maio. 2025.

Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (Verbete). ISBN 978-85-7334-279-6. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>. Acesso em: 3 abr. 2025.

Pelegri, Sandra. A gestão do patrimônio imaterial brasileiro na contemporaneidade. História [online]. 2008, vol.27, n.2, p. 145-173.

Pereira, Jalmir De Medeiros. Aplicação Do Retrofit Em Conservação De Edificações – Estudo Na Literatura. 2022. Bacharelado Em Ciências E Tecnologia. Universidade Federal Rural Do Semi-Árido. Angicos – RN. 2022.

Portal Minas Gerais: Carnaval Antecipado de Aiuruoca. 2017. Disponível em: <https://www.minasgerais.com.br/pt/eventos/aiuruoca/carnaval-antecipado-0>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Portal Minas Gerais: Turismo em Minas Gerais. Disponível em: <https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/aiuruoca/natureza/pico-do-papagaio>. Acesso em: 2 maio. 2025.

Pousada Literária Paraty. Conheça a Pousada Literária de Paraty. Disponível em: <https://pousadaliteraria.com.br/sobre-a-pousada-literaria-de-paraty>. Acesso em: 19 abr. 2025.

Pousadas, Segredos de Aiuruoca. Disponível em: <https://segredosdeaiuruoca.wordpress.com/pousadas/>. Acesso em: 4 mar. 2025.

Prefeitura de Aiuruoca. 2025 Disponível em: https://aiuruoca.mg.gov.br/pagina/3_Historia.html. Acesso em: 10 mar. 2025.

Projeteee. Passa Quatro/MG. Disponível em: http://www.mme.gov.br/projeteee/dados-climaticos/?cidade=MG-Passa%20Quatro&id_cidade=bra_mg_passa.quatro.837370_inmet. Acesso em: 15 mai. 2025.

Santos, Leonardo de Souza. Retrofit De Edificações: Uma Visão Da Gestão Da Qualidade, Dos Prazos E Dos Custos. 2019. 91 f. TCC (Graduação) - Curso de Engenharia Civil, Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Santos, Luiz Henrique de Oliveira. 2022. A complexidade na compreensão dos atrativos naturais e o meio físico: um estudo sobre as Terras Altas da Mantiqueira, sul de Minas Gerais - Brasil. Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo, 16, 2369.

Silva, Rachel Caroline de Oliveira. Arquitetura gastronômica como lazer noturno: um gastrobar para o calçadão da rua Halfeld em Juiz de Fora. 2024. Graduação Em Arquitetura E Urbanismo. Universidade Federal De Juiz De Fora. Juiz de Fora, MG. 2024.

Sotratti, Marcelo Antônio. Revitalização. In: Rezende, Maria Beatriz; Grieco, Bettina; Teixeira, Luciano; Thompson, Analúcia (Org.). Dicionário IPHAN de

Souza, C. G. G. Patrimônio Cultural: o processo de ampliação de sua concepção e suas repercussões. Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília, n. 7, p. 37-66, 2008.

Souza, Thiago. Cultura Tupi-Guarani: religião, arte e modo de vida. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cultura-tupi-guarani/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Tablet Hotels. Pousada Literária de Paraty (Paraty, Rio de Janeiro State) Verified Reviews. Disponível em: <https://www.tablethotels.com/pt/paraty-hotels/pousada-literaria-de-paraty>. Acesso em: 19 abr. 2025.

Takizawa, Cleubi. História de Aiuruoca (MG). Cleubi.comBlogger, 12 ago. 2024. Disponível em: <https://www.cleubi.com/2024/08/historia-de-aiuruoca-mg.html/>. Acesso em: 6 maio. 2025

TexturaAqui. MAR – Museu de Arte do Rio, 2012. Disponível em: <https://teturaarqui.wordpress.com/2013/04/12/mar-museu-de-arte-do-rio/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. I. Definição do Patrimônio Cultural e Natural, Artigo 1. Paris, 1972.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Artigo 2: Definições. Paris, 2003.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura Mundial no Brasil. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazil>. Acesso em: 2 abr. 2025.

Vaz, José Carlos. Legislação de uso e ocupação do solo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

Veloso, Mariza. O fetiche do patrimônio. Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Goiânia, v. 4, n. 1, p. 437-454, jan/jun 2006.

Viollet-le-Duc, Eugène-Emmanuel. Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle). Paris, A. Morel: Getty Research Institute, 1875.

Viollet-le-Duc, Eugène-Emmanuel. Entretiens sur l'architecture. Paris, A. Morel et Cie Éditeurs, rue Bonaparte 13: NCSU Libraries, 1863.

Zanirato, Silvia Helena; Ribeiro, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. Revista Brasileira de História, v. 26, n. 51, p. 251-262, 2006.